

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

FÁBIO JOSÉ DA SILVA

**O DÂNDI E O BOÊMIO:
JOÃO DO RIO E LIMA BARRETO
NO MUNDO LITERÁRIO
DA PRIMEIRA REPÚBLICA**

Ilha de Santa Catarina inverno de 2008

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**O DÂNDI E O BOÊMIO:
JOÃO DO RIO E LIMA BARRETO
NO MUNDO LITERÁRIO
DA PRIMEIRA REPÚBLICA**

**Dissertação apresentada ao curso de
Pós-Graduação em História Social, da
Universidade Federal de Santa Catarina
Como requisito parcial para a obtenção
Do grau de mestre em História**

Ilha de Santa Catarina inverno de 2008

Dedico esta dissertação à Anna Luiza,

Amor da vida inteira.

Agradecimentos

Sem dúvida alguma esta é a melhor parte da dissertação, não porque significa que o trabalho acabou, mas, porque é nesse momento que se refaz toda a trajetória de, no mínimo dois anos. Desde quando entramos em uma turma de mestrado até quando marcamos a data da defesa muitas coisas acontecem, muita água passou sob as pontes. Enquanto que um dos literatos estudados aqui declara em um momento que queimou os navios para viver de literatura, eu acredito que devemos sempre manter as pontes da existência bem cuidadas e, sem dúvida alguma, o melhor trabalho que podemos ter é uma vida bem vivida e é sempre bom manter as velas e o casco do navio bem cuidado, nunca se sabe em quais portos vamos chegar.

Essa dissertação marca o encerramento de um ciclo, durante dez anos vivi ao redor da UFSC. Passei no vestibular, iniciei uma caminhada que jamais esperava que chegasse onde chegou, e ainda bem que chegou aqui. Com a conclusão de uma dissertação de mestrado, aprendi muito sobre a ciência da história, fiz muitas amizades, que duram esses dez anos e perdurarão por um bom tempo. Felizmente.

Quero agradecer a mais duradoura amizade na Ilha, a Gláucia que durante o tempo de feitura dessa dissertação se multiplicou em duas, e durante todo nosso convívio sempre foi uma segurança, profissional e humana, em um mundo tão inconstante ela foi sempre a pessoa em quem eu pude confiar.

Agradeço também, mesmo sem ser o Silvio Santos, às minhas colegas de trabalho, na escola em que trabalhei, e na que estou trabalhando, apesar do pouco tempo, é certo que estou aprendendo muito como aprendi antes; especialmente às colegas do Colégio Marte, que me fizeram entender melhor de educação e do afeto, citar nomes é difícil, mas, algumas ficaram no coração, Gislayne, Cristina, Cristiany, Eliane, Mery, Valéria, Mila, Zenita, Jane, Marion, Mariana, além de outras que não citei, mas guardo na memória. Um agradecimento especial aos meus alunos, fonte e cura para o mau humor, espero apenas não tê-los prejudicado.

O povo do grupo dos “Estéticos”, Ana Lúcia, Fátima, Miguel, Fernando, Cristiano, sempre muito bem humorados, dispostos a discutir e a fazer libações. Saudades das libações. A uma nova e antiga amizade, Janete, que leu e comentou atentamente os dois primeiros capítulos dessa dissertação; a Luana que não leu nem comentou nada, mas sugeriu que eu harmonizasse meus chacras, o que eu não fiz. Ao Jó que leu e comentou partes da dissertação, com ótimas sugestões e muitos incentivos.

Agradeço à Nazaré, da secretaria, sempre prestativa, mesmo quando a pergunta se repetia, por semanas e semanas. As professoras Maria de Fátima Fontes ‘de Sabedoria’ Piazza, um verdadeiro espetáculo; Cristina Scheibe Wolff, responsável pelas qualidades que tenho como historiador, espero não tê-la decepcionado.

Durante a feitura desse trabalho tive duas orientações, nos dois anos a professora Ana Lice, a quem devo o grande favor de me sugerir a troca de tema. Sou grato pelas muitas sugestões durante a feitura desse trabalho, por mais que tente agradecê-la, não encontro palavras para descrever o quanto ela me ajudou nesses dois anos com sua grande capacidade intelectual. Antes eu a admirava como intelectual sempre ativa, agora a admiro também como uma grande pessoa, com sensibilidade suficiente para cobrar na medida certa e dar a bronca no momento oportuno. No segundo ano, quando minha orientadora estava em estudos de Pós Doutorado o professor Reinaldo Lohn que fez ótimas sugestões e me ajudou muito nessa fase final da dissertação. Agradeço também os comentários da professora Tânia Regina de Oliveira Ramos na qualificação, foram todos de grande valia.

Minha família que viu todo meu sofrimento, e não entendeu muito bem o porquê, minha mãe, um ombro amigo e um bolso sempre aberto nas necessidades. Meu sobrinho que tanto me divertiu e que algumas vezes me tirou da frente do computador para irmos caminhar ou simplesmente brincar. Minha avó, que do alto de seus 95 anos sempre foi um bom exemplo. Meus tios, tias, primos, primas, todos torcendo por mim.

Os amigos, Aline, Juliana Darós, os Paulo's, Sandro, Tobal, Giórgia, Rangel, Milton, Vilmar, Marlon, Kati e João, obrigado, sobretudo e principalmente pela amizade, surgidas todas durante a construção do sujeito historiador. Só cheguei até aqui por ter amigos como eles. Certamente, esqueci-me de alguém, não foi

intencional, mais um dos meus erros que meus amigos não de perdoar; já estão acostumados.

Por último, agradeço à Anna Luiza, por oferecer um norte a uma vida em busca de sua estrela mais brilhante no céu da existência, estamos juntos há tão pouco tempo, e ao mesmo tempo, parece ser uma vida toda.

E, como esses agradecimentos já estão exagerados, agradeço a todos que me ouviram em algum momento falar disso, sem dúvida alguma eu teria iniciado o mestrado por mim mesmo, mas sem o apoio e ajuda de todos, essas páginas jamais seriam escritas. Obrigado e não esqueçam que em breve virá o doutorado.

Resumo

Compreender as relações estabelecidas entre Lima Barreto e João do Rio com o mundo literário é o objetivo desta dissertação. Para conseguir tal intento foram analisados seus escritos do calor do momento, as crônicas publicadas em jornais e posteriormente reunidas em livros, bem como biografias e o diário íntimo de Lima Barreto.

Cruzando informações buscou-se ver a trajetória de cada um dos escritores identificando seus momentos de clivagem, momento em que gravam seus nomes no mundo das letras do início do século XX. Esse momento de clivagem é muito importante, pois vai determinar caminhos diferentes para cada um dos escritores estudados. Lima Barreto, que em 1909 lança seu livro *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* e a partir daí começa seu caminho das pedras, tendo todas as portas do mundo literário, de suas instâncias de consagração fechadas a ele acaba por assumir um posicionamento mais agressivo contra o mundo estabelecido, procura-se neste trabalho analisar esse momento de clivagem. João do Rio, por sua vez, teve sorte diferente, até 1910, quando é eleito para a Academia Brasileira de Letras, trilha um caminho em que mistura uma independência intelectual com bons tratos aos que podem lhe ajudar a conseguir seus objetivos, transforma-se, aos poucos, de um jornalista do mundano para um cronista da elite esplendorosa da Capital Federal na segunda década do século XX.

Resumen

El objetivo de esta disertación es entender las relaciones establecidas entre Lima Barreto y Joao do Rio con el mundo literario. Para poder lograrlo analizamos las crónicas publicadas en periódicos y que luego fueron agrupadas en libros, así como biografías y el diario personal de Lima Barreto

Al cruzar informaciones intentamos ver la trayectoria de cada uno de estos escritores, identificando sus momentos de diferenciación, momento en el que graban sus nombres en el mundo de las letras en inicios del siglo XX. Ese momento de diferenciación es muy importante, ya que va a determinar los diferentes caminos para cada uno de ellos. Lima Barreto lanza el libro "Recordações do Escrivão Isaías Caminha" en 1909, y a partir de allí comienza su via-crucis. Encuentra con que las puertas del mundo literario se le cierran y termina asumiendo una posición más agresiva contra el mundo establecido.

Joao do Rio, por otro lado, tuvo otra suerte. En 1910, cuando es elegido para hacer parte de la Academia Brasileira de Letras, recorre un camino que mezcla independencia intelectual con buen trato con los que lo ayudan a llegar a sus objetivos, y se transforma poco a poco en un periodista y cronista de la elite de la fascinante capital federal en la segunda mitad del siglo XX.

Índice

Resumo	08
Considerações Iniciais	11
Capítulo I – Histórias e Sonhos.....	24
Capítulo II – Momento literário.....	59
Capítulo III – Impressões Sociais e Literárias	106
Considerações Finais	146
Fontes	152
Bibliografia	153

Considerações Iniciais

Essa dissertação vai tratar de dois literatos que fizeram sua história durante a Primeira República, na Capital Federal; Lima Barreto¹ e João do Rio (pseudônimo mais famoso de Paulo Barreto²). Ambos atuaram como jornalistas, escreveram romances, contos, posicionaram-se diante das mudanças que ocorreram na cidade do Rio de Janeiro durante os primeiros anos do século XX. Eles não atuaram lado a lado, mas ofereceram cada qual a seu modo, suas opiniões e deixaram o registro de que nem todos aceitavam as mudanças da maneira como elas estavam acontecendo.

O Rio de Janeiro estava se modernizando, mas nem todos os seus moradores teriam o privilégio de tomarem partido daquela mudança. A maioria dos habitantes da cidade foi excluída por serem pobres, negros ou os dois. As críticas levantadas por Lima e João serão muitas vezes na defesa dessas pessoas menos favorecidas; escrevo muitas vezes, porque João do Rio será mais dúbio em suas posições, fará várias críticas ao desenvolvimento da cidade e em outros momentos elogiará a burguesia, bajulará os poderosos de plantão tendo em vista algumas vantagens, olhando com esgar d'olhos para os pobres. O posicionamento de João do Rio não é muito difícil de precisar, apesar de que em muitas situações o escritor teve posicionamentos muito mais críticos do que se supõe à primeira vista, mas

¹ Nascido na cidade do Rio de Janeiro no dia 13 de Maio de 1881 e falecido na mesma cidade no dia 1 de Novembro de 1922.

² Nascido na cidade do Rio de Janeiro no dia 5 de agosto de 1881 e falecido na mesma cidade no dia 23 de agosto de 1921.

mesmo posicionando-se em favor dos operários há sempre um “quê” de superioridade em seus escritos.

Acredito que elaborar uma análise crítica sobre Lima Barreto seja um pouco mais trabalhoso; ao longo dos anos e após 1983, com a publicação de “Literatura como Missão”³ de Nicolau Sevcenko, instituiu-se uma leitura crítica de Lima Barreto da qual discordo em alguns aspectos. Após o trabalho de Sevcenko, estabeleceu-se um cânone que não foi mais problematizado por trabalhos que seguiram, qual seja o de identificar Lima Barreto como um literato extremamente engajado com a causa dos pobres desde sempre. Então, ao longo de minha pesquisa, em vários momentos, argumentarei com uma posição contrária aos vários trabalhos que seguem a linha de Sevcenko que partem do princípio de que Lima Barreto desde cedo fizera a opção pela marginália, em colocar-se ao lado dos mais pobres. É importante deixar claro que a crítica que teço não se refere ao trabalho de Sevcenko, mas a uma leitura de seu trabalho, que identifiquei em muitos outros e que resumiria na sentença “Lima Barreto e Euclides da Cunha lutaram desesperadamente contra o mundo burguês que se impunha à força no Brasil do início do século”⁴. Esses trabalhos citados e alguns outros tratam Lima Barreto como se tivesse sido um só, ignoram fases de sua vida, concentram-se

³ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

⁴ Essa posição pode ser encontrada em vários trabalhos, cito alguns: MACHADO, Maria Cristina Teixeira. **Lima Barreto: Um Pensador Social na Primeira República**. Goiânia: UFG; São Paulo: EDUSP, 2002. SILVA, Maurício Pedro **Entre a Hélade e o Subúrbio: Confrontos literários na Belle Epoque carioca (Lima Barreto x Coelho Neto)** São Paulo: USP, 1994 (Dissertação de Mestrado). FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. **Trincheira de Sonho: Ficção e cultura em Lima Barreto**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

muito no Lima Barreto já desiludido com os revezes da vida e, portanto, mais agressivo, deixando de lado o Lima Barreto sonhador, presente basicamente no diário. Tomam o homem pelo todo e esquecem o menino, o jovem sonhador que ansiava pela glória literária. Esse me parece ser o ponto principal entre Sevcenko e os livros que seguiram sua linha de análise, aquele se centrou na figura do escritor que se incumbia da literatura como forma de criticar os padrões burgueses em voga no início do século XX.

Ao contrário do que se cristalizou nos últimos vinte anos, parece-me que a postura crítica de Lima Barreto acabou por tomar um determinado rumo a partir de seu primeiro livro, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, o qual desagradou às pessoas satirizadas em seu texto bem como aos amigos destes. Com essa obra, acabou ganhando uma espécie de marca social e sua entrada nas “Igrejinhas Literárias” de então se tornou muito mais difícil. Entretanto, não foi apenas isso que prejudicou Lima Barreto e também João do Rio na realização de seus desejos.

Como é sabido, ambos eram mulatos, em uma sociedade ainda muito discriminatória, que não aceitava muito facilmente a ascensão de pessoas com suas características físicas. É bem verdade que há as exceções como Machado de Assis, José do Patrocínio, mas são exceções, não a regra. Como ambos eram insolentes, o acesso ao que queriam tornou-se ainda mais difícil. João do Rio não foi diplomata, que era seu primeiro grande desejo. Lima Barreto nunca foi aceito como escritor com algum valor pelos seus contemporâneos, apesar de como o próprio Lima Barreto conjeturou algumas vezes, o enorme silêncio que havia diante de suas

obras denotava que mesmo seus desafetos viam algum valor em seu trabalho. João do Rio atingiu a fama como literato, Lima Barreto alcançou essa mesma glória postumamente e hoje, a meu ver, é o grande escritor brasileiro das duas primeiras décadas do século XX. Houve outros escritores nesse período nebuloso e depreciativo chamado de “pré-modernismo” com livros tão bons quanto os de Lima Barreto, mas nenhum deles foi capaz de fixar, em suas obras, tipos tão verossímeis em uma quantidade tão grande como os que o escritor carioca conseguiu.

O que se percebe na leitura de Lima Barreto e João do Rio é que o Brasil republicano mantém ativos muitos costumes imperiais como o favorecimento de classe e de raça. O talento individual, mesmo quando tinha condições de se mostrar, não era totalmente aceito, havia a necessidade de que o indivíduo tivesse a ajuda de alguma figura ilustre da República das Letras ou mesmo do governo republicano. Havia sempre uma nódoa, um estigma social a prejudicar o talento que ousasse invadir a seara alheia. E uma leitura possível da obra ‘limiana’ é a de que houvesse sempre uma pedra no meio do caminho de suas personagens. Chamemos isso de cristalização da angústia, pois todas as suas personagens sofrem o choque da nova realidade que se constitui na Primeira República que estilhaça seus sonhos, impondo-lhes uma vida de privações e humilhações, não muito diferente da que foi vivida por seu criador. Mas, seria isso mesmo? Não pode haver outra explicação para os destinos de suas personagens que não a ligação direta, e em alguns casos superficiais, com seu criador? Concordo com

Sérgio Buarque de Holanda quando este afirma que “penetrar nos bastidores de sua vida é, de algum modo desvendar as raízes de sua arte”⁵, uma leitura aprofundada de vida e obra é necessária, especialmente às obras publicadas em periódicos.

Entretanto, discordo quando uma leitura historiográfica já cristalizada, a partir dos anos 1980, pretende ligar vida e obra de Lima Barreto como se sua literatura, seus escritos fossem um relato tal e qual aos acontecimentos de sua vida. Prefiro entender, como afirmam Chalhoub e Pereira, que toda obra literária está situada em um processo histórico e tem que ter questionadas suas características específicas,

Por exemplo, ao historiador resta descobrir e detalhar com igual afinco tanto as condições de produção de uma página em livro de atas, ou de um depoimento em processo criminal, quanto as de um conto, crônica ou outra peça literária. Cabe o mesmo interrogatório sobre as intenções do sujeito, sobre como este representa para si mesmo a relação entre aquilo que diz e o real, cabe desvendar aquilo que o sujeito testemunha sem ter a intenção de fazê-lo, investigar as interpretações ou leituras suscitadas pela intervenção (isto é, a obra) do autor; enfim, é preciso buscar a lógica social do texto. ”⁶

Um dos objetivos desse trabalho é interrogar, vasculhar, olhar do avesso algumas obras e a forma como elas se encaixam na vida e, dessa maneira, explicar a obra de Lima Barreto e de João do Rio, os sonhos desfeitos, as ofensas sentidas e guardadas intimamente, o não reconhecimento por parte da sociedade e de seus

⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Em torno de Lima Barreto. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Cobra de Vidro**. São Paulo: Perspectiva, 1978: 146

⁶ CHALHOUB, Sidney. PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (orgs) **A História Contada: Capítulos da História Social no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998: 8

pares. Certamente, nesse caminho há algumas possibilidades de relacionar suas posições literárias ao longo da carreira. Terry Eagleton sustenta que: “As obras literárias não são fruto de uma inspiração misteriosa nem são explicáveis em função da psicologia de seus autores. São formas de percepção, maneiras determinadas de ver o mundo”⁷. As obras de arte estão inseridas no mundo, refletem uma visão de mundo, para o bem e para o mal, esta é a maneira que pretendo abordar a literatura produzida por ambos. Mais à frente, Eagleton completa: “todo escritor ocupa um lugar individual na sociedade, reagindo a uma história geral, do seu próprio ponto de vista particular, interpretando-a nos seus próprios termos.”⁸

No caso dos autores em estudo, ambos os escritores interpretaram o mundo à sua maneira. O que se busca aqui é uma interpretação de seus objetivos e quem sabe até uma arqueologia de suas intenções escondidas, que podem ser lidas em eventuais revelações de foro íntimo que escapam aqui e ali em suas crônicas. As vidas de Lima Barreto e João do Rio foram tão interessantes quanto suas obras.

Ao pensar nessa dissertação, um dos motivos de sua elaboração foi justamente o de remar contra a maré. A maioria dos estudos a que tive acesso sobre ambos davam conta de que preferiam abordar a literatura e esquecer-se da vida. Levando em conta que, em especial no caso de Lima Barreto, os primeiros textos publicados sobre o autor relacionavam suas desgraças pessoais à sua literatura e essas pesquisas mais recentes queriam dar conta de uma nova forma de

⁷ EAGLETON, Terry. **Marxismo e Crítica Literária**. Porto: Afrontamentos, 1976: 18

⁸ EAGLETON, Terry. **Marxismo e Crítica Literária**: 20

pensar a literatura de ambos sem, entretanto, desvencilharem-se dessa forma de abordar sua literatura; porém, ao mesmo tempo valorizando o sofrimento em vida de Lima Barreto, principalmente, como se fosse esse sofrimento o responsável pela literatura que o autor desenvolveu. Essa atitude acaba por minimizar a capacidade criativa de Lima Barreto, uma vez que se não houvesse sofrimento, não haveria literatura, o que evidentemente é um absurdo.

Minha intenção é ir numa direção contrária a dessas pesquisas, o objetivo é estudar a vida de ambos observando, nos pontos em que literatura e vida se encontram, qual o nível de interferência que a realização ou não de sonhos favoreceu a literatura que fizeram. Não quero considerar os dois escritores como seres tocados pelos deuses da escrita, que produziram independentemente da situação em que se encontrava sua vida; ao contrário, penso ser mais adequado e honesto enxergar os dois como seres humanos com problemas e alegrias como quaisquer pessoas, que tinham vontades, sonhos, que iam aos cafés ver e serem vistos, que queriam ser lidos e cumprimentados por seus livros por serem obras de qualidade.

Enxergá-los e aproximá-los das pessoas comuns de seu tempo é mesmo um favor que se faz a eles. Pois muitos aspectos de suas obras poderão ser mais bem compreendidos, afinal como apontam Chalhoub e Pereira, “ao invés de pensar, de forma essencialista ou idealista, nas relações entre ‘literatura e história’, o que nos

interessa é inserir autores e obras literárias específicas em processos históricos determinados.”⁹

Estudar suas trajetórias, pessoais e profissionais, é tê-los mais desnudos do que se houvesse uma concentração em um aspecto ou em outro. Além disso, haverá neste estudo uma via de mão dupla, não teremos apenas o modo como a Avenida Central via o Brasil para além de suas fronteiras, mas também teremos o testemunho do Brasil sobre a Avenida Central.

Para ter uma leitura mais equilibrada, optou-se por privilegiar as crônicas dos escritores. Tendo em vista que há uma discrepância de ordem quantitativa entre a quantidade de romances produzidos por um e outro, além do fato de ter João do Rio se dedicado à escrita de peças de teatro, gênero no qual Lima Barreto jamais se aventurou. Esses romances e peças teatrais entrarão como exceção, como é o caso do primeiro livro de Lima Barreto, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, pois acredito que essa publicação determinou grandemente as relações futuras entre o autor e o mundo intelectual do início do século. Eliminando de maneira consciente a obra romanceada, nos resta a produção jornalística que equipara os escritores e, de certa maneira, os situa em campos opostos; questionar os motivos que levaram um e outro a assumir tal posto é uma das perguntas desse trabalho. Entretanto, referências aos romances de ambos respingarão aqui e ali durante todo o texto.

⁹ CHALHOUB, Sidney. PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (orgs) **A História Contada: Capítulos da História Social no Brasil**: 8

O que não será feito neste trabalho é uma análise pormenorizada e pontual da produção de romances dos dois escritores. Outro aspecto importante ao se escolher as crônicas é o fato de que elas oferecem uma chance de compreender quais eram os assuntos “quentes” da sociedade, aquilo que mais chamava a atenção dos leitores de jornais. Quer sejam os interesses da classe alta, suas curiosidades sobre o modo de vida dos pobres, os medos que tinham; quer sejam as reivindicações e o cotidiano dos menos favorecidos socialmente, de qualquer maneira isso tudo pode ser encontrado nas crônicas que aparecem nos jornais de época.

Outras perguntas dizem respeito às formas que a cidade e as reformas urbanas aparecem nas crônicas, às relações entre os ricos e os pobres, aos mundos diferentes que aparecem para a boa sociedade carioca, às reformas urbanas, às idéias políticas, às relações entre os intelectuais. As diferenças e semelhanças entre ambos dizem muito respeito à maneira como a vida profissional de cada um estruturou-se ao correr de suas vidas.

Ao abrir a possibilidade de se trabalhar no primeiro capítulo com as vidas dos escritores, não se está pensando em fazer uma biografia pura e simples em que a vida é contada como se fora um relato sem uma reflexão sobre as implicações que os acontecimentos têm na seqüência da vida dos sujeitos pesquisados bem como não se fará uma leitura de ‘vitimização’ dos pesquisados. Há dois trabalhos

biográficos mais completos do que se fará aqui¹⁰. O que se quer e se pretende é discutir alguns aspectos da vida dos autores e relacioná-los com as práticas sociais da época, a fim de se compreender em que grau isso pode ter influenciado na produção de cada um como agentes sociais do período, para isso muitos relatos, biografias, crônicas, memórias servirão de base para a pesquisa. Como escreve Norbert Elias, “para se compreender alguém, é preciso conhecer os anseios primordiais que este deseja satisfazer. A vida faz sentido ou não para as pessoas, dependendo da medida em que elas conseguem realizar tais aspirações”¹¹, compreender o quanto a frustração das aspirações de um e a realização das de outro contribuiu na forma de escrita e nas aspirações futuras de cada um é o que se vai buscar nesse primeiro capítulo. Outro ponto importante que se deve levar em consideração é que essa proposta não equivale a um resumo biográfico dos dois autores, ao contrário, exploro nesse primeiro capítulo aspectos que considero relevantes para os pontos que pretendo argumentar. Para o aprofundamento na vida dos literatos estudados aqui, apesar das críticas que se possa fazer, ainda é aconselhável as duas biografias de maior fôlego, a de Francisco de Assis Barbosa para Lima Barreto e a de Raimundo Magalhães Junior para a vertiginosa vida de Paulo Barreto, antes e depois de ser João do Rio.

Já no segundo capítulo, proponho um confronto de idéias, em que cada assunto será analisado pondo as opiniões de ambos frente a frente. Tendo como

¹⁰ BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002 [1ª edição 1953]. MAGALHÃES Jr., Raimundo. **A Vida Vertiginosa de João do Rio**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1978.

¹¹ ELIAS, Norbert. **Mozart: Sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1995: 13

orientador as conclusões do primeiro capítulo, investigo as possíveis contradições internas e as convergências e divergências de opinião dos escritores. Seu contato com o mundo letrado, com o mundo endinheirado e com o populoso mundo da pobreza carioca e brasileira, tudo isso serve como pano de fundo para o capítulo segundo para que as idéias sejam discutidas e as divergências e convergências sejam assinaladas e compreendidas. É, ainda, no segundo capítulo que serão destacados alguns indícios, depois aprofundados no terceiro capítulo, indícios que apontam as opções ao longo da carreira literária de Lima Barreto e João do Rio. E é neste capítulo que serão usadas mais a fundo as crônicas como ponto de apoio para a análise que se quer. A crônica é um gênero que mais proximidade traz entre leitor e escritor.

Ao cronista cabia a responsabilidade de buscar, dentre os acontecimentos sociais de maior relevo e divulgação, capazes de formar entre escritor e público códigos compartilhados que viabilizassem a comunicação, temas que lhe permitissem discutir as questões de seu interesse.¹²

Essa proximidade entre escritor e leitor favorecia uma possibilidade maior de se vislumbrar o que ia n'alma do escritor e do leitor, uma vez que havia pouco tempo para escrever o texto antes da publicação.

No terceiro capítulo, as transformações individuais serão analisadas, hipóteses trabalhadas nos outros capítulos, procurando dar um sentido para as opções literárias de um e de outro que, a meu ver, têm uma explicação. João do Rio

¹² CHALHOUB, Sidney. PEREIRA, Leonardo Affonso de M. NEVES, Margarida de Souza. (orgs) **História em Cousas Miúdas**. Capítulos de História Social da Crônica no Brasil. Campinas: UNICAMP, 2005: 11

e Lima Barreto têm, ambos, seu momento de clivagem quase na mesma época, 1909 para Lima Barreto, 1910, para João do Rio. Para este a mudança ocorrerá quando eleito para a Academia Brasileira de Letras, em 1910. Lima Barreto vai tornar-se mais crítico em relação à sociedade e ao mundo das letras após 1909 quando foi lançado seu primeiro livro, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*.

Há uma ligação muito forte entre esses limites temporais e a produção e a posterior avaliação de ambos no mundo das letras. Os dois literatos aparecem aqui como sujeitos e personagens dos temas que tratam, pois as opções que assumem se relacionam intimamente com seu cotidiano. Nas palavras de Chalhoub e Pereira,

O sentido de um autor ou obras literárias não se explica ou se esgota nas suas apropriações futuras – por ter virado cânone, ou até ícone, ou por ter supostamente ‘antecipado’ práticas narrativas de períodos ou movimentos literários posteriores, ou mesmo por ter sido esquecido, ou caído em desgraça, segundo os parâmetros traçados pelas vozes dominantes na crítica literária.¹³

As fontes para esse terceiro capítulo serão, principalmente, o Diário Íntimo de Lima Barreto e a biografia elaborada por Francisco Assis Barbosa. Como João do Rio não deixou um diário que fosse publicado, optou-se por continuar trabalhando com as crônicas, mas, destacando, neste capítulo os aspectos mais confessionais das crônicas, em que João do Rio deixa vislumbrar o sujeito Paulo Barreto. Além das crônicas a biografia elaborada por Raimundo Magalhães Júnior será de grande valia para que se possa chegar a alguma conclusão sobre a maneira como o escritor se relacionava com as pessoas com quem convivia.

¹³ CHALHOUB, Sidney. PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (orgs) **A História Contada**: 9

Obviamente, os textos de maior fôlego, romances, contos e peças de teatro não serão desprezados, servirão de apoio, mas não se configuram a parte mais substancial das fontes desta pesquisa.

Capítulo I: Histórias e Sonhos

No ano de 1881, já se pode notar a decadência do Império Brasileiro. O Exército está descontente, as idéias republicanas cada vez mais conquistam um número maior de adeptos, os herdeiros do trono, não inspiram muita confiança, as leis que gradualmente abolem a escravidão descontentam os fazendeiros. Ao mesmo tempo em que se nota a decadência do Império, pode-se perceber também certa esperança de um futuro melhor para o Brasil, baseado nos ideais republicanos; mesmo esses ideais sendo um tanto confusos e distantes do cotidiano da maioria dos brasileiros.

Naquele ano vieram à luz dois mulatos que, nas duas primeiras décadas do século seguinte dariam o que falar na cidade do Rio de Janeiro. Suas vidas começam a se desenrolar em um período bastante conturbado da história do Brasil; o Império agoniza, as lutas pela abolição da escravatura estavam a toda. Entretanto, no seu cerne, a sociedade brasileira ainda não sofria mudanças significativas. Ou seja, os pobres continuavam a passar necessidades, os ricos continuavam a importar hábitos e objetos da Europa.

Os literatos e uma parte da classe dirigente preocupavam-se em criar uma tradição da escrita no país, em criar modelos sociais, paradigmas em que o povo se

encaixasse, procurando criar uma nação. Estabelecer limites, dar uma data de nascimento, uma cor ao povo, uma forma aos espíritos, um fraque aos corpos.¹⁴

Essa busca pela criação de uma nação em muito se relaciona com a vida dos dois senhores estudados nessa dissertação: eles entraram no olho do furacão, não porque tenham se engajado nessa busca por uma vaga idéia de nação, em que os termos não estavam bem postos. Naquele contexto preciso, os dois escritores apresentavam algumas características que devem ser levadas em conta, como por exemplo, o fato de serem ambos mulatos. E ser mulato era uma característica distinta, negativamente, em um país recém saído da atividade do trabalho exercida basicamente por escravos. Além disso, ambos apresentavam desvios de conduta que os colocavam fora do padrão – Lima Barreto, alcoólico, João do Rio, homossexual –, e tinham uma audácia e uma independência intelectual que desconcertava a todos ao seu redor. O caminho usado para fazer a leitura dos artigos dos dois escritores passa, portanto, pela análise da construção da idéia de país, de nação pelos meios intelectualizados que discutiam um país que nem sempre condizia com o que se via ao passear de tálburi pelas ruas estreitas e não muito asseadas da capital federal.

Esse período inicial da vida de nossos personagens é relembrado com certa freqüência em seus escritos, os quais remetem com assiduidade à sua infância como algo agradável e com um quê de nostalgia. Mas, para além da nostalgia, pode-se ler também uma discussão histórica sobre os rumos que o país estava

¹⁴ WEBER, João Hernesto. **A Nação e o Paraíso**: A construção da nacionalidade na historiografia literária brasileira. Florianópolis: UFSC, 1997.

tomando. Nota-se que os dois literatos, ao contrário da maioria de seus pares, tinham uma visão um pouco mais acerba sobre os rumos que o progresso estava tomando na cidade do Rio de Janeiro. Progresso, na Capital Federal, tornava-se sinônimo de exclusão de pobres e benefícios para os ricos. E, analisados pelo viés da disputa pelo poder, é possível uma leitura dos acontecimentos da história nacional em termos estéticos e sociais quando a análise se centra em aspectos literários em vez de lamúrias existenciais. Em outras palavras, é possível rastrear em suas crônicas, e mesmo em sua literatura propriamente dita, suas opiniões sobre o processo de modificação pelo qual passava a cidade do Rio de Janeiro e, com um pouco mais de esforço, é possível identificar os seus motivos. Rastrear, ler a contrapelo, não se contentar apenas com o que está escrito, mas ir atrás do que está nas entrelinhas.

Em princípio, a primeira saída é ter as biografias mais completas dos dois escritores como porto seguro para a leitura de uma constituição social do escritor. No entanto, usar estas biografias é um processo complicado. Ambas acabam se deixando influenciar pelos mitos que se colaram às vidas dos dois escritores. Não se percebe onde existe o sujeito histórico e onde entra o sujeito ficcional. Tendo a concordar com Luiz Alberto Scotto quando afirma sobre a biografia de Lima Barreto escrita por Francisco de Assis Barbosa¹⁵, que essa obra:

Balizou grande parte a visão 'personalíssima' que a crítica literária localizou nas obras de Lima Barreto. Francisco de Assis Barbosa construiu uma biografia cronológica, detalhada e cheia

¹⁵ BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. (8 ed) Rio de Janeiro: José Olympio, 2002. [1ª Edição: 1953]

de vida, de passagens e tormentos daquele escritor. Todos os críticos utilizam-se deste livro e têm apresentado interessantes interpretações. No entanto, esta biografia acaba por consagrar uma visão que era, em última instância, a mesma que Lima Barreto tinha de sua própria vida.

O queixume, que caracterizou todo o discurso pessoal de Lima Barreto, invade esta biografia de forma definitiva e é determinante do que se escreveria sobre este autor. Francisco de Assis Barbosa, na verdade, reafirma a opinião pessoal de Lima Barreto e acrescenta razões, explicações, verdades para esta sua visão deprimida da vida. O livro termina com sua morte, num dia que 'chovia muito. Uma chuvinha miúda e persistente'¹⁶

Realmente, nessa biografia, quem atenta um pouco para a obra de Lima Barreto, em alguns momentos, acaba por se perder e sem saber se o que está lendo é uma biografia ou uma obra pós-moderna em que a vida de uma personagem real é fundida com a vida de personagens fictícias. No caso, criadas pelo próprio Lima Barreto, tornando-o o único escritor brasileiro em que a ficção representa toda a obra. Em nenhum outro caso se procura tantas relações entre a vida e a obra de um escritor. Conforme escreveu Scotto, "As preocupações biográficas, que têm os estudos sobre a obra de Lima Barreto, acabam ofuscando o profundo sentido social que se desvela a partir das paródias que constituem seus melhores trabalhos"¹⁷. É como se Lima Barreto, em vez de literatura, estivesse escrevendo seu diário em forma de ficção. É bem verdade que há momentos nos quais é possível ver a vida de Lima Barreto descrita em seus livros, mas não poderíamos ir além dessas questões biobibliográficas? Seria apenas Lima Barreto quem se pôs em demasia em seus livros? Em vez de vesti-lo com a fantasia de suas personagens não seria

¹⁶ ALMEIDA, Luiz Alberto Scotto de. **Lima Barreto: O cânone e o bêbado**. Florianópolis: UFSC, 1997. (Dissertação de Mestrado): 136-7

¹⁷ ALMEIDA, Luiz Alberto Scotto de. **Lima Barreto: O cânone e o bêbado**: 25

melhor identificá-lo, como acontece também, como um excelente observador do mundo a seu redor?

Já a biografia de João do Rio, escrita por Raimundo Magalhães Júnior¹⁸, é pontual ao extremo, é quase como um relatório de todos os passos seguidos pelo escritor. Em alguns momentos é o mesmo caso das obras servirem para explicar a vida do biografado. É bem verdade que, no caso de João do Rio, a mistura entre obra e vida é bem menor, mas, em determinados momentos, ocorre.

Fico me perguntando por que com essas duas figuras, essa mistura entre vida e obra acontece de maneira tão evidente. Por que será que José de Alencar nunca sofreu com o mesmo problema? Fico imaginando algum biógrafo mais imaginativo relacionando o sisudo senador com o apaixonado Peri, ou com o pragmático Seixas¹⁹. Sendo difícil de fazer isso, por que buscar em Lima Barreto e João do Rio tanta relação entre sua ficção e sua vida? É, de certa forma, desabonador, como se esses escritores não tivessem possibilidade de elaborarem literatura sem olharem para sua vida e tomá-la como modelo. A meu ver, as duas figuras têm sua importância para a história da literatura nacional pois, dentro de tantas qualidades, ajudaram a lançar um novo modo de fazer literatura e jornalismo. Esse novo modo de enxergar e descrever a nação é um passo adiante efetuado por jornalistas/escritores que querem alcançar um lugar ao sol, uma nova

¹⁸ MAGALHÃES Jr. Raimundo. **A vida vertiginosa de João do Rio**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira /Brasília: INL, 1978.

¹⁹ Peri é um dos personagens do livro *O Guarani*, de José de Alencar; Seixas é um dos personagens do livro *Senhora*, também de José de Alencar.

geração que chega um tanto mais ousada, querendo sobrepujar os já estabelecidos nos, nem sempre, confortáveis assentos da profissão.

O surgimento de Lima Barreto coincide com o instante em que na literatura a preocupação é definir uma nova atitude em face da mudança sob muitos aspectos radicais no enfoque da realidade brasileira. Seus escritos despontam num período dominado pela urgência de um novo estilo e as imposições concretas de uma realidade que não podia mais ser vista sob o ângulo ótico dos velhos modelos.²⁰

Tais modelos estão ligados à elite cultural e política, que, mesmo tendo abolido a escravidão e inventado uma República não supera seu preconceito. Mudanças de conceito por si só são problemáticas e cheias de conflitos, uma transformação sendo posta em marcha, dentre outros, por um mulato cheio de empáfia, era intragável; mesmo com um bom vinho francês, como vemos nesse trecho do Diário Íntimo:

Hoje à noite recebi um cartão-postal. Há nele um macaco com uma alusão a mim e, embaixo, com falta de sintaxe, há o seguinte:
'Néscios e burlescos serão aqueles que procuram acercar-se de prerrogativas que não têm. M.'
O curioso é que o cartão em si mesmo não me aborrece; o que me aborrece é lobrigar-se, de qualquer maneira, o imbecil que tal escreveu tem razão.
'Prerrogativas que não tenho'...
Ah! Afonso! Não te dizia...
Desgosto! Desgosto que me fará grande...²¹

As críticas nem sempre vinham anônimas. Mais à frente, em 31 de janeiro de 1905, Lima escreve em seu diário, "agita-me a vontade de escrever já, mas nessa

²⁰ PRADO, Antônio Arnoni. **Lima Barreto: O crítico e a crise.** Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1976:

21

²¹ BARRETO, Lima. Diário Íntimo. In. **Prosa Seleta.** São Paulo: Nova Aguilar, 2001:1250.

secretaria de filisteus, em que me debocham por causa da minha pretensão literária, não me animo a fazê-lo. Fá-lo-ei em casa.”²² O ambiente, como se nota, não era dos melhores, e, no fundo, mesmo o relacionamento com os amigos também não era alentador. Sobre um de seus grandes, e poucos, amigos, Bastos Tigre, escreve Lima Barreto, “é um tipo de literato do Brasil, esse meu amigo Tigre, inteligente, pouco estudioso, fértil, que usa da literatura como um conquistador usa das roupas – adquirir mulheres, de toda a casta e condição.”²³ E, no geral, a opinião era de que a jovem intelectualidade brasileira não era muito afeita aos livros e sim, como mandava a tradição, aos modelos vindos d’além mar, das ruas de Paris. A citação é longa, mas pertinente.

É incrível a ignorância dos nossos literatos; a pretensão que eles possuem não é secundada por um grande esforço de estudos e reflexão. [...]

Há dias conversando com o Tigre, ele me disse que esse Gorki não valia. [...]

Quando eu lhe disse que o Máximo tivera o Prêmio Nobel, ele se admirou – não sabia.

Entretanto, o Tigre é uma das esperanças da geração moderna. [...]

Eu tenho notado nas rodas que hei freqüentado, exceto a do Alcides, uma nefasta influência dos portugueses. Não é o Eça, que inegavelmente quem fala português não o pode ignorar, são figuras subalternas: Fialho e menores.

Ajeita-se o modo de escrever deles, copiam-se-lhes os cacoetes, a estrutura da frase, não há dentre eles um que conscienciosamente procure escrever como o seu médio o pede e o requer. [...] A pouco e pouco vou deixando-lhes de os freqüentar, abomino-lhes a ignorância deles, a maldade intencional, a lassidão, a covardia dos seus ataques.²⁴

²² BARRETO, Lima. Diário Íntimo: 1256.

²³ BARRETO, Lima. Diário Íntimo: 1252.

²⁴ BARRETO, Lima. Diário Íntimo: 1258-9.

Nesse trecho é evidente que a opinião de Lima Barreto sobre seus pares não é das mais animadoras, ao contrário, passam a maior parte por títeres, corpos sem alma que se valem da literatura para qualquer outra coisa menos para uma criação forte, robusta ao estilo que pretendia o escritor. A impressão que passa a leitura do diário do escritor é que a maior parte das pessoas com quem entretinha contato lhe causava cansaço ou, na melhor das opções, indiferença:

Vim à cidade e almocei com os Batistas, bons rapazes. Fui ao Leme, aborreci-me. O Metelo, um rapaz gago de Mato Grosso, caceteou-me enormemente. O Pereira, burro e sem nenhum relevo, encheu-me de sono a volta.

Por desencargo de consciência fui à casa do César Vilares, um bom rapaz, a quem devo vários favores, mas que é extraordinariamente aborrecido como companhia, pois por falta de hábito é um gauche conversador.

Esquecia-me de dizer que na sexta fui a casa do Artur, dancei e bocejei.²⁵

A maneira encontrada pelo jovem escritor para não se entediar com o mundo literato à sua volta foi a de restringir seu círculo de amizades, freqüentando apenas as pessoas com as quais tencionava fundar uma revista, seu amigo Alcides Maia e outros jovens literatos que ele não nomeia em seu diário. De qualquer maneira, fica claro que a opção de Lima Barreto é exercitar um novo tipo de escrita, com uma relevância social indo além da literatura como “sorriso da sociedade” para usar a expressão de Afrânio Peixoto. E, ele acreditava que estava no rumo certo, inclusive pelos elogios que recebera de José Veríssimo, o crítico de maior

²⁵ BARRETO, Lima. Diário Íntimo: 1260.

impacto da época, quando em 1907 lançara a Floreal, escreve no Jornal do Comércio sobre a Floreal:

[...] abro uma justa exceção como precedente, para uma magra brochurinha que com o nome esperançoso de Floreal que veio ultimamente a público e onde li um artigo. “Speranciano e Anarquia”, do Senhor M. Ribeiro de Almeida e o começo de uma novela “Recordações” pelo sr. Lima Barreto, no qual creio descobrir alguma coisa. E o escritor com uma simplicidade e sobriedade, e já tal qual sentimento do estilo que corroboram essa impressão.²⁶

Os elogios tecidos por José Veríssimo, para a revista e para os primeiros capítulos do que seria o livro de estréia de Lima Barreto, certamente, empolgaram o escritor, deram fôlego e asas aos seus sonhos de se fazer respeitado. Os primeiros elogios davam conta que ele estava no caminho certo, caminho que ele tanto ansiava, como escreveu “eu quero ser escritor, porque quero e estou disposto a tomar na vida o lugar que colimei. Queimei os meus navios, deixei tudo, tudo, por essas coisas de letras.”²⁷ E, essa ação de abandonar tudo pela literatura, uma literatura de denúncia, vai se tornar o móvel que dará um rumo a sua vida. O problema para o escritor é, que ao abandonar tudo “por essas coisas de letras” acaba por ficar sem qualquer apoio e ser privado de apoio externo, principalmente, era um temor para o escritor. Como ele escreve em seu diário, em 1903, sobre as dificuldades de conseguir alimento na época de estudante da Politécnica, a necessidade de fama já lhe angustiava; escreve ele, “Santo Deus, se depois disso não vier um futuro de glória, de que me serve viver? Se, depois de percorrido esse

²⁶ VERÍSSIMO, José Revista literária. In: SILVA, Elizabet Clemoni Nunes da - **Lima Barreto Rupturas**. Florianópolis: UFSC, 2002. (Dissertação de Mestrado em Letras): 17.

²⁷ BARRETO, Lima. Esta minha letra. In: **Feiras e Mafuás**. São Paulo: Brasiliense, 1956: 294.

martirologio, eu não puder ser mais alguma coisa do que o idiota do Rocha Faria – antes morrer.”²⁸. Que fique bem claro: essa fama que Lima Barreto tanto deseja é a que será proporcionada pelo mundo das letras, e não pela atividade de engenheiro.

Era um apoio que o escritor esperava encontrar dentro do mundo das letras, em especial do crítico José Veríssimo, particularmente depois da nota alentadora que receberam na coluna do crítico citada acima. As esperanças do escritor eram grandes, como fica explícito nessa nota de 5 de janeiro de 1908 em que faz um balanço do ano de 1907, escreve ele que:

O ano que passou foi bom para mim. [...] Neste [ano] andei um pouco, no caminho dos meus sonhos. Escrevi quase todo o Gonzaga de Sá, entrei para o Fon-Fon, com sucesso, fiz a Floreal e tive elogio do José Veríssimo, nas colunas de um dos Jornais do Comércio do mês passado. Já começo a ser notado. Pelas vésperas do Natal, fui ao Veríssimo, eu e o Manuel Ribeiro. Recebeu-nos afetuosamente. Ribeiro falou muito, doidamente, difusamente; eu estive calado, ouvi, dei uma opinião aqui e ali. Deu-me conselhos, leu-me Flaubert e Renan, aconselhando aos jovens escritores. Falou de nossa literatura sem sinceridade, cerebral e artificial. Sempre achei a condição para obra superior a mais cega e mais absoluta sinceridade.²⁹

Percebemos que Lima Barreto concorda com as opiniões de José Veríssimo: a escrita tem que partir de dentro, tem que ser honesta e não um amontoado de palavras como era a maioria do que se produzia em literatura no início do século XX. A segurança que Lima Barreto sentia crescer a respeito de seu nome se consolida em 1907, “já começo a ser notado”. Sem dúvida, já começava a ser notado, porém isso não era indício que poderia escrever o que quisesse sem sofrer

²⁸ BARRETO, Lima. Diário Íntimo:1213.

²⁹ BARRETO, Lima. Diário Íntimo:1275.

retaliações por parte do mundo literário caso algo que escrevesse criasse constrangimentos sociais. Acredito que Lima Barreto não tenha sabido ler as entrelinhas: os elogios de José Veríssimo à revista e aos primeiros capítulos do *Isaias Caminha* não significavam apoio incondicional.

O literato tinha, ao que me parece, três possibilidades de estréia no mundo das letras; *Clara dos Anjos*, esboçado em 1904; *Isaias Caminha*, que principiara a publicar com a Floreal em 1907 e, pelos seus relatos, o *Gonzaga de Sá*. Acredito que em função dos elogios públicos de José Veríssimo, a opção tenha recaído sobre o *Isaias Caminha*. E essa escolha foi clara, com o objetivo de chamar atenção sobre seu nome, conforme Lima Barreto mesmo deixa claro:

A obra que meditava, assim que travei conhecimento mais íntimo com a cozinha literária, percebi logo que me seria difícil publicá-la, sem que, antes eu adquirisse um certo nome, uma certa posição que me garantisse o bem querer dos livreiros. Demais, eu precisava anos para realizá-la, tal qual eu a meditava. Pobre, não me seria possível custear a impressão, e mesmo era preciso que eu fosse criando um núcleo de leitores. Resolvi, portanto, publicar alguma coisa que atraísse atenção sobre mim, que me abrisse às portas, como se diz, que me fizesse conhecido, mas queria pôr nessa obra alguma coisa das minhas meditações, das minhas cogitações, atacar em sínteses os inimigos das minhas idéias e ridicularizar as suas superstições e idéias feitas.³⁰

A publicação em sua totalidade do primeiro romance de Lima Barreto, a meu ver, foi um exercício daquilo que o escritor já vinha prenunciando em seus textos pessoais. Uma crítica ao *modus vivendi* do mundo literário em que ele gravitava. Há nesse livro uma profissão de fé, uma tentativa de marcar posição

³⁰ BARRETO, Lima. Cemitério dos Vivos. In. **Prosa Seleta**. São Paulo: Nova Aguilar, 2001.

diante de seus pares. E, essa busca por uma posição foi alimentada pelo incentivo explícito de José Veríssimo, que não conhecia o restante do livro, contudo acreditava que a obra em si era um exercício de literatura em muito superior aos livros publicados por outras pessoas. O que o crítico não esperava era que com o desenrolar do enredo a obra se transformasse em uma crítica ferina ao jornalismo praticado então. O golpe era dirigido em especial ao jornal *Correio da Manhã*. As personagens foram claramente inspiradas em vários profissionais desse jornal. “Ele chamou atenção sobre si como queria, mas atenção carregada de indignação e ódio que colocaria como preço de sua audácia a quase impossibilidade de editar suas próximas obras. Contra o escritor foi erguida uma barreira de ostensivo silêncio, só de vez em quando quebrada por uma ou outra voz que não lograva conter sua ira.”³¹

A crítica feita por Medeiros e Albuquerque e a posterior resposta de Lima Barreto, deixa uma fresta para que espiemos no gesto de surpresa por parte do escritor. A crítica que ele esperava era a que pudesse dar continuidade ao que já fora escrito por José Veríssimo e não a invectiva de Medeiros e Albuquerque, como escreve Alfredo Bosi:

Foram justamente essa aderência ao dado biográfico e o excesso de fatos de crônica jornalística que prejudicaram a fortuna crítica da obra, desde a leitura simpática, mas severa que lhe fez José Veríssimo em carta ao autor. O romance, logo classificado como à clef, padeceria de um número demasiado de referências pessoais, que o teriam impedido de ascender ao nível da ficção e

³¹ MORAIS, Régis de. **Lima Barreto**: Elogio da Subversão: 67

de realizar a passagem da observação empírica à forjadura da obra literária.³²

Claramente, Lima Barreto não soube lidar com as críticas advindas ao seu livro, “e o pior é que, nessas horas, Lima não se conseguia rir nem ironizar. Sofria desmedidamente. Muitos anos, depois ainda sangrava com os ataques ao seu livro, do qual ele esperava reconhecimento e glória.”³³ Como Lima Barreto escreve mais tarde, em um texto recolhido em *Feiras e Mafuás*, “faltam nas obras brasileiras as características das literaturas ricas: autonomia, independência de pensamento e variedade de execução.”³⁴

Desse ponto de vista, o que podemos notar é que a obra de Lima Barreto vai adquirir uma forma muito mais indigesta aos críticos de plantão; amarga ao gosto da época. Porém, é conveniente notar que esse caminho dissociado tão radicalmente do mundo literário só vai ser trilhado pelo escritor após a má recepção que seu *Isaias Caminha* tem por parte da crítica. Obviamente que o escritor já demonstrava, desde seus primeiros textos, um espírito de independência maior que o de seus pares, contudo a atitude de total separação só ocorre após o lançamento em livro de sua primeira obra. E, a partir daí, como se houvesse queimado todas as pontes com o mundo anterior, Lima Barreto segue em frente, tomando um caminho inverso ao dos literatos da época, o da discordância ativa do *establishment* literário e social.

³² BOSI, Alfredo. Figuras do Eu nas Recordações de Isaias Caminha. IN: **Literatura e Resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002: 187.

³³ MORAIS, Régis de. **Lima Barreto**: Elogio da Subversão: 68

³⁴ BARRETO, Lima. Esta minha letra. In: **Feiras e Mafuás**. São Paulo: Brasiliense, 1956: 173

A prática e os valores imperiais estavam muito vivos durante aqueles primeiros anos de República. A Belle Époque e todos seus 'valores modernizantes' representavam uma idéia de República que absolutamente não existia. Desta forma, os valores republicanos são de fachada, a elite cria para si um discurso absolutamente incompreensível e retórico, que tem a utilidade de esconder a força de uma ideologia conservadora, ao mesmo tempo em que cria a ilusão da modernização que não se realiza. É contra este discurso do poder que Lima Barreto trabalha sua literatura.³⁵

Lima Barreto partiu dos excluídos para compor sua literatura. Scotto afirma que: "O objetivo literário de Lima Barreto é desmascarar o discurso ideológico das elites brasileiras naquele Brasil da Velha República" ³⁶. Tenho alguma dúvida, acredito que Lima Barreto queria sim fazer uma literatura diferente da que estava fazendo, em todo seu diário essa vontade de se diferenciar é latente. Criticando um de seus maiores antagonistas, Coelho Neto, Lima Barreto acena com o que acredita ser o papel da literatura; escreve que:

A missão da literatura é fazer comunicar umas almas com as outras, é dar-lhes um mais perfeito entendimento entre elas, é ligá-las mais fortemente, reforçando desse modo a solidariedade humana, tornando os homens mais capazes para conquista do planeta e se entenderem melhor, no único intuito de sua felicidade.

[...]

Os literatos, os grandes, sempre souberam morrer de fome, mas não rebaixaram a sua arte para simples prazer dos ricos.³⁷

Desmascarar o discurso da elite e ao mesmo tempo não se deixar levar pelos encantos da burguesia endinheirada era uma das obrigações do escritor aos olhos de Lima Barreto. Contraditoriamente, acredito que um dos desejos de Lima Barreto

³⁵ ALMEIDA, Luiz Alberto Scotto de. **Lima Barreto: O cânone e o bêbado**: 26

³⁶ ALMEIDA, Luiz Alberto Scotto de. **Lima Barreto: O cânone e o bêbado**: 26

³⁷ BARRETO, Lima. Histrião ou Literato. 15/02/1918. In: **Impressões de Leitura**: 190-191

era ser aceito por essa mesma elite que ele tanto desprezava. Mas esse desprezo tinha um “quê” de jogo de cena, segundo Mônica Velloso que ao escrever sobre os intelectuais boêmios da geração de Lima Barreto, afirma:

Podemos pensar nos intelectuais boêmios como aqueles atores sociais que mais se identificam com a dramatização encenada pelo malandro. [...] Não enfrentam diretamente o poder, mas também não compactuam com ele. Têm uma posição extremamente ambígua, no sentido de que estão “dentro e fora da ordem”. Posicionam-se como outsiders, mas reclamam por estarem ocupando esse lugar na ordem social.³⁸

E, em Lima Barreto, ainda há as questões pessoais. Arnoni Prado escreve que o objetivo de Lima Barreto era “a superação dos velhos modelos”³⁹, a linguagem empolada dos parnasianos, a subjetividade melodiosa dos simbolistas. Entretanto, ao mesmo tempo, essa superação não era desejada da maneira radical como foi feita. E, acredito nisso em função de que, lembrando a citação de Mônica Velloso, os intelectuais boêmios, grupo em que se encaixava Lima Barreto não era tão radical assim em sua separação social. Somos levados então à opinião de João Paulo Rodrigues quando este afirma, sobre a boêmia literária, que ao cabo eles não eram tão radicais assim. Segundo ele:

O local de encontro ao qual [os boêmios literatos] mais gostavam de se referir é a Colombo, ponto de reunião dos janotinhas da cidade, o que me parece ser um sinal de pretensão à elegância e de aproximação com os burgueses que antes depreciavam. É claro que, como testemunha Luís Edmundo,

³⁸ VELLOSO, Mônica Pimenta. **Modernismo no Rio de Janeiro**: Turunas e Quixotes. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996: 152

³⁹ PRADO, Antonio Arnoni. **Lima Barreto**: O Crítico e a Crise: 34

outros lugares bem mais populares eram freqüentados, mas a Colombo recebe nas memórias uma centralidade única.⁴⁰

O que Lima Barreto queria, a julgar pelas suas cartas, era manter o respeito dos intelectuais com que se relacionava, e não uma quebra como, de certa maneira, acabou acontecendo. Em carta para Gonzaga Duque, de fevereiro de 1909, Lima Barreto está ciente de que *Isaías Caminha* irá escandalizar:

Mandei as Recordações do Escrivão Isaías Caminha [para editar em Portugal], um livro desigual, propositalmente mal feito, brutal por vezes, mas sincero sempre. Espero muito nele para escandalizar e desagradar, e temo, não que ele te escandalize, mas que te desagrade. Como contigo, eu terei grande desgosto que isso aconteça a outros amigos. Espero que esse primeiro movimento, muito natural, seja seguido de outro de reflexão em que vocês considerem bem que não foi só o escândalo o egotismo e a charge que pus ali.⁴¹

Essa sua atitude, extremamente ousada para a época, podia render tanto a glória, como, o que o escritor previa, muitas dores de cabeça; mas, como se percebe no trecho acima, esperava que isso não durasse muito. Afinal, ele via o *Isaías Caminha* como uma charge e, como aponta Mônica Velloso, charge era uma característica de sua geração. Todos os boêmios, como ele, utilizavam dessa forma de escrever.

As performances são incentivadas. O que pode começar como mero acaso, acaba sendo integrado como parte dessa dinâmica performática uma piada, um evento intempestivo, um detalhe no modo de se vestir ou de apresentar. Quase tudo acaba remetendo para um sentindo imanente: através das coisas, o indivíduo se revela continuamente...⁴²

⁴⁰ RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. A Geração Boêmia: Vida Literária em Romances, Memórias e Biografias. In: CHALHOUB, PEREIRA. **A História Contada: 253**

⁴¹ BARRETO, Lima. **Correspondência. [T. 1]** São Paulo: Brasiliense, 1961: 169

⁴² VELLOSO, Mônica Pimenta. **Modernismo no Rio de Janeiro: 98**

Pois bem, se as performances são incentivadas, o que deu errado e o que chocou tanto quando as *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* vieram a público? O livro de Lima Barreto afeta, diretamente ou através da caricatura, várias vaidades de intelectuais amigos e ainda expõe um jornal poderoso da época. Criar caricaturas foi a moda daquele momento, todos os literatos fizeram isso e fizeram muito bem. Debruçando-nos sobre as charges, caricaturas, quadrinhas feitas, percebe-se uma linha de conduta. Tomemos o líder reconhecido de todo o grupo no início do século XX, Emílio de Menezes, que por várias vezes tentou entrar na Academia Brasileira de Letras e acabou sendo barrado, até que em 1918 teve seu acesso aceito, segundo alguns, para evitar suas invectivas em forma de soneto contra membros da Academia. Emílio de Menezes redigiu, em resposta, a um artigo de Oliveira Lima que, “lhe chamava de bêbado, vadio e outras coisas injuriosas”⁴³, um soneto altamente satírico chamado de O Plenipotenciário da Facúndia:

De carne mole e pele bambalhona
Ante a própria figura se extasia,
Como oliveira – ele não dá azeitona,
Sendo lima – é quase melancia.

Atravancando a porta que ambiciona,
Não deixa entrar nem entra. É uma mania!
Dão-lhe por isso a alcunha brincalhona
De pára-vento da diplomacia

⁴³ SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do Riso**. A representação humorística na história brasileira: Da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002: 122

Não existe exemplar na atualidade
De corpo tal e de ambição tamanha
Nem para intriga igual habilidade

Eis em resumo, essa figura estranha:
Tem mil léguas quadradas de vaidade
Por centímetro cúbico de banha!...⁴⁴

Ou, escrevendo contra a eleição de Oswaldo Cruz para a Academia, em detrimento de sua candidatura, Emílio escreve:

Alexandre Dumas entrou para a
Academia Francesa, tendo como credencial
O seu romance Os três mosqueteiros.
Por que, então, não ser eleito o Oswaldo,
Que tem não três, mas milhares de
Mosquiteiros, toda uma legião
De mata-mosquitos?⁴⁵

Essas são palavras dirigidas aos inimigos do grupo, membros do governo oficial, cavadores de emprego, participantes do mundo oficial que era tanto criticado por todos. Já, as quadrinhas humorísticas, voltadas para os amigos do grupo eram bem mais amenas. Raul Pederneiras, companheiro de boêmia e caricaturista de várias revistas de humor, merece uma quadrinha também, no entanto, o teor é bem humorado:

Aqui jaz magro sujeito
Que foi boa criatura
Depois de estudar Direito
Formou-se... Em caricatura.⁴⁶

É visível uma diferença de tom entre as pessoas a quem se refere Emílio de Menezes. Aos amigos, quadrinhas engraçadas, carregadas de bom humor inocente,

⁴⁴ Citado in: SALIBA. **Raízes do Riso**: 122

⁴⁵ Citado in: VELLOSO. **Modernismo no Rio de Janeiro**: 103

⁴⁶ Citado in: VELLOSO. **Modernismo no Rio de Janeiro**: 105

até; aos inimigos, o peso da pena emiliana, uma pena que carrega consigo todo o peso de seu dono. Conforme Mônica Velloso:

No imaginário da época, os perfis satíricos adquirem força expressiva, funcionando como veículos infalíveis de difamação pública. De um lado, seus autores são temidos por revelarem determinados aspectos da realidade que se deseja encobrir, de outro, são reverenciados como “exímios lutadores”⁴⁷

Nas palavras de Mônica Velloso e nas palavras de Emílio de Menezes, a mim parece bem claro que o pecado de Lima Barreto com seu *Isaías Caminha*, foi o de ferir suscetibilidades que não deveria. Uma vez criado o melindre, ele continuou durante toda a vida do escritor, persistindo mesmo após sua morte. Elizabet Clemoni da Silva identificou na leitura crítica da obra de Lima Barreto, quer durante sua vida quer após sua morte “a predominância da postura extremamente estigmatizadora da obra do escritor”⁴⁸. Estigmatizada, a obra de Lima Barreto percorreu quase todo o século XX, chegando aos anos de 1970, sendo esquecida mesmo por aqueles mais próximos a si. Marcelo Balaban, escrevendo sobre as memórias de Bastos Tigre, publicadas na década de 1930 e rememorando a boêmia do início do século XX nota a ausência de um velho colega de Tigre:

Lima Barreto. Ele, que foi grande companheiro e amigo de Tigre nos tempos da Politécnica, não integra essas suas memórias. Apesar de idealizarem revistas, de terem trocado correspondência e de Barreto ser uma figura contumaz na república onde Tigre habitava, os laços de amizade que uniram

⁴⁷ VELLOSO, Mônica Pimenta. **Modernismo no Rio de Janeiro**: 105

⁴⁸ SILVA, Elizabet Clemoni Nunes da. **Lima Barreto: Rupturas** : 30

os dois não foram fortes o bastante para que Barreto integrasse as memórias de Tigre.⁴⁹

Além de Lima Barreto, parece a Balaban, e tendo a concordar com ele, que entre o grupo dos boêmios havia certa animosidade a João do Rio, conforme podemos vislumbrar pelo soneto composto, por Bastos Tigre em 1903 e já posto no intróito deste trabalho. Além desse soneto, outra quadrinha que muito insinuava a respeito da vida de João do Rio foi composta por Emílio de Menezes, após ter sido preterido na vaga que Guimarães Passos ocupava na ABL. A vaga ficou com Paulo Barreto, Emílio escreve, então, sobre João do Rio:

Na previsão dos próximos calores
A Academia que idolatra o frio,
Não podendo comprar ventiladores
Abriu as portas para o João do Rio...⁵⁰

Mas, antes de ser João do Rio uma figura ímpar nas duas primeiras décadas do século XX na cidade do Rio de Janeiro, houve uma criança chamada Paulo Barreto.

Nascido no dia 5 de agosto de 1881 na Rua do Hospício o menino que iria infernizar a vida de todos nas duas primeiras décadas do século XX, o pequeno Paulo Barreto, que sendo chamado pelo seu nome de batismo poucas pessoas fora dos círculos acadêmicos conseguem lembrar-se de quem se fala, e, ao escrever seu pseudônimo, João do Rio, pode ser que não mude muita coisa. Hoje em dia, a figura atarracada e exótica de João do Rio é praticamente esquecida de todos os

⁴⁹ BALABAN, Marcelo. Memórias de um demônio aposentado. In: CHALHOUB, Sidney. PEREIRA, Leonardo Affonso de M. NEVES, Margarida de Souza. (orgs) **História em Cousas Miúdas**. Capítulos de História Social da Crônica no Brasil: 390.

⁵⁰ MAGALHÃES Jr. Raimundo. **A vida vertiginosa de João do Rio**:126.

que não circulam pelos meios intelectuais, seus livros não caem em listas de leitura para vestibular, não é visto como um defensor dos mais pobres, mas no momento em que vivia, podia gabar-se de ser tudo, menos indiferente às pessoas. Era uma das figuras mais comentadas durante as duas primeiras décadas do século XX, suas crônicas sobre os hábitos e costumes das classes pobres eram aguardadas com ansiedade, o senhor Paulo Barreto, queridíssimo pela mui respeitosa elite fluminense. Como escreve João Carlos Rodrigues, “suas freqüentes viagens ao exterior, e as crônicas de lá enviadas, também foram motivos de irritadas chacotas, em geral advindas de provincianos invejosos, aos quais faltava dinheiro e informação para fazer o mesmo.”⁵¹ Talvez, descontada a paixão nessa afirmação de João Carlos Rodrigues, o que havia era um despeito mútuo, afinal, como é sabido, João do Rio tinha uma língua afiadíssima. Filho de um professor de matemática positivista herdou dele a paixão pelos livros.

Da mãe alegre e vivedora, herdou os dengues, as molezas e os trejeitos. Dessa educação antagônica nasce uma personalidade desconcertante, paradoxal e vivaz que é João do Rio, considerado pelos críticos estudiosos de sua obra como o mais carioca de todos os cronistas.⁵²

A acreditarmos na biografia de Raimundo Magalhães a infância de João do Rio foi calma e tranqüila, nada parecida com a vida caudalosa que ele levou durante o século XX e que começou a se prenunciar em 1899, quando publica no diário *Cidade do Rio* um artigo extremamente violento contra o grupo de

⁵¹ RODRIGUES, João Carlos. A flor e o espinho. In: RIO, João do. **Histórias de Gente Alegre**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981: IX

⁵² DOMINGUES, Chirley. **João do Rio: A femme fatale dos palcos da Belle Époque**. Florianópolis: UFSC, 1998 (Dissertação de Mestrado): 31

simbolistas que se opunham ao parnasianismo de Bilac, Alberto de Oliveira, Raimundo Magalhães e outros tantos. Logo depois de publicado João do Rio, a crer em suas memórias, mostrou-se arrependido, “à noite eu vi o artigo, idiota e cheio de gralhas. Ia pela Rua do Ouvidor, quase chorando da minha mediocridade.”⁵³ Apesar disso, foi pago regiamente. Seu biógrafo questiona essa informação dizendo que nessa época em que o artigo saiu o jornal de Patrocínio não andava muito bem de finanças. Segundo Magalhães, o exagero do pagamento que segundo ocorreu na visão de João do Rio “dá à primeira vista uma impressão de exagero ou distorção dos fatos, por vaidade profissional ou simples gabolice.”⁵⁴, e eis que temos em duas páginas alguns adjetivos que irão perseguir João do Rio como se suas sombras fossem vaidade, pedantismo [usado pelo biógrafo acima para se referir ao tal artigo], gabolice, entre outros tantos. Contratado por Patrocínio, João do Rio, que ainda não usava esse heterônimo, assinava como o arrogante Claude. Claude, era um sujeito muito versado, ao menos fazia muitas citações dos gregos: Heródoto, Xenofonte, Tucídides; os romanos: Tito Lívio, Salústio, Tácito; o florentino Maquiavel; os franceses: Voltaire, Rousseau, D’Alembert; e mais um rol de nomes famosos, tal qual o protocolo intelectual da época. Mas, o que importava para Paulo Barreto era que ele ia se fazendo conhecido na cidade:

As agressões de Paulo Barreto não se limitaram, porém, às colunas da Cidade do Rio. Falando dele, escreveu Luís

⁵³ MAGALHÃES Jr., Raimundo. **A Vida Vertiginosa de João do Rio**: 19

⁵⁴ MAGALHÃES Jr., Raimundo. **A Vida Vertiginosa de João do Rio**: 20

Edmundo no segundo dos cinco volumes intitulados De um livro de Memórias:

Não faz versos, porém cultivava a prosa, já trabalhada com esmero. Lê-nos certos ensaios que, particularmente, nos contestam. A Contemporânea, certo dia, publica o seu Necrológio de Calino, página de crítica que, por escandalosa, faz um enorme sucesso.

Há nesse artigo onde Paulo já se revela exímio na arte de manejar, com certa graça e muito desabrimento, o alfinetinho de ouro das suas contundentes ironias.⁵⁵

As ironias e os excessos de Paulo Barreto eram todos perdoados, mesmo por alguns dos que os sofriam, algum tempo depois, obviamente. Exceção feita aos artigos de início de carreira e algumas críticas literárias, um dos motivos que faz com que o 'alfinetinho de ouro das suas contundentes ironias' raramente se volte contra seu grupo, ou mesmo contra a burguesia. O alvo de suas ironias, como veremos, no segundo capítulo, é o povo e seus hábitos exóticos que durante um bom tempo de sua vida profissional Paulo Barreto, então metamorfoseado em João do Rio, iria reportar com tanto sucesso para a burguesia da capital federal. Mas, voltando aos tempos em que Claude era quem escrevia, em pouco tempo acabou por tornar-se o mais "dinâmico dos cronistas da pequena folha de José do Patrocínio. Nada para ele era sagrado."⁵⁶ Escrevia sobre tudo, comentava tudo, já fazia planos, junto com José do Patrocínio e Vivaldo Coroaci de fazerem um inventário jornalístico literário sobre a cidade do Rio que depois viraria livro. A parte que tocava a Paulo Barreto era a religião ou as religiões do Rio. Porém, o projeto não chegou a vingar por que Paulo Barreto saiu do *Cidade do Rio* por causa

⁵⁵ MAGALHÃES Jr., Raimundo. **A Vida Vertiginosa de João do Rio**: 23

⁵⁶ MAGALHÃES Jr., Raimundo. **A Vida Vertiginosa de João do Rio**: 25

dos ciúmes excessivos de José do Patrocínio Filho – José do Patrocínio Filho uma das figura mais exóticas das que circularam pela cidade do Rio de Janeiro durante a República Velha⁵⁷. Os lances dessa história merecem ser contados; o que se segue foi escrito por José Mariano Filho, na revista Dom Casmurro, de 1940, a partir de um relato do ‘fabuloso’ Zeca.

Zeca tomou-se de ciúmes pelo sucesso literário de Paulo Barreto, tentando afastá-lo da Cidade do Rio. A rivalidade se foi acentuando com a ajuda de intrigantes. [...] Um dia Zeca perdeu as estribeiras, e esbofeteou o Paulo. O esbofeteado desceu as escadas sorridente, a esconder com um lenço o lábio dilacerado. [...]

O incidente ficou sem solução. Paulo deixou de freqüentar a redação, mas continuou a mandar seus artigos regularmente. [...] Alguns meses, ou semanas depois, quando o fato parecia esquecido, Zeca, ao entrar na redação, dá de cara com Paulo Barreto, impassível, a escrever no mesmo lugar de onde havia sido enxotado. Zeca deixou a redação com um recado [...]

- Digam ao Sr. Patrocínio que ele será o único responsável pelo que acontecer. [...]

- Depois...Ah! O que se passou foi deveras doloroso para o meu coração! Meu pai ao receber meu recado, sentiu a gravidade do caso. Voou para casa, num tálburi. De repente vejo-o assomar à porta. Eu acabara de por o revólver à cinta, e ia subscrever uma carta à minha mãe. [...] Meu pai estava quase da cor do Luis Granger.

- Zeca, o que vais fazer?

- Vou matar um miserável.

- Esse miserável... O nome desse miserável?

- Paulo Barreto...

Meu pai cambaleou alanceado pelo golpe cruel. Eu o olhava impassível e frio. Depois estendendo-me o braço hirto, o busto curvado sobre mim, balbuciou o anátema terrível:

- Caim!

⁵⁷ José do Patrocínio Filho era uma das muitas figuras que viviam a literatura em vez de escreverem-na. Dentre suas muitas invenções estava a de que se batera em duelo com o rei Leopoldo da Bélgica, que fora amante da famosa espiã Mata Hari, que fora convidado para ser espião alemão durante a I Guerra Mundial. Ficou preso durante 403 dias em prisões inglesas acusado de espionagem. A pena original que era de pena de morte fora mudada para prisão enquanto durasse a guerra foi transformada em função dos apelos do governo brasileiro ao governo inglês.

Ao ouvir a revelação, tirei o revólver do cinto. Rasguei a carta fatal.⁵⁸

Fabuloso esse Zeca! Saído do *Cidade do Rio*, dada a pressão que sofria de José do Patrocínio Filho, João do Rio transferiu-se para a *Gazeta de Notícias*, jornal onde trabalhou por mais de dez anos e construiu uma carreira sólida no jornalismo da época. Com sua participação no jornalismo e suas freqüentes viagens à Europa acabou trazendo muitas inovações como veremos no próximo capítulo.

Apesar dos apupos sofridos de Zeca, as opiniões eram quase sempre favoráveis à figura exótica de João do Rio. Como o que escreve Gilberto Amado:

Paulo Barreto achou o jornal. Foi um derivativo para sua grande alma de artista. Nasceu com o sonho maravilhoso. Viveu os primeiros anos da mocidade com a ânsia ilustre de criar. Leu os livros divinos que contam as fábulas da imaginação e as da realidade. Leu tudo isso e queria criar, precisava atuar nesta civilização que se forma aos solavancos e às quedas. Paulo Barreto amanheceu um dia curioso e inédito.⁵⁹

A admiração que muitos sentiam por João do Rio se devia muito a essas inovações que ele trouxera de suas viagens à Europa. Uma dessas inovações João do Rio a denominava como *flânerie*, a arte de ir por aí, sem nada para fazer, sem destino certo: “flanar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. Flanar é ir por ai”⁶⁰. Sem dúvida alguma João do Rio tem o vírus da observação, anda por toda a cidade do Rio, mas, há um “quê” nas palavras de João do Rio que não o qualifica como um

⁵⁸ MAGALHÃES Jr., Raimundo. **A Vida Vertiginosa de João do Rio**: 26-27

⁵⁹ AMADO, Gilberto. A chave de Salomão e outros escritos. In: MAROCHI, Eliete. **A Experiência Jornalística de Paulo Barreto**: 37

⁶⁰ RIO, João do. **A Alma Encantadora das Ruas**. (org. Raúl Antelo) São Paulo: Companhia das Letras, 1999: 51.

flâneur “clássico”; parece-me que em suas crônicas, há latente um desprezo, um pequeno e fino desprezo pelas classes pobres. Nas palavras de Chirlei Domingues, ele:

‘Fotografa’ a crua realidade carioca: os presídios, as favelas, o comércio de ópio, a prostituição, a miséria etc. a rua e a cidade são a matéria prima de seus escritos, sendo, portanto, as figuras que neles desfilam seus principais personagens.⁶¹

Não há dúvidas que as personagens descritas nas páginas de João do Rio são esses seres exóticos a matéria prima das reportagens que serão posteriormente condensadas em livros. Mas, uma questão que deve ser posta é como essas pessoas aparecem? Como os lugares são retratados? João do Rio vê-se na obrigação tal qual Jean Lorrain de sair pelas ruas da cidade em busca do que pudesse prender atenção das classes ricas durante a leitura do jornal. As descrições são sempre pormenorizadas, sempre detalhando o que há de diferente, que pode impressionar, como na crônica em que escreve sobre as orações:

Eu acredito nos prodígios. É uma opinião individual, mas definitiva. Se a oração das nove, depois de assustar toda a cidade e de incomodar o arcebispo, ainda continuava com um tão grande número de crentes, era porque tinha prodigiosas virtudes. Comprei a oração e estuguei o passo. [...]
Quantas orações andam por aí impressas em folhetinhos maus, [...] orações para coisas possíveis e impossíveis.
O homem é um animal que acredita – principalmente no absurdo. Levei muito tempo a colecionar essas súplicas bizarras.⁶²

⁶¹ DOMINGUES, Chirlei. **João do Rio: A Femme Fatale dos Palcos da Belle Époque**: 36

⁶² RIO, João do. **A Alma Encantadora das Ruas**: 114-115

Porém, talvez a visão de *flanerie* que faz João do Rio mover-se pelas ruas e becos do Rio de Janeiro seja menos um ato de flunar e mais uma curiosidade que se mantém com uma saudável distância. Escrevendo sobre o *flâneur*, Benjamin o coloca como um sujeito desprendido, segundo ele:

Quantas vezes não sacrificaria todo seu saber sobre o domicilio de Balzac ou de Gavarni, sobre o local de um assalto, ou mesmo de uma barricada, pela capacidade de farejar uma soleira ou de reconhecer pelo tato um calçamento, como o faria qualquer cão doméstico.⁶³

A concepção que tenho de um *flâneur* vai além do simples passear pelas ruas e recolher suas impressões, como fazia João do Rio, de um modo que mantém sempre uma distância do objeto estudado. Essa concepção enviesada da *flanerie* pode ser visualizada nos artigos escritos por João do Rio para os jornais nos quais trabalhou. Entretanto, também pode ser ajuizado que essa visão de *flanerie* era a regra entre os jornalistas e aspirantes a literatos da época, uma concepção muito afetada e mal escondendo um desejo de ser igual à capital francesa. Um exemplo disso foi colhido por Antonio Candido, em que ele reproduz uma dedicatória, de Elísio de Carvalho para João do Rio, no lançamento de seu livro *Five o'clock*, de 1909. Segundo Candido, o livro é um “monumento de esnobismo e afetação.” Carvalho refere-se a João do Rio, nos seguintes termos:

A Paulo Barreto,
O artista bizarro, atormentado e cintilante, admirável como Jean de Lorrain e paradoxal como Oscar Wilde, - seus mestres, voluptuoso, requintado, nostálgico, como um lírico e impulsivo como um bárbaro, ao mesmo tempo místico como Verlaine e

⁶³ BENJAMIN, Walter. O *Flâneur*. In: **Obras Escolhidas III**. São Paulo; Brasiliense, 1987: 185

pagão como d'Annuzio, a imaginação fulgurante ávida sempre das sensações do raro e do imprevisto, que se tornou o historiógrafo estranho da alma encantadora das ruas, o melancólico, analista da escola dos vícios, o psicólogo sutil, e às vezes cruel, das religiões, das crenças e dos cultos da nossa cidade, o cronista elegante, e o mais singular, das luxúrias, das perversões, das vesânicas, das sensualidades, das bizarras inconfessáveis, e das grotescas vaidades da nossa gente (...).⁶⁴

Com essa descrição feita por Elísio é perceptível que a imagem que João do Rio procurou construir de si foi se pespegando cada vez mais e mais. Essa imagem construída através de seus atos, modo de vestir e, o que mais interessa aqui, o modo de escrever. Especialmente em seus artigos, que ganham ares de notas de outro mundo.

Nesses artigos seguem todos sempre uma toada semelhante, uma introdução simpática, palavras que demonstram um excelente observador, uma descrição minuciosa, para depois descambar para a crítica desses valores como contrários à razão e, em alguns casos à modernidade. Se a princípio ele afirma acreditar nos prodígios é só para, linhas depois, colocar que o homem é um animal que acredita – principalmente no absurdo; é claro que os leitores da crônica, publicada originalmente na Revista Kosmos em 1905, não se enquadravam nessa categoria de homens que acreditavam, principalmente no absurdo. Os senhores de sobrecasaca, que andavam na recém inaugurada Avenida Central se deliciavam com as aprazíveis crônicas, mas criam em coisas materiais, palpáveis. A crença no imaterial, no ilógico pertence aos pobres. E, os pobres são os que mais sofrem nas

⁶⁴ Elísio de Carvalho, citado In: CANDIDO, Antônio. Radicais de Ocasão. _____. **Teresina e etc.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980: 88

mãos de João do Rio, acabando por tornar-se, como frisou Antonio Arnoni Prado, “numa espécie de alegoria da ruína”⁶⁵ e essa ruína é a de uma classe social que não tem muito a oferecer; como vemos na crônica sobre os tatuadores, que começa magistralmente caricata:

- Quer marcar?

Era um petiz de doze anos talvez. A roupa em frangalhos, os pés nus, as mãos pouco limpas, e um certo ar de dignidade na pergunta. O interlocutor, um rapazola loiro, com uma doirada carne de adolescente, sentado a uma porta indagou:

- É conforme – continuou o petiz. – É inicial ou coroa⁶⁶?

- É um coração!

Após essa questão sobre o valor e a seqüência da narração, em que o rapazola “resignou-se, arregaçou a manga da camisa de meia, pondo em relevo a musculatura do braço”, vem a reflexão superior diante dessas práticas populares:

O primeiro homem, decerto, ao perder o pelo, descobriu a tatuagem.

Desde os mais remotos tempos vemo-la a transformar-se: distintivo honorífico entre uns homens, ferrete de ignomínia entre outros, [...]

Da tatuagem no Rio faz-se o mais variado estudo da credice. Por ele se reconstrói a vida amorosa e social de toda a classe humilde, a classe dos ganhadores, dos viciados, das fúfias, de porta aberta, cuja alegria e cujas dores se desdobram no estreito espaço das alfurjas e das combergas, cujas tragédias de amor morrem nos cochicholos sem ar, numa praga que se faz de lágrimas. A tatuagem é a inviolabilidade do corpo e a história das paixões. Esses riscos nas peles dos homens e das mulheres dizem as suas aspirações, as suas horas de ócio e a fantasia da sua arte e a crença na eternidade dos sentimentos – são a exteriorização da alma de quem os traz.⁶⁷

⁶⁵ PRADO, Antonio Arnoni. Mutilados da Belle Époque. In: SCHARWZ, Roberto (org.) **Os Pobres na Literatura Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983: 70

⁶⁶ Segundo João do Rio a monarquia era muito querida e lembrada pelos pobres, tanto que em suas crônicas sobre suas visitas às prisões, conta ter visto muitos presos usando tatuagens da Coroa Imperial, eis o motivo da pergunta do tatuador.

⁶⁷ RIO, João do. **A Alma Encantadora das Ruas**: 102-103

É conveniente ver como essas figuras relatadas, o petiz, o rapazola sentado à soleira da porta, as pessoas que se marcam com tatuagens estão tão ausentes do cotidiano da cidade descrita na coluna de Figueiredo Pimentel, por exemplo, apesar de essa chamar-se de Binóculo. O binóculo de João do Rio consegue enxergar essa população pobre, marginalizada, mas esses são visualizados por suas lentes como “esboços precários da ficção perseguida, movem-se com a plenitude das personagens em estado puro, tirando proveito da cumplicidade irônica do narrador.”⁶⁸

Mas, não só de sucessos fez-se a carreira de Paulo Barreto: mesmo com uma formação privilegiada, tendo estudado nos melhores colégios do Rio de Janeiro, as suas ambições para ser diplomata foram frustradas por alguns caprichos do Barão do Rio Branco, o qual tinha o hábito de escolher “homens alvos, que a seu ver dessem no estrangeiro uma impressão mais lisonjeira, embora mais falsa do Brasil, como se fossemos uma nação de arianos.”⁶⁹ E como sabemos o tipo de Paulo Barreto estava longe de ser, fisicamente, o que esperava o Barão. Não era um tipo exatamente namorador e a, pretensa, boa estampa também lhe faltava, “pois desde jovem tendia à obesidade”⁷⁰, mas sabia francês e tinha todas as qualidades intelectuais que o Barão tanto procurava. Com a recusa do Barão, Paulo Barreto dedicou-se ao jornalismo com afinco trabalhando “e de tal forma que depressa

⁶⁸ PRADO, Antonio Arnoni. Mutilados da Belle Époque: 70

⁶⁹ MAGALHÃES Jr. Raimundo. **A Vida Vertiginosa de João do Rio**: 31

⁷⁰ MAGALHÃES Jr. Raimundo. **A Vida Vertiginosa de João do Rio**: 30

rompeu o anonimato, fazendo um nome"⁷¹, com o qual conseguiria, finalmente em 1910, chegar até à Academia Brasileira de Letras, após dois reveses ocorridos em 1905 e em 1907.

E essas duas derrotas são exemplos do caráter pragmático de Paulo Barreto; sobrepujado em ambas as eleições, não desanima e nem sai pelos jornais escrevendo *catilinárias* contra os imortais. Ao contrário, tendo já vistas à Academia Brasileira de Letras, prepara uma série de entrevistas com os mais famosos literatos da época que depois saíam publicadas no livro *Momento Literário*. Sendo derrotado na primeira eleição pelo tio de Graça Aranha, Heráclito Graça, obteve, porém, oito votos, cinco a mais do que imaginava e contava. Entrou na Academia em 1910. A partir de 1915, como se houvesse sofrido uma epifania, deixou de lado as crônicas urbanas para se dedicar a um colunismo social. Abandona as ruas para narrar e viver em função da vida das pessoas ricas da sociedade carioca.

Criou uma nova seção em O País, com o nome de 'Pall-Mall Rio', assinando-a também com um novo pseudônimo, o de José Antônio José. Nessa seção misturava tudo: comentários sobre a vida artística e literária, crônica mundana e até registros de natureza política. [...] Seu novo pseudônimo era um reflexo da popularidade do jornalista francês Michel Georges Michel, que fazia mais ou menos a mesma coisa num grande jornal parisiense.⁷²

Em suas colunas desfilava toda uma elite literária, política e social que muitas vezes não fazia jus aos elogios recebidos pelo cronista, mas tal como as suas crônicas sobre a "vida exótica" dos pobres um fato lhe servia como inspiração para

⁷¹ MAGALHÃES Jr. Raimundo. *A Vida Vertiginosa de João do Rio*: 32

⁷² MAGALHÃES Jr. Raimundo. *A Vida Vertiginosa de João do Rio*: 260

uma crônica nova sobre aquela elite que estava sendo descrita, era como um jogo de espelhos em que nem sempre o que se refletia era exatamente o que se via. E, muitas vezes nem via, ou via algo que lhe podia ser útil, tanto que se orgulhava de suas relações íntimas com políticos e politiquinhos da República Velha como o esguio Lauro Muller⁷³ “o homem mais inteligente que conheço”⁷⁴, o que nos leva a pensar que inteligência muitas vezes é tomada como sinônimo de esperteza política.

Nessas crônicas da coluna *Pall-Mall Rio*, João do Rio vai cunhar o adjetivo *Os Encantadores*, para a elite fluminense. E explica o porquê de tanto encanto:

Pela delicadeza de maneiras, pela segurança de só quererem ser amáveis e gentis, pela continuidade de mostrar na vida apenas o lado frívolo e brilhante, pelo heroísmo sem esforço de manter a sociedade e o convívio elegante. Encantadores! São os encantadores.⁷⁵

Dura a vida de um encantador! Jantares, festas, teatros, balés, tudo isso com vestes adequadas ao calor que fazia na cidade, como casacos de pele, luvas, sobrecasacas de lã, pantufas bem fechadinhas para andar em casa, tudo muito saudável e agradável aos olhos e narinas. Gláucia Bastos ainda afirma que João do Rio:

Mostrava-se preocupado com a arte no nosso país, lamentando que não haja grandes atrizes ou pintores que se assemelhem aos do passado. Procura fazer comentários favoráveis aos artistas, tendo se aproximado de vários deles. É patente sua admiração,

⁷³ Político e Diplomata catarinense figura de grande destaque na política nacional em fins do século XIX e início do século XX.

⁷⁴ MAGALHÃES Jr. Raimundo. *A Vida Vertiginosa de João do Rio*: 263

⁷⁵ BASTOS, Gláucia Soares. *Pall-Mall Rio*. In: CANDIDO, Antônio et alli (orgs). *A crônica*: O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: UNICAMP, 1992: 226.

por exemplo, pela bailarina Isadora Duncan [apenas para lembrar, francesa], a quem dedica várias crônicas durante sua temporada no Rio.⁷⁶

Esses encantadores de João do Rio acabam por criar uma barreira entre ele e o mundo que retratava desde que se tornou jornalista. “Se logrou com isso, fama de escritor, só pode ser porque traduziu de algum modo o espírito dominante do momento, o espírito da geração do ‘Rio civiliza-se’, e é justamente como representante desse espírito que merece figurar na história literária”.⁷⁷

É possível ver que as experiências dos dois escritores enfocados, neste trabalho, em vida foram semelhantes em muitos aspectos, ambos mulatos sofreram certamente preconceito muito forte, vê-se claramente em Lima Barreto, e um pouco mais velado em Paulo Barreto. Os dois se posicionaram de maneira crítica frente às modificações que estavam ocorrendo no Rio de Janeiro, se aquele era mais contundente, esse era mais comedido, estendendo as críticas não só às modernizações, mas também às classes pobres. Ambos destoam e muito do comportamento laudatório ou simplesmente humorista que estava em voga então na Capital Federal.

Uma característica comum a ambos pode ser descrita como o desprezo que ambos sentem, em diferentes medidas e com alvos distintos. Lima Barreto desprezava as elites profundamente. As origens desse desprezo estão no preconceito que sofria na pele. Mas, ficar apenas nisso seria uma visão um tanto rasteira e superficial das experiências de vida do escritor. Desprezava também a

⁷⁶ BASTOS, Gláucia Soares. *Pall-Mall Rio*: 227

⁷⁷ MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. **Prosa de Ficção**: 281

elite fluminense do início do século por seu projeto de modernização altamente excludente. Esse projeto não contemplava as classes pobres, que foram cada vez mais empurradas para fora dos limites da “cidade ideal” e ficando à margem. Nos subúrbios, representando o perigo que podia assomar à cidade e que assustava muito aos moradores dos bairros nobres. Esse medo, de certa forma, materializou-se em 1904 na Revolta da Vacina, quando os pobres saíram dos bairros esquecidos para invadirem a cidade higienizada destruindo tudo à sua frente, conforme lemos nessa crônica de Olavo Bilac, a alta sociedade deve ter ficado chocada com a violência dessas pessoas que não respeitavam nada à sua frente:

O que primeiro me entristeceu, naquela amargurada manhã de 14, quando já estava armado o motim criminoso, foi o aspecto da Avenida. Por ali viera, num tropel destruidor, o bando dos Pratas Pretas e dos Troviscos, ao serviço dos retóricos e ambiciosos, levando tudo de roldão diante da sua estúpida fúria.

[...]

Já com essa brutalidade sem nome, o bando feroz mostrara bem claramente a natureza do seu instinto e das suas intenções... Na Avenida, as suas vítimas foram os postes de iluminação elétrica. Quando cheguei à avenida ao meio-dia os operários, tendo em vão tentado resistir às ameaças das feras, recolhiam á presa, suas ferramentas, [...] era a fuga da civilização diante da barbárie vitoriosa.⁷⁸

É perceptível nas palavras de Bilac que os pobres são frequentemente associados às “classes perigosas”⁷⁹, como sendo contrários à modernidade por seu comportamento bestial, com sua “estúpida fúria”. As impressões de Bilac

⁷⁸ BILAC, Olavo. A revolta da Vacina. Gazeta de Noticias. 20/11/1904. In: BILAC, Olavo. **Vossa Insolência**. Crônicas (org. Antônio Dimas) São Paulo: Companhia das Letras, 1996:253-254

⁷⁹ Conforme explica Sidney Chalhoub, o conceito de “classes perigosas” surgido no início do século XIX, se na Europa as classes perigosas eram pessoas que já haviam passado pela prisão, no Brasil tornaram-se sinônimos de pessoas pobres. Ver em: CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril**. Cortiços e Epidemias na Corte Imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. Ver especialmente pp. 20-29.

representam o consenso entre a maior parte dos intelectuais que perambulavam pelas ruas do Rio de então.

Paulo Barreto, dito João do Rio, não se imiscuía com tanta voluntariedade assim entre a elite do Rio de Janeiro e não comungava totalmente com as opiniões desta classe. Mas, há em suas crônicas uma tênue sensação de desprezo pelas camadas populares menos profunda que a sentida por Lima Barreto pela burguesia endinheirada, mas o sentimento de incômodo está presente nos escritos de João do Rio. Conforme Magali Gouveia Engel, “João do Rio associava a miserabilidade dos despossuídos à periculosidade, alimentando o estigma que estabelece uma estreita correspondência entre classes pobres e classes perigosas.”⁸⁰. É sabido que João do Rio era um grande fã de Oscar Wilde, e de Jean Lorrain que descreveram por várias vezes suas incursões pelo submundo. Então, apesar de fazer jornalismo, Paulo Barreto fazia mais literatura do que qualquer outra forma de escrita. Nas palavras de Arnoni Prado, “a objetividade prosaica do repórter é sempre mediada pelo compromisso com o ideal estético de vida, copiado ao art nouveau.”⁸¹, as notícias em si talvez não tivessem muito sabor, o que valia era a imaginação, o juízo de valor, a fantasia com a qual vestia a nota.

⁸⁰ ENGEL, Magali Gouveia. Modernidade, dominação e resistência: as relações entre capital e trabalho sob a ótica de João do Rio. In: **TEMPO**. Rio de Janeiro, n 17: 55

⁸¹ PRADO, Antonio Arnoni. Mutilados da Belle Époque.: 69

Capítulo II: O Momento Literário e a Vida Urbana na Capital Federal

A madrasta de Branca de Neve vivia a perguntar a seu espelho se seria a mais bela de todas as mulheres de seu reino. A resposta invariavelmente era sim, não se sabe se o espelho afirmava isso por ser verdade ou por temer por sua segurança. Caso a pergunta pudesse ser formulada pela capital da recém inventada República brasileira, a resposta dada por seu espelho social a sua elite seria de que a mais bela cidade era Paris. No entanto, com um pouco de esforço a cidade sul-americana poderia dar um jeitinho em sua aparência. A capital francesa, com seus boulevares, seus passeios, sua população alva, que passeava pela Champs Élysées, que ia ao teatro, uma cidade em que, obviamente, até os pobres falavam francês era o modelo a ser seguido. Tentando conseguir essa semelhança a Capital Federal, desde a primeira década do século XX, foi tomada por uma sanha demolidora sem parença na história nacional.⁸²

A região central foi praticamente toda arrasada, um novo porto tomou lugar do antigo, os pobres expulsos para a periferia ou para os morros. Conceitos higienistas foram postos em prática visando melhorar as condições sanitárias da

⁸² O tema da reforma urbana do Rio de Janeiro foi abordado em vários livros, cito como bastante esclarecedores os seguintes: CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril**. E PESAVENTO, Sandra J. **O imaginário da cidade**. Visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

cidade. Por cidade devemos entender a região habitada pelas classes endinheiradas.

O prefeito Pereira Passos tinha apoio da minoria da população, ricos e quase todos os intelectuais. É justamente esse quase que nos interessa estudar. O quase fica a cargo, entre outros, de Lima Barreto e João do Rio; mais por Lima Barreto do que João do Rio. Enquanto os jornais, revistas, panfletos, libelos, todos apoiavam sem muitas críticas as mudanças que ocorriam na Capital Federal, esses dois intelectuais, cada qual ao seu modo, faziam várias censuras à forma como se processava a modernização urbana do Rio de Janeiro. Se Lima Barreto ao longo de toda sua vida como intelectual ativo vai se postar contra os desmandos das autoridades do país, contra os preconceitos sociais e raciais dos cientistas, João do Rio vai ser menos belicoso em seu fazer literário e jornalístico, mas, também condenava muitos aspectos do progresso que se desenhava e ocorria na Capital Federal.

Voltando a falar de espelhos, podemos vislumbrar nas crônicas dos literatos da época como a cidade mirava-se nos jornais. A resposta não era das mais agradáveis, porém, segundo esses literatos, havia uma esperança em um futuro não muito distante. “O Rio civiliza-se” para usar a expressão de Figueiredo Pimentel, que escrevia na Gazeta de Notícias e, com sua coluna, Binóculo, mirava ao longe uma cidade totalmente transformada e separada do seu passado colonial que tanto envergonhava a sociedade da época. Um cronista da Revista Kosmos faz um panegírico de Pereira Passos digno de figurar na pedra inaugural da Avenida

Central: “O Dr. Pereira Passos operou o milagre da transformação: corrigiu hábitos grotescos, e substituindo ruas hediondas por outras belas, inteiramente novas. Os cariocas estão mudando de cidade, sem mudar de território.”⁸³ Olavo Bilac, também na Revista Kosmos, escreveria uma espécie de elogio às obras:

Há poucos dias, as picaretas, entoando um hino jubiloso, iniciaram os trabalhos de construção da Avenida Central, pondo abaixo as primeiras casas condenadas. [...]. No abrir das paredes, no ruir das pedras, no esfarelar do barro, havia um longo gemido. Era o gemido soturno e lamentoso do Passado, do Atraso e do Opróbrio. A cidade colonial, imunda, retrógrada, emperrada nas suas velhas tradições, estava soluçando no soluçar daqueles apodrecidos materiais que desabavam. Mas o hino das picaretas abafava esse protesto impotente. Com que alegria cantavam elas – as picaretas regeneradoras! E como as almas dos que ali estavam compreendiam bem o que elas diziam, no seu clamor incessante e rítmico, celebrando a vitória da higiene, do bom gosto e da arte!⁸⁴

O cronista exulta com a orquestra das picaretas como a alta sociedade exultava com as óperas europeias que estreavam nos teatros da capital – percebe-se que o cronista não entendia muito de música. O soar das picaretas cria uma nova imagem do espelho urbano, mais branca e asseada. Para outros é a cidade que finalmente se purificava e dava entrada, ainda que tardia, no maravilhoso mundo da modernidade:

As transformações devem ser vistas apenas enquanto empreendimento, mas pelo viés da comunicação simbólica. Indicam como o Brasil pode demonstrar ao mundo o inaugurar da ‘modernidade’ nesta cidade dos trópicos. Transforma-se a

⁸³ ROSA, Ferreira. Revista Kosmos. 02/1905. In: MAROCHI, Eliete. **A Experiência Jornalística de Paulo Barreto**: 20

⁸⁴ BILAC, Olavo. Crônica. Kosmos. 1904. In: PESAVENTO, Sandra J. **O imaginário da cidade**: 183

cidade numa 'floresta de símbolos', para que possa ser lida como 'moderna'.⁸⁵

Essa comunicação simbólica faria com que a cidade indicasse que entrou finalmente no mundo moderno. Parecia ser o sonho de todo brasileiro. Todavia, um olhar mais acurado ao que acontecia na Capital Federal naqueles primeiros anos do século XX mostra que nem todos estavam contentes, nem que aquelas mudanças, levadas a cabo pelos golpes de picaretas, eram bem vistas por todos, principalmente por aquelas pessoas que estavam sendo expulsas de suas residências porque de um momento a outro a governança municipal decidiu cumprir a lei e interditar todos os ambientes, ditos insalubres, à condição humana. Surpreendentemente, as pessoas mais prejudicadas pelas ações governamentais foram os pobres! Além desses, algumas pessoas ditas remediadas foram sendo expulsas de uma hora para outra. A sinfonia de picaretas, regida pelo prefeito transformava a vida da população, como percebemos no comentário de R. A. de Ataíde:

A população experimentava destarte a sensação de estar sendo conduzida abruptamente para um ambiente novo que a perturbava e às vezes a desgostava. As ruas cheias de poeira, o pó em turbilhão redemoinhava em dança louca por toda a cidade. Edifícios, prédios comerciais, casas de família, hoje estavam em pé, amanhã não mais existiam.

Neste torvelinho, ninguém mais sabia onde começavam ou acabavam as ruas ou avenidas onde moravam os amigos, o lugar certo da farmácia, da quitanda ou do açougue. A derrubada dos cortiços obrigava a um verdadeiro êxodo da população pobre do centro da cidade para os bairros mais

⁸⁵ EDMUNDO, Luiz. **O Rio de Janeiro do meu tempo**. Rio de Janeiro: Editora Xenon, 1987: 105

afastados ou para os cimos dos morros onde iria aumentar as 'favelas'.⁸⁶

Como podemos perceber, nem todos ouviam esta mesma melodia tão doce e suave entoada pelas picaretas ou viam os símbolos da mesma forma. E, na verdade, esta melodia, muitas vezes tocada apenas na cabeça dos mais empolgados, enxergando, tal qual a madrasta da Branca de Neve, beleza onde nada existia. Segundo Brito Brocca, "os escritores superestimavam essa modernização da cidade, atribuindo ao Rio, em contos, romances e crônicas, ambientes e tipos que na realidade não existiam".⁸⁷ Enquanto outros se continham mais, tendo um olhar mais sóbrio para as transformações que iam tomando vulto na urbe, João do Rio, em sua coluna modernamente batizada de *Cinematógrafo*, reclama da demolição do velho Mercado.

O Rio, cidade nova – a única talvez no mundo – cheia de tradições, foi-se delas despojando com indiferença. De súbito, da noite para o dia, compreendeu-se que era preciso ser tal qual Buenos Aires, que é o esforço despedaçante de ser Paris, e ruíram casas e estalaram igrejas, e desapareceram ruas e até ao mar se pôs barreiras. Desse descombros surgiu a urbe conforme a civilização, como ao carioca bem carioca, surgia da cabeça aos pés o reflexo cinematográfico do homem das outras cidades. Foi como nas mágicas, quando há mutação para a apoteose.⁸⁸

Essa crônica publicada em jornal no ano de 1907 traz alguns aspectos interessantes: em primeiro, não obstante ser favorável à modernização dos costumes, até a flor da lapela que usava, João do Rio não aceitava passivamente

⁸⁶ Citado In: BENCHIMOL, Jaime Larry. **Pereira Passos: Um Hausmann tropical: A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX.** Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte, 1990:299-300

⁸⁷ BROCA, Brito. **A Vida Literária no Brasil – 1900.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1960: 38

⁸⁸ RIO, João do. **Cinematógrafo.** Porto: Livraria Chardron, 1909: 214-215

essa modernização. Apesar de as autoridades cariocas mirarem no outro lado do Atlântico como modelo de civilidade, João do Rio ignorou fleumaticamente essa intenção e comparou a mudança como um espelho de Buenos Aires, o que não deve ter dado grandes alegrias aos burgueses cariocas. A crônica de João do Rio não é tão exultante com o progresso como a crônica de Bilac ou as memórias de Luiz Edmundo. Entretanto, se havia algo de que João do Rio não podia ser acusado era de ser passadista, ao contrário, ele queria viver em uma cidade cosmopolita, com ares europeus, contudo, parece-me que havia um querer mais ponderado em suas crônicas. Apesar de escrever em uma coluna que traz o nome de uma invenção recente, o cinematógrafo, ele se mostra, em alguns momentos, um passadista:

Que nos resta mais do velho Rio antigo, tão curioso e tão característico? Uma cidade moderna é como todas as cidades modernas. O progresso, a higiene, o confortável revelam almas, gostos, costumes, a civilização é a igualdade num certo posto, que de comum acordo se julga admirável, e, assim, como dois homens bem vestidos hão de fatalmente ter o mesmo feitio de gola do casaco e do chapéu, todas as cidades modernas tem avenidas largas, squares, mercados e palácios de ferro, vidro e cerâmica⁸⁹

Esse modo dúbio de ver as reformas do Rio de Janeiro é uma constante na obra de João do Rio. A certeza é que Paris é o grande espelho em que o cronista mirou-se para ter um bom exemplo a seguir em sua vida profissional, literária e pessoal. Quanto mais assemelhada à capital francesa, mais civilizado, limpo, moderno será o Rio de Janeiro.

⁸⁹ RIO, João do. **Cinematógrafo**: 214

Paris, em suas crônicas, é descrita de modo tão familiar que parecia que estava a falar de um lugar em que ele ia com uma frequência de dia sim, dia também. Ao ler as crônicas de João do Rio, é compreensível a interpretação oferecida por Sandra Pesavento: “deixava, sem dúvida, roídos de inveja os que não haviam tido condições de visitar a bela Paris, quando considerava a ‘banalidade monstro dos boulevards’ ou afirmava que ‘é preciso ter estado na cidade luz’ para poder apreciar, avaliar ou entender o que ele dizia”⁹⁰. Uma figura ímpar, que além de sua postura esnobe primava também por uma característica um tanto incomum em se tratando do mundo das letras nacional do início do século XX: era mulato. E esse estigma, imposto socialmente, é bom frisar, fez com que sua relação com os outros literatos da época fosse ambígua. Luiz Edmundo descreve o mal estar que João do Rio criava entre os literatos, “no fundo, João do Rio não tem amigos. Todos o atacam. Todos o detestam. Todos. Negam-lhe tudo, a começar pelo talento que, sem favor algum, é o mais robusto e o mais fecundo entre os de sua geração”⁹¹. João do Rio compartilhava dessa mesma opinião de Luiz Edmundo: considerava-se um gênio e, como tal, agia até com certa benevolência em relação ao mundo ao seu redor. Em 1902, aos 21 anos, iniciando sua carreira jornalística, ele escreve no jornal Tagarela referindo-se a dois críticos seus: “dois mocinhos da crítica teatral, ocupando-se da Fragatta, descompunham-me fidalgamente. Por quê? Não importa, gostei. Zola acentuou a necessidade moral e literária de se engolir todas

⁹⁰ PESAVENTO, Sandra J. **O imaginário da cidade**: 193

⁹¹ EDMUNDO, Luiz. **O Rio de Janeiro do meu tempo**: 222

as manhãs um sapo. Imaginem eu, que engoli dois burros”⁹². Parece que o habitual da relação de João do Rio com seus coevos tenha sido sempre atribulada. Na revista *Avenida Bastos Tigre* traça o perfil rápido do jornalista em um soneto:

Quando sai da Gazeta arranja a pose
E assestando o monóculo solene
Vai discutir o Teófilo e o Taine
Nas mesas do Paris, das 9 às 12

Contestar-lhe o saber não há quem ouse;
Atrevido, não há quem lhe condene
A crítica, as razões do mise-en-scene
De afamado doutor em qualquer chose

O seu ar de pontífice dos novos
Faz perder o equilíbrio ao Camerino
Faz o Simas andar pisando em ovos

Dizia-me o Chacon num grande apuro
Paulo Barreto é um crítico ferino
É João Ribeiro do futuro!⁹³

O pedantismo de João do Rio, cultivado por ele conscientemente, acabou por isolá-lo de seus pares, tornando-o uma ilha de exuberância em meio ao exotismo da sociedade em que vivia. Em João do Rio, a afirmação de que vida e obra se diluem cai como uma luva – francesa – sendo possível reconhecê-lo em muitas de suas personagens. Através de algumas o escritor metamorfoseia-se e vai destilando suas epigramas tal qual Lord Henry o faz em *O Retrato de Dorian Gray* servindo para Oscar Wilde espicaçar a sociedade inglesa no final do século XIX. Muito da produção literária e jornalística de João do Rio vem de reproduzir, de

⁹² RIO, João do. Diário de Paulo Barreto. TAGARELA. Rio de Janeiro, 02/09/1902. p 06. In: MAROCHI, Eliete. **A Experiência Jornalística de Paulo Barreto**: Anexo p 01

⁹³ TIGRE, Bastos. Avenida, 26/09/1903. In: VELLOSO, Mônica Pimenta. **Modernismo no Rio de Janeiro**: 106

copiar modelos importados da Europa. Claramente João do Rio não foi o único, entretanto, o que singulariza sua produção é que a maior parcela do que criou foi posta no ambiente brasileiro um tanto à força, como se fosse artificial. Tão sofisticado quanto às luzes da recém inaugurada Avenida Central.

O ambiente como o estilo são internacionais. Os viajantes saltam de 'tipóias', uma casa na praia do Russel é como uma vila do Estoril, as personagens parecem quase todas tiradas de reminiscências de leituras. A receita pela qual João do Rio compunha os contos é fácil e evidente: tomava de uma perversão de um caso passional, de um fato policial e os fazia narrar quase sempre por um comentador que os misturava a considerações de filosofia de café e entremeava de frases de espírito, brilhantes e ocas, cheias de recordações literárias e de afetações de homem falsamente requintado.⁹⁴

Talvez seja o caso de se pensar como Lúcia Miguel-Pereira, segundo a qual o ambiente e o estilo em João do Rio são internacionais. A maneira de escrever, de se portar, tudo em João do Rio remete à Europa, especialmente Inglaterra e França. Mas, é certo também que o cronista reflete os interesses da sociedade em que vivia. A cidade de João do Rio, uma cidade com seu footing pela Avenida Central, com seus five o'clock tea, com sua elite que usava casacos de lã num verão abrasador, que ia a óperas sem saber exatamente o que se cantava. Essa sociedade também andava pela Avenida Central como se essa fora a Champs Elissés, que ignorava tudo que havia além dos passeios dessa Avenida; e que se enfastiava rapidamente com o que tinha. Que ansiava por novidades vindas d'além mar e com sotaque francês. Como ele mesmo descreve, "para o brasileiro ultramoderno, o Brasil só

⁹⁴ MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. **Prosa de Ficção**: 1870-190. Rio de Janeiro: José Olympio. Brasília: INL, 1973: 280

existe depois da Avenida Central, e da Beira-Mar, que, como vocês sabem, é a primeira do mundo. O resto não nos interessa, o resto é inteiramente inútil.⁹⁵ Não diria que o resto é inteiramente inútil, usaria outro adjetivo, diria que a cidade além da Avenida Central era algo extremamente exótico, tanto para João do Rio quanto para os “eurobrasileiros” ilhados no lado de cá do Atlântico. E traduzir essa cidade fora dos limites da civilização brasileira e trabalhá-la como uma curiosidade foi a tarefa que se incumbiu João do Rio.

Para inserir essas curiosidades no mundo burguês de então era importante que isso fosse feito de modo asséptico, ou seja, através das páginas dos jornais. E João do Rio, como alguém envolvido com o espírito da época sai pelas ruas da cidade à cata do exotismo urbano. Seu primeiro sucesso junto ao público leitor da capital foi uma série de reportagens sobre as religiões na cidade do Rio de Janeiro, que em 1908 seriam reunidas no livro, *As religiões do Rio* e que teve imenso sucesso entre os leitores do Rio, tanto em jornais, como em sua reunião em um volume único, com várias reimpressões. Não há dúvidas que João do Rio revolucionou o jornalismo carioca, saindo dos limites seguros da urbe e indo para os cantos mais exóticos em busca de crimes, casos de perversão, em busca de toda sorte de desgraça que pudesse afetar a população pobre do Rio de Janeiro e expô-la como um resíduo do Rio antigo que ainda persistia nos recantos da cidade. O jornalista considerava-se um verdadeiro Flâneur. Via-se como um Baudelaire dos trópicos. Sobre sua atividade de flâneur escreve ele:

⁹⁵ RIO, João do. **Cinematógrafo**: 278

Flanar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. Flanar é ir por aí, de manhã, de dia, à noite, meter-se nas rodas da população, admirar o menino da gaitinha ali à esquina [...] conversar com os cantores de modinha da Saúde, é estar sem fazer nada e achar absolutamente necessário ir até um sítio lóbrego, para lá deixar de lá ir, levado pela primeira impressão [...]
É vagabundagem? Talvez. Flanar é a distinção de perambular com inteligência. Nada como o inútil para ser artístico. Daí o desocupado flâneur ter sempre na mente dês mil coisas necessárias, imprescindíveis, que podem ficar eternamente adiadas⁹⁶

Essa ação de flanar efetuada por João do Rio é mais uma das suas obsessões pelo jeito de ser europeu. O que fazia ao flanar pelos subúrbios do Rio de Janeiro, escrevendo suas reportagens sobre os pobres, sobre as bizarrices ocorridas nos recantos mais escondidos da cidade tem caráter mais de imitação que uma originalidade intelectual. O jornalista reproduz no Rio de Janeiro o que seus paradigmas comportamentais fizeram nas metrópoles mundiais, refaz os mesmos caminhos, anda pelos lugares sórdidos para vislumbrar o mundo da pobreza, da indigência. Observa os párias sociais para transformá-los em literatura asséptica para a burguesia; procurando sempre encontrar o exótico, o grotesco, tudo o que entrava na Avenida Central apenas como algo muito distante, apesar de se passar a poucos quilômetros. Em suas crônicas, a miséria foi o molho picante com que a burguesia apimentava seu café da manhã.

Quando convidado por um delegado para uma visita aos “círculos infernais” dos subúrbios João do Rio faz a seguinte reflexão:

⁹⁶ RIO, João do. **A Alma Encantadora das Ruas**: 51

Não sei se o delegado quis dar-me apenas a nota mundana de visitar a miséria, ou se realmente, como Virgílio, o seu desejo era guiar-me através de uns tantos círculos de pavor, que fossem outros tantos ensinamentos. Lembrei-me que Oscar Wilde também visitara as hospedarias de má fama e que Jean Lorrain se fazia passar aos olhos dos ingênuos como tendo acompanhado os grão-duques russos nas peregrinações perigosas que Goron guiava.⁹⁷

Logo abaixo, na mesma crônica, explicou o porquê de sua opção por reportagens em que o mundo suburbano aparece como protagonista principal, “nas peças francesas há dez anos já aparece o jornalista que conduz a gente chique aos lugares macabros; em Paris, os repórteres do Journal andam acompanhados de um apache autêntico. Eu repetiria apenas um gesto que era quase uma lei. Aceitei.”⁹⁸ Essa aceitação foi ser uma espécie de tradutor do Rio exótico para a elite que se mirava na Europa e que olhava o Brasil de além da Avenida Central de binóculo e com um misto de curiosidade e repulsa. É essa atividade de repórter do cotidiano do rebotalho humano, a qual povoa a cidade exótica, que vai cristalizar o nome de João do Rio como o cronista do Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XX. Segundo Gilberto Amado, João do Rio, a ser eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1910, na vaga de Guimarães Passos, vai transformar sua forma de fazer jornalismo.

A partir de 1910, teve início uma segunda fase de sua carreira, na qual os aspectos sórdidos e miseráveis da periferia perderam espaço para o mundo dos salões, da celebração da alta roda social carioca. “Passou a alimentar o narcisismo

⁹⁷ RIO, João do. **A Alma Encantadora das Ruas**: 277-8

⁹⁸ RIO, João do. **A Alma Encantadora das Ruas**: 278

de seu público com mexericos, comentários de festas elegantes, com reflexões irônicas e galantes das rodas 'bem freqüentadas', com dicas de moda e etiqueta em colunas sociais"⁹⁹. Essa mudança de cronista do submundo para as festas elegantes da alta sociedade deve-se, em parte, a consolidação das mudanças iniciadas com o alvor do século XX. Eliminada a possibilidade, aparentemente, de um contato mais íntimo entre as classes sociais na capital da República, a burguesia nacional fechou-se em seu mundo, Europa e Avenida Central, como se o perigo de uma contaminação pelos pobres já tivesse passado. Impressão pura. Com a mudança de foco de João do Rio, que se dedica à encantadora sociedade mundana, quem ficou esbravejando, jogando no espelho o Brasil, que a burguesia recusava-se a ver, é Lima Barreto.

Nascido, como João do Rio, no ano de 1881, no mesmo dia que sete anos depois a Princesa Isabel, num "ato de humanidade" do Império aboliu a escravidão. Mulato também, Lima Barreto vai ser bem mais crítico com relação à elite nacional do que o jornalista Paulo Barreto.

Desde seu primeiro romance vai mostrar-se belicoso tanto com a elite nacional quanto com os literatos que dominam o mundo da escritura e da leitura no Brasil.

Desde a primeira obra publicada por Lima Barreto estabeleceu-se um conflito definitivo entre sua produção literária e os detentores do poder cultural, os 'mandarins da literatura'. O conflito, porém, tem duas faces. Se por um lado isola sua obra impedindo uma relação mais intensa com o público e a crítica,

⁹⁹ MAROCHI, Eliete. **A Experiência Jornalística de Paulo Barreto**: 57

por outro a alimenta. A crítica oficial nega-lhe um discurso legitimador, mas a marginalidade imposta também o preserva.¹⁰⁰

Na literatura de Lima Barreto percebem-se algumas características do país. Com o advento da República há um aumento no empenho de 'modernização' nacional, no entanto, as idéias racistas ainda persistem na sociedade. Pode-se afirmar que a modernização tecnológica que ocorreu nas grandes cidades mantinha um descompasso com as idéias durante toda a primeira República. "O Brasil de 1870 a 1930, é assim, a um tempo, liberal e racista: racismo de folhetim, sorvido de manuais e de autores, de segunda categoria, e talvez por isso mesmo tão abrangente."¹⁰¹. É possível acrescentar ainda, que o Brasil continuava, com a invenção da República, uma nação baseada principalmente na prática do favor¹⁰². E em todos os romances e contos de Lima Barreto, o favor aparece como a mais recorrente e certa forma de ascensão social, "os pequenos funcionários gravitam em torno de seus chefes repetindo-lhes os discursos [...] os subalternos repetem lugares-comuns num partilhar do próprio discurso ideológico de que são vítimas."¹⁰³.

A literatura de Lima Barreto é toda feita de denúncia dessa sociedade de aparência, em que o saber é mais ornamental do que prático. O saber não é segurança de nada, aliás, pode ser até prejudicial, e as grandes personagens de

¹⁰⁰ RESENDE, Beatriz. Lima Barreto: A Opção pela Marginália. In: SCHWARZ, Roberto (org) **Op. Cit.:** 74

¹⁰¹ CUNHA, Manuela Carneiro da. In: SCHARCZ, Lília Moritz. **O Espetáculo das Raças.** Cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

¹⁰² SCWARZ, Roberto. As Idéias Fora do Lugar. In: _____. **Ao Vencedor as Batatas.** São Paulo: Duas Cidades/ Editora 34, 2000: 9-31

¹⁰³ RESENDE, Beatriz. A Opção pela Marginália: 76

Lima Barreto sofrem justamente por cultivarem o saber desinteressado de interesses pessoais, voltados ao culto do conhecimento. Policarpo Quaresma, Isaías Caminha, Leonardo Flores, todos sofrem as conseqüências de não se adequarem ao mundo mesquinho das aparências do Brasil na Primeira República. Já os pequenos bajuladores, os mentirosos, os sábios de fachada adquirem respeito por viverem dentro das convenções sociais. É impossível não se lembrar de Castelo, o homem que sabia javanês, de Raimundo Flamel, o químico que se faz passar por alquimista na pequena cidade de Tubiacanga e desperta toda a cobiça dos moradores da cidade. As pessoas não são respeitadas pelo que são, mas antes pelo que aparentam. E, por isso, a obra literária de Lima Barreto é uma rica fonte de dados sobre a vida na Capital Federal durante os primeiros anos republicanos.

Nas páginas de Lima Barreto, vemos desfilar muitas figuras vivas à época e que tinham notoriedade, não se sabe exatamente o porquê. Apenas sabe-se que eram as figuras que ditavam as normas da sociedade. Desde os seus primeiros escritos Lima Barreto mostrou-se um escritor ácido, escrevendo no jornal da Escola Politécnica, *A Lanterna*, material nada lisonjeiro sobre os que o cercam, “traça o perfil de colegas e lentes com azedume. A pena é ferina. O sarcasmo já brilha nas suas crônicas. É a reação contra o meio que começa a se processar de modo inevitável.¹⁰⁴ O sarcasmo que é uma constante entre os jovens estudantes vai se aprofundar em Lima Barreto, tornando-se a sua perdição e a sua salvação. Sua perdição porque vai cerrar-lhe todas as portas da “boa sociedade” de então. Sua

¹⁰⁴ BARBOSA, Francisco de Assis. **A Vida de Lima Barreto**: 108

salvação porque vai lhe abrir as portas da imortalidade da literatura nacional. Essa imortalidade não é oferecida pela sociedade contemporânea, mas, antes, é um reconhecimento do tempo que oferece permanência a algumas obras e envia ao ostracismo outras.

Um dos motivos para a perdição de Lima Barreto, conforme já foi acentuado no primeiro capítulo, foi seu romance de estréia, *Recordações do escrivão Isaias Caminha*, publicada em 1909. Desde a publicação desse livro, a relação entre o romancista e o mandarinato - para usar uma expressão cara ao escritor - das letras nunca foi boa. Como e por que se deu esse conflito entre Lima Barreto e a alta roda da intelectualidade é uma boa questão a ser feita. Em princípio, já se pode inferir que o fato de as descrições feitas em *Isaias Caminha* não serem nada edificantes aos caricaturados é uma boa hipótese. É bom frisar que o romance em questão saiu em livro em 1909, editado em Portugal, mas, já em 1907, os primeiros capítulos foram editados na revista *Floreal*, de propriedade de Lima Barreto e mais dois sócios. Como a revista durou quatro números, a publicação do romance não foi integral. Entretanto, é quase certo que a obra tenha causado estrago na relação do autor com o mundo das letras. Tanto que em viagem a Portugal João do Rio faz uma visita ao editor de *Isaias Caminha*, M. Teixeira. Este lhe pergunta se conhecia Lima Barreto, a resposta é categórica: 'Não'. Segundo Denílson Botelho, João do Rio conhecia Lima Barreto desde "pelo menos 1905, quando foram contemporâneos nas páginas do

Correio da Manhã"¹⁰⁵. Os motivos para a 'ausência de memória' de João do Rio relaciona-se com o *Isaias Caminha*,

O fato é que se, por acaso, João do Rio foi um dos poucos leitores da Floreal e acompanhou os primeiros capítulos de Recordações do Escrivão Isaias Caminha publicados nesta revista, só por isso já teria motivos de sobra até para desabonar o nome de Lima Barreto perante o editor português. Logo no início do terceiro capítulo entra em cena Raul Gusmão, 'um jovem jornalista', que é uma caricatura de João do Rio. Quando o romance é lançado em livro, o referido personagem é definitivamente associado à figura desse escritor.¹⁰⁶

E não é só João do Rio, toda a alta roda da intelectualidade carioca foi atingida. A atitude de Lima Barreto é muito distinta do habitual da época "As dificuldades que encontrará para se afirmar como escritor revelam a reprodução da violência social que o persegue pelo estigma de seu nascimento. À dupla marginalidade – social e étnica – agrega-se uma terceira: a literária¹⁰⁷. Se já não era fácil a convivência em função dos preconceitos há muito arraigados na sociedade, habituar-se com um mulato insolente que ridicularizava a nata da intelectualidade seria impossível. Estava traçado o destino de Lima Barreto. Destino do qual o escritor tentou livrar-se, depois de ser criticado por Medeiros e Albuquerque pelo fato de seu *Recordações do Escrivão Isaias Caminha* caricaturar muitas figuras ilustres. O escritor remete-lhe uma carta no mesmo dia em que o crítico publicara n'A *Notícia* sua opinião sobre a obra de Lima Barreto. A carta procurava reforçar os

¹⁰⁵ BOTELHO, Denílson. Sob o Signo de Floreal: Uma perspectiva histórica da iniciação literária de Lima Barreto. In: **Itinerários**. Revista de Literatura. Araraquara, 23, 2005: 169.

¹⁰⁶ BOTELHO, Denílson. Sob o Signo de Floreal: Uma perspectiva histórica da iniciação literária de Lima Barreto: 169

¹⁰⁷ MACHADO, Maria Cristina Teixeira. **Lima Barreto**: Um Pensador Social na Primeira República: 67-8

valores literários da obra, de que eventualmente algumas pessoas poderiam conhecer modelos vivos para as personagens, pintadas em atitudes nada edificantes. E caso nem todos os retratados se conhecessem como tal e qual os personagens do livro, em alguns casos o “chapéu serviu” e o incômodo ficou. Ciente de que a crítica tinha razão de ser, Lima Barreto em resposta a Medeiros de Albuquerque afirmou que:

Caso o livro consiga viver dentro de curto prazo ninguém mais lembrará de apontar tal ou qual pessoa conhecida como sendo tal ou qual personagem. Concordo que há frase aqui e ali, e mesmo certas referências, que em muito o prejudicam. Ainda a questão do momento. Não direi que estou arrependido de tê-las escrito, mas, estou disposto a cortá-las em outras edições.¹⁰⁸

Uma atitude surpreendentemente conciliatória. Porém, o que se pode perceber é que a sociedade não aceitou a trégua proposta pelo escritor. A obra, lançada em livro em 1909, como foi assinalado, vai continuar rendendo aborrecimentos pelos jornais ao seu autor até o ano de sua morte. *Isaías Caminha*, vai ser para Lima Barreto como um estigma profissional que ele carregou em sua frente até o último momento de sua vida. *Isaías Caminha* será companheiro para o resto da vida, determinando, de certa maneira, os rumos que sua literatura e seu jornalismo serão dirigidos.

No entanto, outro romance, como bem lembra Lima Barreto, fora lançado quase que simultaneamente ao seu e fora regiamente elogiado pela alta sociedade. O romance em questão é *A Esfinge*, de Afrânio Peixoto, lançado em 1910.

¹⁰⁸ BARRETO, Lima. Lima Barreto a Medeiros e Albuquerque. In: **Correspondência: Ativa e Passiva**. (1º Tomo). São Paulo: Brasiliense, 1953: 198.

Realmente, o livro de Peixoto fora bem recebido pela crítica, mas Lima Barreto esquece-se de algo básico. O seu *Isaias Caminha* é um romance de sátira, já *A Esfinge* é um romance laudatório, elogioso, de um autor que tinha sido recém eleito para a Academia Brasileira de Letras. Em resumo, enquanto que *Isaias Caminha* feria suscetibilidades, *A Esfinge* afagava egos. Eis o motivo de sua diferença na recepção da crítica.

Em toda sua obra literária, o romancista foi um crítico implacável e feroz dessa sociedade das aparências que se seguiu quase incólume à transição do Império para a República. Conforme assinalou Sérgio Buarque de Holanda, nos anos 1950:

A obra, deste escritor, é, em grande parte, uma confissão mal escondida, confissão de amarguras íntimas, de ressentimentos, de malogros pessoais que nos seus melhores momentos ele soube transfigurar em arte. É essa espécie de refundição artística o que realmente importa ou importa antes do mais no estudo de tal obra, o que de fato vai valorizar as idéias nela expressas ou a crítica social, onde apareça.¹⁰⁹

Essa crítica social, nas obras de Lima Barreto, por vezes parece um tanto caricata, forjada para defender a tese de que os pobres são sempre explorados e trapaceados pelos ricos. Evidentemente isso acontecia, entretanto, criar figuras até certo ponto indefesas, que não se adaptavam ao mundo republicano por serem ingênuas em demasia não se coadunava com o que existia ao redor do autor. Baseado em tantos livros editados e que tratam do período em que Lima Barreto vive e escreve, nota-se que as pessoas descritas por Lima Barreto eram antes

¹⁰⁹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Em torno de Lima Barreto: 132

caricaturas do que propriamente um retrato das classes pobres as quais circulavam pela Capital Federal durante o período em que o autor viveu. Clara dos Anjos, por exemplo, é de uma ingenuidade impossível de crer. É conquistada, deflorada e abandonada por Cassy Jones como se fosse uma peça de roupa. Certamente havia as ingênuas, as que eram enganadas, mas de maneira tão inocente como Clara dos Anjos é pouco crível. Conforme aponta Sandra Pesavento:

É nas mulheres pobres, negras ou mestiças, que Lima Barreto descarrega a fatalidade de ser pobre e de cor num país que quer ser rico e branco. Tais personagens femininos parecem predestinadas, sem salvação possível. Não como elo mais fraco de uma cadeia de injustiças e de situações mal resolvidas historicamente, que a vida na cidade acentua.¹¹⁰

E essa fatalidade se acentua ainda mais na nova cidade que foi erguida no limiar do século XX, a nova cidade do Rio de Janeiro já não comportava mais figuras como Clara dos Anjos, mulatas ingênuas, que deveriam ser varridas para os subúrbios, na pior das hipóteses. Mas, a cidade não aceitava também idealistas como o Major Quaresma, que tem que levar sua “loucura nacionalista” para o sítio “Sossego”, cabe aqui notar o nome do sítio, sossego era tudo o que os modernos habitantes da cidade menos queriam, a vida moderna é uma vida de agitação, barulho, tempo escasso e um sem número de atividades. Isaias Caminha que vai ficar na cidade tem que se locupletar aceitando as imposições sociais feitas a ele. Por fim, sua vitória social é uma derrota pessoal. E essa derrota se deu, em alguns aspectos, por uma nova vida que se impunha às personagens; esse mundo é o

¹¹⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O Imaginário da Cidade**: 223

mundo burguês que traz consigo a impessoalidade, a agitação urbana. Em todos seus romances, o que se percebe é a incapacidade das personagens de lidarem com isso. E, nas suas crônicas e artigos de jornais é também latente a sensação de não pertencimento que moveu Lima Barreto. Esse sentimento talvez tenha relação com a maneira como a modernização foi inserida no Brasil. Uma modernização excludente.

A construção do projeto de modernização representou a supremacia do projeto da burguesia empreendedora e especuladora, esse projeto previa a higienização das cidades e a expulsão de suas entranhas quaisquer sinais de barbárie. Era importante colocar o país no rumo da modernidade burguesa, criar um país que fosse mais branco, mais asseado, mais normatizado de acordo com os ideais dessa burguesia, não um país de mulatos e negros que de um jeito ou de outro burlavam as regras impostas pela aristocracia financeira. Como vimos, nem todas as pessoas concordavam com esse projeto de criar uma sociedade artificial que ocupasse o espaço de uma sociedade real, de carne, osso e mulatice. Dentre os mais combativos encontramos Lima Barreto, em seus artigos ele se levantou contra a sociedade e suas instâncias de controle social que, mais do que ajudar, atrapalhavam a vida das pessoas comuns, com regras absurdas. Conforme Régis de Moraes:

Lima Barreto foi uma personalidade de fronteira. Alguém que habitou o limiar de realidades e mundos diferentes e, por esta razão abrigou em si uma cota incomum de contradições e conflitos. Afinal, nascido mulato em uma família de mulatos, recebeu tão rica educação e requintado ensino escolar que, no

fim de contas, nem bem pôde ser um mulato, nem bem foi um branco. A formação que teve fez dele um estranho para todos os meios. No subúrbio, entre a modesta gente de cor, nunca pode encontrar ressonância aos seus ideais e ao seu pensamento; todos estranhavam sua sensibilidade de dândi e seu projeto de viver para as letras entre o raspar de pés descalços e o estalar de tamancos no serviço pesado. Fora do subúrbio já se imagina como era a sua vida a partir do comentário que um chic fizera ao seu nome: "Nome muito longo e pomposo para um mulato!" Vivia-se a época imediata à Abolição da Escravatura, e os preconceitos que até hoje não parece terem morrido, estavam firmes porque demarcados e nutridos pelo ressentimento das transformações causadas pela extinção da escravatura.¹¹¹

Na verdade, a escravatura não levara consigo o fim do preconceito contra os negros e mulatos. Sua mulatice era notada como uma doença séria, o que o transformava em um outsider em todos os mundos. Mas, ao mesmo tempo sempre presente, incômodo, apontando o indicador para os pés dos pavões sociais, era difícil para Lima Barreto ser aceito. É claro que os hábitos pouco saudáveis do preconceito e da diferenciação social pela conta bancária, resquícios do Império – e diria características da sociedade brasileira – estavam muito vivos naquele início do século. A Belle Epoque e todo seu fluxo de modernização trazidas do outro lado do Atlântico faziam as vezes de uma República e de uma sociedade inexistente. Como inexistente também era a vida intelectual dessa sociedade do início do século, via de regra. Em alguns momentos, me pego a pensar que a descrição de Luiz Edmundo da literatura como "o sorriso da sociedade", era na verdade um sorriso atoleimado, de quem não entendia o que estava acontecendo à sua volta, pois estava vivendo com a cabeça do outro lado do Atlântico. As grandes

¹¹¹ MORAIS, Régis. **Lima Barreto**: Elogio da Subversão: 12-13

discussões versam sobre correção gramatical, a poesia versa sobre vasos chineses, pombas, estrelas, tudo em uma linguagem empolada, como a própria língua portuguesa tivesse que usar casaca, sobrecasaca, cartola, para ser aceita por esse mundo intelectual. As discussões sobre os rumos da nação, tão comum durante o Império, sumiram nos primeiros anos da República. É claro que esse sumiço não aconteceu porque as pessoas, interessadas em discutir os rumos que o país tomaria, decidiram ir tomar um chope no bar para comemorar a queda da monarquia e esqueceram-se de voltar. Nas palavras de José Murilo de Carvalho:

A expectativa inicial, despertada pela República, de maior participação, foi sendo assim sistematicamente frustrada. Desapontaram-se os intelectuais com as perseguições do governo de Floriano. [...]

Os intelectuais desistiram da política militante e se concentraram na literatura, aceitando postos decorativos na burocracia, especialmente no Itamaraty de Rio Branco.¹¹²

Sem contar o fato de que como a grande parte da população urbana, da Capital Federal era composta por negros e mulatos, esses ficavam mais à margem ainda, pois, liberados da escravidão, a maioria deles não conseguia uma ocupação remunerada e muito menos uma chance de se incorporar à modernidade republicana. Os empregadores preferiam aproveitar os imigrantes europeus e ignorar a vasta mão de obra negra que se acumulava na cidade.¹¹³ Mas, por incrível

¹¹² CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados**. O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987: 37.

¹¹³ Sobre os conflitos do mundo do trabalho há o livro de: CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**. O cotidiano dos trabalhadores na Belle Époque. Campinas: UNICAMP, 2001.

que pareça, não era apenas os negros e mulatos que não receberam o convite para o convescote da modernidade republicana. Segundo Mônica Velloso:

Esse sentimento de exclusão também era vivenciado por parcela expressiva da intelectualidade carioca, que se recusava a construir uma imagem europeizada da cidade, conforme requeriam os padrões institucionais.¹¹⁴

Ignorados pelos militares os intelectuais sentaram-se confortavelmente nos cafés e de lá ficaram a observar e comentar o que se passava na cidade. Entre um chope e outro, uma pilhéria e uma frase sarcástica, a cidade ia se transformando, e os símbolos da modernidade tomando conta das ruas do Rio, que no início do século XX, estavam cada vez mais largas. Alguns tinham espasmos de alegria pueril ao ver as picaretas abrindo as ruas da cidade, ver a derrubada de prédios históricos tão ligados ao Rio antigo. Vendo os rumos que a cidade do Rio de Janeiro estava tomando, Lima Barreto escreve:

Nesse atropelo em que vivemos neste fantástico turbilhão de preocupações subalternas, poucos têm visto de que modo nos vamos afastando da medida, do relativo, do equilibrado, para nos atirmos ao monstruoso, ao brutal... A brutalidade dos Estados Unidos, a sua grosseria mercantil, a sua desonestidade administrativa e o seu amor apressado estão nos fascinando e tirando de nos aquele pouco que nos era próprio e nos fazia bons. Nós não estamos como a maior parte dos senhores de Nova York, apertados em uma pequena ilha; nós podemos desenvolver por muitos quadrantes. Para que esta ambição então? Para que perturbar a majestade da nossa natureza, com a plebéia brutalidade de monstruosas construções? [...] Sei bem que essas considerações são inatuais. Vou contra a corrente geral, mas creiam que isso não me amedronta.¹¹⁵

¹¹⁴ VELLOSO, Mônica Pimenta . **Modernismo no Rio de Janeiro**: 27

¹¹⁵ BARRETO, Lima. **Vida Urbana**. São Paulo: Brasiliense, 1961: 121

Esse amor incondicional a um Rio que está sendo desfigurado é uma constante nas crônicas de Lima Barreto, segundo Velloso, “as ruas são a arena do confronto, o local do trabalho ambulante, do convívio social, da ajuda mútua e da troca de informações”.¹¹⁶ A rua é, no início do século XX, o local mais democrático que os moradores da capital tiveram a seu dispor, foi nela que as classes sociais se cruzavam, os conflitos aconteciam¹¹⁷. Mas, a rua foi local de atuação desses dois literatos tão cheios de vida e opiniões tão suas. Foi na rua, no contato com outras pessoas que João do Rio e Lima Barreto forjaram seu caráter literário.

As pessoas que estão descritas nas crônicas de ambos exalam vida por todos os poros. Mesmo que, em alguns momentos, em João do Rio, sejam um tanto caricatas em demasia, ainda há nelas um quê de real que quase podemos sentir-lhes a respiração. As pessoas descritas em suas crônicas – e no caso de Lima Barreto em seus romances – são aquelas pessoas comuns, moradores do subúrbio, que viviam de sonhos, de encontrar a oportunidade certa, que enquanto essa oportunidade não aparecia iam dando um jeitinho aqui, outro ali, arrumando, empurrando, encontrando soluções praticamente impossíveis em alguns casos. Foi essa rua que acabou, como acentua João do Rio, fazendo as celebridades e as revoltas, foi a rua que criou o:

Tipo que vive em cada aspecto urbano, em cada detalhe, em cada praça, tipo diabólico que tem dos gnomos e dos silfos das

¹¹⁶ VELLOSO, Mônica Pimenta. **Modernismo no Rio de Janeiro**: 27

¹¹⁷ Podemos citar as revoltas, “Do Vintém”, em fins do século XIX, narrada no livro de SILVA, Eduardo. **Dom Obá II d'África**, o príncipe do povo: vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor. São Paulo: Companhia das Letras, 1997; e a “Da Vacina”, em 1904, que pode ser lida em muitos livros, cito a título de exemplo, CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados**. O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1989

florestas, tipo proteiforme, feito de risos e de lágrimas, de patifarias e de crimes irresponsáveis, de abandono e de inédita filosofia, tipo esquisito e ambíguo com saltos de felino e risos de navalha, o prodígio de uma criança mais sabida e cética que os velhos de setenta invernos, mas cuja ingenuidade é perpétua.¹¹⁸

Essa visão da rua como formadora de uma escola da vida, que João do Rio tinha, não divergia muito do que Lima Barreto enxergava em suas andanças, segundo Roberto Schwarz:

A visão da cidade que Lima Barreto apresenta é tão ampla que nela cabem representantes de todos os grupos sociais: presidentes, ditadores, militares, honestos, ou desonestos doutores, moças de Botafogo, funcionários públicos de todos os escalões, meninas de subúrbio, poetas empobrecidos, músicos não reconhecidos, prostitutas infelizes ou de sucesso, aposentados, donas de casa, vagabundos, bêbados e loucos. Mas são aqueles que a sociedade rejeita que constituem o centro do relato nos romances e contos a eles se colando a visão condutora do narrador.¹¹⁹

A convergência entre a forma de ver a rua, como o palco principal, como já foi afirmado, que se desenrolou a vida de ambos e a maioria de seus textos, não os colocou sempre na mesma linha, as divergências eram muitas. Em 1905, escrevendo sobre a Rua do Ouvidor, Lima escreve “fui à Rua do Ouvidor; como estava bonita, semi-agitada! Era como um boulevard de Paris visto em fotografia.”¹²⁰ É de bom tom observar que Lima Barreto também era capaz de apreciar o belo – pelos padrões da época – como a Rua do Ouvidor durante uma tarde de verão. Era na Rua do Ouvidor, centro cultural e local em que as pessoas

¹¹⁸ RIO, João do. **A Alma Encantadora das Ruas**: 49

¹¹⁹ RESENDE, Beatriz. *A Opção pela Marginália*: 75

¹²⁰ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*: 1256

iam para ver e serem vistas, antes da construção da Avenida Central. E, como escreve Roberta Cardoso,

As vitrines das lojas da Rua do Ouvidor cristalizavam as mudanças que aconteciam diante dos olhos incrédulos de muitos homens e mulheres que viviam na cidade na virada do século e através de uma intensa publicidade, veiculada pelas revistas da época, estimulavam o consumo de objetos, que se tornavam símbolos do moderno. Nas páginas destes almanaques, os anúncios relacionados à saúde, à beleza e à limpeza eram predominantes e a propaganda era realizada através de belos desenhos, charges e fotografias que instigavam ainda mais o consumo. Pomadas, cremes, sabonetes, elixires, pós, loções eram, sem dúvida, os produtos mais anunciados e acabavam por transformar a propaganda em negócio bastante lucrativo, pois os anunciantes, com seu patrocínio, colaboravam para a manutenção das publicações.¹²¹

Esse mundo cada vez mais vertiginoso, com tantas possibilidades que nossos literatos vislumbram, vêem, são vistos, circulam por vários locais. Dentre esses locais podemos destacar os cafés, locais de encontro da intelectualidade literária; os teatros, locais em que a burguesia ia para se mostrar.

As artes como opção de diversão já vinham de longa data, o que o século XX trouxe de novidade foi a prática esportiva. O século XX trouxe consigo uma prática vinda do outro lado do Atlântico e, maravilha das maravilhas, grafada e falada em inglês! Foot-ball. Deveria ser o êxtase para a burguesia fluminense atuar como goal keapper, center-half, córner, entre tantos outros termos. Há muitos outros esportes sendo praticados pela burguesia nesse início do século XX, alguns deles já vinham do século XIX, mas, dentre esses esportes, o que mais caiu no gosto da população

¹²¹ Cardoso, Roberta Cerqueira. **Lima Barreto e os caminhos da loucura. Alienação, alcoolismo e raça na virada do século XX** Rio de Janeiro: PUC/RJ, 2002. (Dissertação de Mestrado): 20-21

fluminense foi sem dúvida alguma, o bolapé, nome curioso pelo qual o futebol ficou conhecido. Inserido em São Paulo em 1894 por Charles Muller, o foot-ball teve que esperar até 1902 para ser praticado na Capital Federal. Apenas com a vinda de Oscar Cox de uma temporada na Europa é que os fluminenses começaram a praticá-lo.

Quando o assunto é o ludopédio, João do Rio faz, como de hábito, uma demonstração de erudição, colocando na boca de um amigo imaginário companheiro de conversa, que lhe diz:

Tenho assistido a meetings colossais em diversos países, mergulhei no povo de diversos países, nessas grandes festas da saúde, de força e de ar. Mas absolutamente nunca vi eu o fogo, o entusiasmo, a ebbriez da multidão assim. Só pensando em antigas leituras, só recordando o Colosseum de Roma, e o hipódromo de Bizâncio.¹²²

É de bom tom lembrar que, no início, o futebol era um “*sport*” de elite. A prática de esportes em geral era um atributo da elite, no Brasil. Aos poucos, as classes pobres foram tomando gosto pela prática de atividades físicas e se apropriando das práticas esportivas, em especial, do ludopédio, que acabou por se transformar no futebol.¹²³ No momento em que João do Rio escreveu esse texto, a prática oficial ainda era um atributo da elite, tanto que negros só serão aceitos em clubes de futebol em 1924, no Rio de Janeiro, pelo Vasco da Gama. Mesmo assim,

¹²² RIO, João. Pall-Mall Rio. 4/09/1916. In: PEREIRA, Leonardo de Affonso Miranda. O jogo dos sentidos: os literatos e a popularização do futebol no Rio de Janeiro. In; CHALHOUB, PEREIRA (orgs) **A História Contada**: 196

¹²³ O processo de adaptação do *foot-ball* às terras brasileiras, em especial no Rio de Janeiro é estudado de forma atenta em PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: Uma história social do futebol no Rio de Janeiro. 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

os embates do esporte bretão tomaram as páginas de todos os jornais, a crer na observação feita por Lima Barreto em 1922. Segundo ele:

Quem abre qualquer um dos nossos jornais, principalmente nestes dias de centenário festejados faustosamente em meio da maior miséria, há de concluir que este nosso Rio de Janeiro não é o paraíso do jogo do bicho [...]

Concluirá que é um imenso campo de foot-ball. Senão, vejam, os quotidianos ocupam uma ou duas colunas, em semana, com política, um cantinho com cousas de letras, algum pouco mais com as patacoadas do nosso teatro, quase nada com artes plásticas, tudo o mais de suas edições diárias, isto é, a quase totalidade da folha, enche-se com assassinatos, anúncios e foot-ball.¹²⁴

Incomodado com o espaço que o futebol assumia nas páginas dos jornais, Lima Barreto fingiu não entender o que acontecia, porém, um pouco mais a frente, ele revelou porque se incomodava tanto com a prática do futebol. O que o deixava irritado era ver as concessões que o governo fazia aos esportistas, e, ao mesmo tempo, o comportamento das mulheres que vão aos locais dos jogos torcer para os:

Moços de mais de quarenta anos que se dão ao sacrifício de dar pontapés numa bola, para desenvolvimento dos respectivos mollets e gáudio das damas gentis, que assistindo-lhes as performances aprende ao mesmo tempo o calão dos bairros escusos, com cujos termos os animam nas pugnas. É verdade que essas singulares vestais dos nossos modernos Coliseus, às vezes, engalfinham-se no correr da luta. É que elas têm partido: uma é pelo leão do Atlas e a outra é pelo 'retiário'¹²⁵

Sem dúvida os pontos de vista são bastante distintos entre um e outro autor. Enquanto João do Rio via nessas partidas o aspecto saudável que possibilitavam, Lima Barreto ironizava os governantes por oferecerem tantos subsídios a um

¹²⁴ BARRETO, Lima. O nosso esporte. A.B.C. Rio, 26/08/1922. **Vida Urbana**: 281

¹²⁵ BARRETO, Lima. O nosso esporte. A.B.C. Rio, 26/08/1922. **Vida Urbana**: 282

esporte e ainda criticava as senhoras por utilizarem uma linguagem em desacordo com a posição que ocupavam e até por suas ações que, em alguns momentos, chegavam às vias de fato. Incomodado com as defesas exageradas que o esporte bretão recebia, ele se pôs a colecionar casos em que o bolapé causava danos à saúde das pessoas. Lista o caso do:

Menino Antônio, de doze anos de idade [...] que fracturou a perna direita. [...] O menino Valdemar Capelli, de quinze anos, [...] que interrompeu o divertimento às seis horas, para jantar e voltar ao mesmo exercício. Quando o reencetou foi acometido de um ataque e a assistência pública foi chamada para socorrê-lo.

Esta chegou tarde, entretanto, porque Valdemar já estava morto. [E conclui de maneira extremamente irônica]

Não ficam aí as demonstrações inequívocas das vantagens de tão delicado jogo. [...]

Depois de semelhantes provas, não se pode esperar do nosso governo senão fornecer aos futebolescos, os trezentos contos de que precisam para mostrar as suas belas gâmbias simiescas em Antuérpia.¹²⁶

A situação é a ideal para que a ironia do autor seja toda destilada; apoio financeiro da municipalidade, ampla cobertura dos jornais, vários casos de má utilização do esporte por parte das pessoas. E, seu questionamento, note-se, não era contra o esporte. Lima Barreto pode até não ser adepto de correr atrás de uma bola, mas, o que mais o indignava, nessa crônica era o fato de que o 'Conselho Municipal' distribuía à mão cheia muitos contos de réis para "o desenvolvimento físico das pernas de alguns marmanjos", entretanto, acabava por 'esquecer-se' de "estimular os poetas, os músicos, os artistas naturais ou filhos adotivos da cidade

¹²⁶ BARRETO, Lima. Vantagens do Foot-ball, Careta, 19/06/1920. In: **Vida Urbana**: 230-232

que representa".¹²⁷ Em outra crônica acabou por concluir o pensamento sobre os malefícios do futebol na sociedade, segundo Lima Barreto, "não há mais preocupações de coisas intelectuais; a preocupação atual, não só dos estudantes [de direito], como dos demais rapazes, é o tal jogo de pontapés"¹²⁸

As artes eram uma preocupação de Lima Barreto que reclama as mesmas condições de apoio, no mínimo. E, mesmo nessa seara ele encontrava o malogro e a apropriação do erário público, escreveu ele que "os jornais noticiaram, com o luxo habitual de gravuras, que o prefeito havia sancionado a resolução do Conselho Municipal, autorizando-o a despende a quantia de quinhentos contos para a ereção do Teatro Brasileiro." Essa desculpa, para um teatro novo na cidade tinha como objetivo "a educação artística do povo" segundo o prefeito Pereira Passos. Mas como assinala Lima Barreto, "homem de negócios, filho de fazendeiro, educado no tempo da escravidão, ele nunca se interessou por semelhante entidade. O que ele queria, era um edifício suntuoso, onde os magnatas da política, do comércio, da lavoura e da indústria, pudessem ouvir óperas sem o flagelo das pulgas do antigo Pedro II." Pronto o teatro não serviu ao que havia proposto inicialmente o prefeito: educar o povo artisticamente. Segundo o cronista:

Para o povo não tem serventia alguma, pois é luxuoso demais; para a arte dramática nacional, de nada serve, pois é vasto em demasia e os amadores dela são poucos; mas custou cerca de doze mil contos, fora o preço dos remendos. Enriqueceu muita gente... Tem servido para que uma burguesia rica, ou que se finge de rica, exhiba suas mulheres e filhas, suas jóias e seus vestidos, em espetáculos de companhias estrangeiras, líricas ou

¹²⁷ BARRETO, Lima. **Vida Urbana**: 282-283

¹²⁸ BARRETO, Lima. **Impressões de Leitura**: 227

não, para que o pobre mulato pé no chão, que colhe bananas em Guaratiba, contribui sob a forma de subvenção municipal às referidas companhias.¹²⁹

No mundo do teatro algumas características devem ser destacadas. Em primeiro lugar os teatros na Capital Federal, antes da construção do Teatro Municipal, concluído em 1909, não eram grande coisa, nada confortáveis, pequenos, simples em demasia, para os padrões 'culturais' fluminenses. Segundo Luiz Edmundo, o Rio de Janeiro, "não possui boas casas de espetáculos. As que existem são reles barracões, envergonhados lugares onde sobra o mau-gosto e falta a sombra do menor conforto. Em compensação – e isso é pelo um consolo – sobejam os atores, peças, empresários e até público."¹³⁰

Entretanto, por mais desconfortáveis que fossem essas casas de espetáculos elas traziam as troupes estrangeiras para atuarem aos brasileiros, uma vez que as peças nacionais não eram bem vistas. Os motivos foram dados por João do Rio no romance *A profissão de Jacques Pedreira*, indo ao teatro a personagem que dá nome ao livro, com seus amigos Godofredo e Jorge, espanta-se com a pouca presença de brasileiros no teatro, ouve de Godofredo a seguinte explicação "Onde viu você uma família elegante freqüentar um teatro onde se fala português? Quando vem é com vergonha como se estivesse a praticar uma ação feia."¹³¹. A única forma de teatro que o público brasileiro assistiria sem medo de passarem por ridículos eram

¹²⁹ BARRETO, Lima. O Conselho Municipal e a Arte. 8/07/1910. In: **Vida Urbana.**: 232-233

¹³⁰ EDMUNDO, Luiz. **O Rio de Janeiro de meu Tempo**: 161.

¹³¹ RIO, João do. **A Profissão de Jacques Pedreira**. Rio de Janeiro; São Paulo: Casa de Rui Barbosa; Scipione; Instituto Moreira Salles, 1992: 97

as “Revistas do Ano” e nesse gênero os líderes de audiência eram Arthur Azevedo e Moreira Sampaio. Porém, uma ação aceitável era assistir aos espetáculos estrangeiros. Essas companhias vindas de fora tinham um público fiel formado por “escritores, políticos, intelectuais, damas e membros da elite carioca que, embora não entendessem boa parte do espetáculo, compareciam assiduamente a fim de reforçar suas relações na sociedade”¹³², ou seja, os espetáculos eram o menos importante.

Mesmo com a pouca importância dada aos espetáculos teatrais João do Rio, em 1906 decidiu entrar em cena, escrevendo peças. “Quis explorar o gênero mais popular e aparentemente, mais fácil: o das revistas.”¹³³ Sua primeira experiência não foi das melhores, a crítica foi impiedosa, “nada reconheciam aos autores de *Chic-Chic*: nem fantasia, nem graça, nem originalidade. Palavras amáveis, bem poucas.”¹³⁴ Apesar de todas as críticas que recebeu por seu texto de estréia, João do Rio, escrevendo na *Gazeta de Notícias* em 9 de fevereiro de 1908 se defendeu afirmando que:

Resignei-me à patada de meia dúzia de galfarros, envenenados de ineditismo anônimo, e deixei passar. Mas, apesar da celeuma, apesar da raiva e da falta de tudo quanto constitui uma revista, Cinira dizia não ter tido nunca um papel com que simpatizasse tanto, e as estrelas batiam-se para fazer a peça. Muito sucesso da imprensa tem dado dez representações. O *Chic-Chic* deu trinta, com diárias nunca menores de setecentos mil-réis.¹³⁵

¹³² DOMINGUES, Chirlei. *João do Rio: A Femme Fatale dos Palcos da Belle Époque*: 25

¹³³ MAGALHÃES Jr., Raimundo. *A Vida Vertiginosa de João do Rio*: 55

¹³⁴ MAGALHÃES Jr., Raimundo. *A Vida Vertiginosa de João do Rio*: 57

¹³⁵ Citado In: MAGALHÃES Jr., Raimundo. *A Vida Vertiginosa de João do Rio*: 58

O reconhecimento sobre os dotes dramáticos de João do Rio só vem com a segunda peça, *Clotilde*, que estreou em 1907, “foi com esta peça que João do Rio passou a ser visto como uma grande promessa da dramaturgia nacional, tendo seu talento reconhecido pela crítica e pelo público.”¹³⁶

Mesmo fazendo parte do mundo do teatro, João do Rio foi implacável em suas críticas, tanto que em sua coluna *Cinematógrafo*, publicou uma crônica chamada de “a crítica nos bastidores” em que dialogou com um sujeito que o chama de cruel; querendo saber o porquê o cavalheiro lhe diz:

Porque é. Você leva a falar mal dos grandes trabalhos nacionais, escolheu a posição cômoda de não ser criticado. Ah! Você vai pagar caro. Dizem que você está arranjando com outro colega uma pilheria em 1 ato para um teatro de trololó. Pois bem. Ou você escreve uma tragédia shakesperiana, ou tem aí toda a crítica a atacá-lo.¹³⁷

Nessa conversa criada por João do Rio é possível identificar alguns pontos. O caráter das críticas de João do Rio era extramente ácido, se ele não gostasse da peça, fatalmente sua crítica seria implacável, como era de seu feitio. Há também outra característica da crítica, o fato de ser voltada para as produções nacionais; em função do teor da conversa, em que o interlocutor deixa claro haver uma surda revolta contra o crítico e teatrólogo, que se liberará quando estreiar sua nova peça, salvo a possibilidade de que ela seja uma produção à altura de Shakespeare.

Poderíamos mesmo imaginar que o interlocutor de João do Rio nessa conversa fosse Lima Barreto, pois suas críticas ao entorno do teatro são, como se

¹³⁶ DOMINGUES, Chirlei. *João do Rio: A Femme Fatale dos Palcos da Belle Époque*: 48

¹³⁷ RIO, João do. A crítica nos bastidores. In: *Cinematógrafo*. : 169

espera, muito ácidas. Em primeiro lugar, Lima Barreto faz algo raro: critica a audiência dos teatros. Ele começou a crônica dizendo que não ia ao teatro:

Não é porque despreze o teatro propriamente; não é porque despreze os artistas; não é porque desprezo os autores. Eu não vou a teatro porque desprezo o público. Os artistas e autores não têm culpa de que o nosso teatro seja a chulice que é; quem tem culpa é o público. Aqueles dão a este o que este lhes pede, e não podem, e não devem fazer outra coisa, pois precisam viver.¹³⁸

É no mínimo curioso que só leiamos uma crítica sobre o mau comportamento do público em 1919, sendo que isso era comum e corriqueiro; se mal se entendia o que se passava na ópera ou nas apresentações estrangeiras, pois poucos falavam a língua nas quais as apresentações eram feitas, então realmente, como aponta Lima Barreto, o público não estava muito interessado em ver mais do que em ser visto em um ambiente privilegiado e que oferecia distinção e dava ares de sapiência para quem o freqüentasse. Entretanto, mesmo não desprezando os autores teatrais, como escreveu no início da crônica, mais à frente Lima fez considerações interessantes sobre Arthur Azevedo. Escreveu ele que:

Nessas cousas de teatro, as atrizes, atores, pontos, coristas e figurantes, o que me assombra é a admiração dessa gente toda pelo Arthur Azevedo. Este senhor sempre foi uma grande mediocridade intelectual, com dotes secundários de escrever e versejar regularmente, facilmente, e, talvez corretamente; mas, sem imaginação criadora, sem poder de invenção e da emoção. [...] Os seus dotes secundários fizeram-no popular no teatro e fora dele; e Arthur aproveitou essa popularidade para se fazer um ditador dos palcos do Rio de Janeiro. Ninguém chegava até eles, sem o apoio do A.A., mas como Arthur só fazia 'revistas', toda a gente começou a fazer 'revistas'.¹³⁹

¹³⁸ BARRETO, Lima. Sobre o nosso teatro. 12-3-1919 In: **Bagatelas**: 221

¹³⁹ BARRETO, Lima. Sobre o nosso teatro. 12-3-1919 In: **Bagatelas**: 223

É curioso esse ataque à figura de Arthur Azevedo. Conforme foi escrito acima, o tipo de teatro praticado por Arthur Azevedo era o único em que o público brasileiro ia sem se sentir envergonhado. A crítica exercida por Lima Barreto respinga até em João do Rio, por quem, diga-se de passagem, o autor não nutria grande admiração. Em vários momentos, vai escrever contra a figura exuberante de João do Rio. Segundo Lima Barreto:

Uma ditadura semelhante quis exercer aqui nas letras, nos jornais e até no teatro, o Senhor Paulo Barreto, mas faltaram-lhe, por não ter sequer a habilidade e a manha para isso a audácia e a coragem necessárias, em substituição. Arrepiou carreira e voltou-se para a gamela munificente do Itamaraty.¹⁴⁰

Inicialmente essas críticas parecem postas na crônica um tanto a esmo, sai-se atirando no público, depois em Arthur Azevedo, Paulo Barreto, sobra mesmo para as figuras de Rui Barbosa e Coelho Neto, este último uma vítima constante de Lima Barreto em função de seu farisaísmo literário. Então, é possível entender a crítica. O problema do teatro serve de pretexto para Lima Barreto desancar uma mania nacional muito em voga em tempos de antanho como atualmente; a mania de ser chefe. A vontade de ser considerado um líder, um guia, um referencial toma conta de todos, segundo o autor, “a mania do brasileiro é ser chefe, seja de que forma for. Se não pode ser do Rio inteiro, contenta-se em sê-lo no Beco dos Boiotos.”¹⁴¹ Há que se ter um cuidado ao ler as crônicas de Lima Barreto. Aparentemente a crítica é dirigida ao mundo teatral, mas, uma segunda leitura,

¹⁴⁰ BARRETO, Lima. Sobre o nosso teatro. 12-3-1919 In: **Bagatelas**: 223

¹⁴¹ BARRETO, Lima. Sobre o nosso teatro. 12-3-1919 In: **Bagatelas**: 223

pinçando frases, lendo-as, relendo-as, inquirindo-as acaba por revelar que o que estava sendo questionado pelo cronista era menos o teatro e sim o caráter nacional. O comportamento das pessoas no teatro, indiferente ao que se passa no tablado e mais interessado em ver, ser visto, preocupando-se apenas com representações estrangeiras – mesmo sem entendê-las. A gana por ser considerado um líder, um iluminado, chefe de qualquer ajuntamento é tão grande que nem se leva em consideração o tipo de chefia que se exerce, pouco importa que seja a Capital Federal ou um beco obscuro qualquer. Definitivamente o caráter nacional, ou antes, o caráter da burguesia local não era grande coisa aos olhos de Lima Barreto. Encerrando essa crônica de 1919, com um conselho ao senhor Cardim, teatrólogo razoável, para ser bem condescendente, da época, na indicação de como elaborar uma peça que atraia o entusiasmo do público o cronista escreveu:

O que é preciso é que apareça no teatro, um grande gênero bem nosso que atenda tanto à massa comum dos auditores como àqueles que agora se têm afastado do nosso teatro, por ver nas suas peças, 'revistas' lorpas feitas a cordel, que o que têm de melhor é a pornografia e a escatologia.¹⁴²

É impossível não se lembrar dos 'encantadores' de João do Rio. Quanta diferença, em João do Rio, encantadores, inteligentes, educados, em Lima Barreto, escatológicos, pornográficos, mal educados, deslumbrados, entre tantos adjetivos nada lisonjeiros à elite 'encantadora' da época.

Semelhantes, porém, eram suas conclusões sobre a vida que levavam os trabalhadores. Após o processo contra o fim da escravidão, que se iniciou, em 1871

¹⁴² BARRETO, Lima. **Bagatelas**: 226

com a lei do ventre livre, houve uma nova configuração da ética do trabalho. Constantemente vigiados, os pobres estavam sofrendo um grande controle de sua vida, por todos os lados a nova ideologia burguesa procurava imiscuir-se em sua vida, tecendo laos ao trabalho, à vida regrada. Chalhoub afirma que:

O problema do controle social da classe trabalhadora compreende todas as esferas da vida, todas as situações possíveis do cotidiano, pois este controle se exerce desde a tentativa de disciplinarização rígida do tempo e do espaço na situação de trabalho até o problema da normatização das relações pessoais ou familiares dos trabalhadores, passando, também, pela vigilância contínua do botequim e da rua, espaços consagrados ao lazer popular.¹⁴³

Havia a necessidade de se dar um valor positivo aos modelos burgueses, inserir a mesma visão a respeito do trabalho, família, amizade, sociabilidade em todas as esferas sociais. Ainda segundo Chalhoub, “os processos [-crime] revelam de forma notória a preocupação dos agentes policiais e jurídicos em esquadrihar, conhecer, dissecar mesmo, os aspectos mais recônditos da vida cotidiana.”¹⁴⁴ O controle social se justificava sob o argumento de que os negros, há tanto tempo sob o jugo de seus senhores, seriam incapazes de gerirem por si só suas vidas. Abandonados à sua própria sorte, não teriam grande futuro, cabia, portanto, aos membros ilustrados da sociedade a tutoria dos pobres até que eles pudessem cuidar de si mesmos; em outras palavras, os pobres teriam que passar por uma lavagem cerebral até que tivessem adquirido a mesma ideologia que guiava as classes ricas do Brasil.

¹⁴³ CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**. O cotidiano dos trabalhadores na Belle Époque. Campinas: UNICAMP, 2001: 51

¹⁴⁴ CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**: 53

Abordando a situação do trabalhador assalariado, Lima Barreto e João do Rio eram convergentes nas críticas que fizeram à maneira como aqueles eram tratados. Porém, nas crônicas de João do Rio sobre os trabalhadores, é possível ver, sob a opinião do literato um distanciamento, o que não invalida suas opiniões. As condições de vida dos trabalhadores são narradas, seus percalços explorados, até mesmo uma melhora de suas condições de vida são panfleteadas; e, segundo Antonio Candido, João do Rio se revela “um inesperado observador da miséria, podendo a seus momentos denunciar a sociedade com um senso de justiça e uma coragem lúcida que não encontramos nos que se diziam adeptos ou simpatizantes do socialismo e do anarquismo.”¹⁴⁵

Antonio Candido classifica João do Rio, dentre outros, como um ‘radical de ocasião’, ou seja, uma pessoa que sem ser filiado a um partido, nem ser pertencente a um grupo, “sem qualquer compromisso com a revolução, que frequentemente até é contra ela, e, no entanto nalgum período ou apenas nalgum instante da vida fez alguma coisa por ela.”¹⁴⁶ E, a meu ver, essa expressão ‘radical de ocasião’ se encaixa bem na figura exótica de João do Rio. Em todos os seus textos, não identificamos aquele sentimento de similaridade aos pobres que ele descreveu, estudou e de quem narrou a vida, ao contrário, há sempre um distanciamento; um olhar de espanto, como se aquelas pessoas fizessem parte de um outro grupo étnico diferente daquele que abriga a esfuziante figura do jornalista que deles fala.

¹⁴⁵ CANDIDO, Antônio. Radicais de Ocasião.:89

¹⁴⁶ CANDIDO, Antonio. Radicais de Ocasião: 83

Lima Barreto é quem não se distanciava dos pobres e acabava por se tornar a voz que os defendia dos desmandos do governo federal, mesmo sem ser muito ouvido ou sendo ignorado. Em 1915, o governo “resolveu fornecer passagens, terras, instrumentos aratórios, auxílios, por alguns meses às pessoas e famílias que se quiserem instalar em núcleos coloniais nos Estados de Minas e Rio de Janeiro”¹⁴⁷, e essas mesmas pessoas foram as que migraram de suas terras atingidas pela seca em que nada nascia para aquela cidade reconstruída. Segundo Lima Barreto, migraram porque imaginavam encontrar o Eldorado, em busca da possibilidade de também tomarem parte da aragem de progresso que atingia a todos os habitantes da Capital Federal, pois, ficando no local em que nasceram não teriam qualquer melhora de vida, pois, segundo Barreto “Ninguém os viu lá, ninguém quis melhorar a sua sorte no lugar que o sangue dos seus avós regou o eito. Fascinaram-nos para a cidade e eles agora voltam, voltam pela mão da polícia como reles vagabundos.”¹⁴⁸ Entretanto, chegando na Capital Federal, o que recepciona as pessoas é o mesmo sentimento de indiferença que havia quando estavam na roça, é como se não fossem de carne e osso mas, seres abstratos, que não têm chance de participar da festa por serem de substância diferente da que se compõe a alta sociedade. E, o resultado dessa diferença é o reenvio dessas pessoas para o local de origem, um varrer sob o tapete o que envergonhava a burguesia local. Lima Barreto deposita na conta do governo essa situação, escreve que:

¹⁴⁷ BARRETO, Lima. A Volta. 26/01/1915. In: **Vida Urbana**: 82

¹⁴⁸ BARRETO, Lima. A Volta. 26/01/1915. In: **Vida Urbana**: 83

É assim o governo: seduz, corrompe e depois... Uma semicadeia.

A obsessão de Buenos Aires sempre nos perturbou o julgamento das coisas.

A grande cidade do Prata tem um milhão de habitantes: a capital argentina tem longas ruas retas; a capital argentina não tem pretos; portanto, meus senhores, o Rio de Janeiro, cortado de montanhas, deve ter largas ruas retas; o Rio de Janeiro, num país de três ou quatro grandes cidades, precisa ter um milhão; o Rio de Janeiro, capital de um país que recebeu durante quase três séculos milhões de pretos, não deve ter pretos.

E com semelhantes raciocínios foram perturbar a vida da pobre gente que vivia a sua medíocre vida aí por fora, para satisfazer obsoletas concepções sociais, tolas competições patrióticas, transformando-lhes os horizontes e dando-lhes inexequíveis esperanças.

[...]

O Rio civiliza-se!¹⁴⁹

E, essa ironia com Figueiredo Pimentel, que usava amiúde a expressão, “O Rio Civiliza-se” em sua coluna é para mostrar o lado perverso dessa modernidade, o Rio podia até civilizar-se, mas a maior parte da população brasileira havia perdido o bonde e continuava da mesma forma que antes; sem convite para essa festa. E mesmo esse banho de civilização que a cidade havia ganhado e continuava a ganhar por vezes não resistia às grandes precipitações pluviométricas que se abatiam sobre a cidade do Rio de Janeiro:

As chuvaradas de verão, quase todos os anos, causam no nosso Rio de Janeiro, inundações desastrosas.

Além da suspensão total do tráfego, com uma prejudicial interrupção das comunicações entre os vários pontos da cidade, essas inundações causam desastres pessoais, lamentáveis, muitas perdas de haveres e destruição de imóveis.

[...]

¹⁴⁹ BARRETO, Lima. A Volta. 26/01/1915. In: **Vida Urbana**: 83

O Prefeito Passos, que tanto se interessou pelo embelezamento da cidade, descurou completamente de solucionar esse defeito do nosso Rio.

[...]

Infelizmente, porém nos preocupados muito com os aspectos externos com as fachadas, e não com o que há de essencial nos problemas da nossa vida urbana, econômica, financeira e social.¹⁵⁰

A maquiagem da cidade funcionava bem em alguns momentos, mas quando a natureza agia de uma maneira mais forte tudo se esvaia, como se fosse feito de papelão.

Naquele tempo era muito comum a representação dos pobres como sujos, descuidados, indolentes, até certo ponto animais, e, o principal, ser pobre significava ser altamente perigoso. Em algum momento, no fim do século XIX, as classes pobres, no Brasil, foram associadas às chamadas classes perigosas; os membros das classes perigosas, segundo conceito europeu, eram pessoas que tinham antecedentes criminais. No Brasil, ser pobre era sinal de que em breve o indivíduo cederia à tentação e entraria, fatalmente, no rol da temida e vigiada, “classe perigosa”¹⁵¹. Em nome da reorganização do espaço urbano, discutido anteriormente, a vida das pessoas pobres sofre uma verdadeira devassa, nada foi perdoado, tudo foi justificado em nome da ciência, da higiene e do capital; não necessariamente nessa ordem. Foram criadas várias instituições de controle social durante os primeiros anos do século XX. Ninguém escapou, nada foi ignorado, os

¹⁵⁰ BARRETO, Lima. As Enchentes. 19/01/1915. In: **Vida Urbana**: 77

¹⁵¹ Ver em: CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril**.

pobres eram vigiados em todos os seus passos. Segundo Carmem Lúcia Figueiredo:

Hospício, quartel, navios e prisão constituíram-se, no Brasil da Primeira República, autênticos laboratórios para a prática das estratégias higienistas de desodorização do espaço urbano. Para o discurso médico - científico, a representação imaginária do pobre estrutura-se em função da doença, sendo caracterizado como feio, animalesco, fedido, rude, ignorante, cheio de superstições, uma vez que representa o outro da burguesia na projeção de tudo o quanto ela rejeita.¹⁵²

Liberdade era um termo bastante impreciso naqueles tempos. Em uma crônica, Lima Barreto põe-se a defender a liberdade de criação sob quaisquer eflúvios. A crônica – Providências Policiais - é um tanto truncada para uma leitura atual, mas fica claro que uma ‘boa senhora’ da elite local sentiu-se afrontada e, possivelmente, foi constrangida por alguém que estava narcotizado. Um poeta de rua? Um literato que Lima Barreto conhecia de vista ou mesmo de copo? Não se sabe. O que se sabe é que em função desse incidente a “nossa polícia resolveu tomar medidas extremas contra os viciosos que abusam de narcóticos de várias espécies”.¹⁵³ E, para indicar o modo de ação policial, preocupada mais em reprimir do que em investigar, Lima Barreto cita vários escritores desde Rabelais, Edgar Allan Poe, Lord Byron. Entretanto, ressalva, como alguns dos nomes listados são ingleses, e, desde 1863, com a Questão Christie, o Brasil tem evitado entrar em conflito com os ingleses em função de sua esquadra poderosíssima, que “nós sabemos o que ela vale”. Essa lista de nomes é uma defesa em torno desses

¹⁵² FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. **Lima Barreto e o Fim do Sonho Republicano**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 1995: 89

¹⁵³ BARRETO, Lima. **Marginália**. São Paulo: Brasiliense, 1961:97

viciados que poderiam ser ameaçados por essa precipitação moralizadora policial. Acaba por inferir que para evitar maiores danos, a polícia vai voltar-se para os Brasileiros, “Mário Coelho é brasileiro e bebia, por isso quem vai pagar o seu estúpido crime devido à embriaguez são os brasileiros. Sendo assim vão ser processados o romancista Bernardo Guimarães e o poeta Fagundes Varela.” E conclui que a maior vítima da judiciosa ação policial, a maior vítima serão as atividades criadoras, pois essas pessoas que ele listou em sua crônica “nunca assassinaram ninguém; mas escreveram muito. Eis aí o seu crime.”¹⁵⁴

Mesmo os estrangeiros eram vigiados. Aqueles que eram considerados agitadores acabavam sendo, rapidamente expulsos do país. Obviamente que essa agitação se dava, especialmente, no campo do trabalho, leis foram criadas para evitar que houvesse qualquer perturbação à ordem vigente. E, é claro que essa ordem é a manutenção do *status quo*, e, Lima Barreto credits essa situação na conta do regime republicano, “a República mais do que o antigo regímen, acentuou esse poder do dinheiro, sem freio moral de espécie alguma; e nunca os argentários do Brasil se fingiram mais religiosos do que agora e tiveram da Igreja mais apoio.”¹⁵⁵ E, os argentários, de São Paulo, se aproveitaram do trabalho estrangeiro quando lhes convinha, quando o preço do café andava na estratosfera, e eles lucravam muito. Mas, foi só o preço do café começar a despencar para que providências fossem tomadas contra esses mesmos estrangeiros, “a quem chamam de anarquistas, de inimigos da ordem social, esquecidos de que andavam antes a

¹⁵⁴ BARRETO, Lima: **Vida Urbana**: 98

¹⁵⁵ BARRETO, Lima. São Paulo e os estrangeiros. 1917. In: **Bagatelas**: 52

proclamar que a elegância da sua capital, os seus lambrequins, as suas fanfreluches eram devidas a eles, sobretudo aos italianos.”¹⁵⁶ Para Lima Barreto, o trabalho estrangeiro só lhes serve quando os imigrantes “curvam a cerviz à sua desumana ambição.”¹⁵⁷

Esses mesmos paulistas foram acusados por Lima Barreto de esquecerem-se dos pobres:

Desde que o governo da República ficou entregue à voracidade insaciável dos políticos de São Paulo, observo que o seu desenvolvimento econômico é guiado pela seguinte lei: tornar mais ricos os ricos; e fazer mais pobres, os pobres.

São Paulo tem muita razão e procede coerentemente com as suas pretensões; mas devia ficar com os seus propósitos por lá e deixar-nos em paz. Eu me explico. Os políticos, os jornalistas e mais engrossadores das vaidades paulistas não cessam de berrar que a capital de São Paulo é uma cidade européia; e é bem de ver que uma cidade européia que se preza, não pode deixar de oferecer aos forasteiros, o espetáculo de miséria mais profunda em uma parte de sua população.¹⁵⁸

É um nobre esporte praticado pelos plutocratas, enriquecer cada vez mais à custa dos mais pobres. Pobres esses associados à figura do malandro, aquele que não gostava de trabalhar e que estava sempre dando um “jeitinho”; pessoas condenadas a seguirem sempre a mesma sina, nas palavras de Sertório um guia de João do Rio pelas ruelas estreitas do bairro da Saúde no Rio, “estão fatalmente destinados ou a apanhar ou a dar, desde crianças. É a vida. Alguns são perversos: provocam, matam. Vais ver. Nasceram aqui, de pais trabalhadores...”¹⁵⁹ Esse

¹⁵⁶ BARRETO, Lima. **Bagatelas**: 54

¹⁵⁷ BARRETO, Lima. **Bagatelas**: 55

¹⁵⁸ BARRETO, Lima. No ajuste de contas... 11/05/1918. In: **Bagatelas**: 89

¹⁵⁹ RIO, João do. As crianças que matam. In: **Cinematógrafo**: 36

comportamento agressivo, de atacar antes de ser atacado era antes uma visão enviesada de quem não convivia com essas pessoas; entre elas as ações de vida ou de morte, conflito ou convivência pacífica estavam postas e nada acontecia de um momento a outro, as diferenças iam crescendo, surdamente, até atingirem seu clímax, mas raramente aconteciam de um momento a outro.¹⁶⁰

Entre esses dois literatos é evidente a rejeição que ambos têm da maneira como as classes pobres são encaradas pelos dirigentes nacionais. Mas, em Lima Barreto, há um conhecimento muito maior da situação dos pobres. João do Rio é muito mais fantasioso, pratica o voyeurismo social, jamais se imiscui, no cotidiano das pessoas que descrevia, sua descrição era muito mais uma narração daquilo que já esperavam seus leitores, um mundo bizarro, violento, cheio de defeitos morais. Os interesses de João do Rio vão se modificando, acredito, em função dos interesses da sociedade. Começando pelo obscuro mundo dos pobres além dos limites da Avenida Central, descritos em crônicas, de A Alma Encantadora das Ruas; modificando-se na segunda década com as crônicas mundanas de Pall-Mall Rio.

Lima Barreto alterna-se no papel de quem descreve e daquele que sofre as ações e conseqüências das ações vindas de cima para baixo. E o radicalismo de Lima Barreto vai se acentuando mais e mais ao longo dos anos quando as portas do mundo literário lhe são fechadas, uma a uma. Lima Barreto é um grande

¹⁶⁰ Conforme apontado na introdução de CHALHOUB, **Sidney. Trabalho, Lar e Botequim**: 23-54.

observador do cotidiano da cidade, sua argúcia vai, em alguns casos, no ponto em que miram as autoridades, e não no que apontam seus discursos.

O Rio de Janeiro do início do século, e, por extensão diga-se, o Brasil, vivia mais de um desejo de ser uma cópia – pirata diríamos todos hoje em dia – de Paris a qualquer custo, do que da necessidade de resolver seus problemas urbanos reais. Os “encantadores” de João do Rio viviam mais no mundo encantado da Avenida Central, com seus footings e seus five o’clock tea do que naquele mundo que ia além das barreiras sociais. Sentiam-se, com as descrições que João do Rio lhes fazia, como se sentiam os londrinos ao lerem os romances de Kipling sobre a Índia colonial ou as aventuras contadas sobre o além mar por Conrad. A emoção era parecida, o cenário era estranho.

E é neste cenário estranho que circulou e inseriu-se Lima Barreto, a vida urbana que foi reportada por ele não é a mesma contada por João do Rio. Os problemas são reais, as pessoas não sofrem de uma brutalização natural, como muitas vezes João do Rio parece sugerir, mas, antes, são levadas a ganhar a vida em condições terríveis. Os problemas que padecem são reais. Ruas esburacadas e sem calçamento, carestia, falta de trabalho, aluguéis caríssimos, preconceito étnico. Contra isso Lima Barreto insurgiu-se, sempre com um discurso radical e posicionando-se contra a tentativa de eliminação dos pobres e negros da história urbana do Rio de Janeiro.

Capítulo III

Impressões Sociais e Literárias

Nos dois capítulos anteriores o que se buscou analisar foi a maneira como se deu a formação intelectual de cada um dos dois literatos estudados nesse trabalho. Suas opiniões ao longo da vida também foram analisadas, vistas, estudadas. Neste capítulo, a análise se centrará no estudo da obra de ambos tendo como ponto de partida os anos de 1909 para Lima Barreto e o ano de 1910 para João do Rio. Essas datas se justificam, conforme já foi apontado ao longo do trabalho porque foram esses anos que determinaram profundamente os rumos de ambos no mundo das letras.

Enquanto Lima Barreto realizava seu grande sonho, publicar um livro, João do Rio finalmente conseguia adentrar as portas da Academia Brasileira de Letras. Para este, as alegrias de um sonho realizado, para aquele, o sonho viria logo a trazer alguns aborrecimentos e, até mesmo, acabaria por transformar-se em um pesadelo do qual Lima Barreto não poderia mais livrar-se, mesmo depois de sua morte.

O desejo de fama que o move está presente desde sempre, é claro que não há nada de errado em alguém desejar a fama. Entretanto, esses desejos de Lima Barreto, justos, são meio que varridos para debaixo do tapete nas pesquisas sobre sua vida, como se fossem uma mancha em sua biografia. Acredito que esse desejo de ser famoso, de ser reconhecido por sua produção literária acabe explicando muito das atitudes do escritor quando viu esse seu projeto frustrado por seus

contemporâneos. É claro que não devemos apenas culpar os contemporâneos por não enxergarem o talento de Lima Barreto. Não foi a primeira nem a última vez que um artista deixou de ser reconhecido por seus pares e em sua época. A profusão de aspirantes a escritores era imensa, conforme atesta Vivaldo Coracy,

Muitos não passaram de vocações frustradas. Mas na época estavam todos possuídos da 'chama sagrada' e cada um se julgava uma das futuras luzes das letras nacionais. Embriagavam-se de Verlaine, Rimbaud e Mallarmé de mistura com Antonio Nobre e Eugenio de Castro. E escreviam, escreviam. Como nem sempre tinham onde publicar suas produções liam-nas uns aos outros em torno dos cafés que freqüentavam.¹⁶¹

Iniciar a carreira de literato era algo extremamente difícil, sem contatos com o mundo estabelecido na profissão ficava muito difícil para qualquer um, com ou sem talento. Lima Barreto tinha consciência disso. O local de encontro desses aspirantes a literatos eram os cafés, em que se bebia não apenas café, mas também chope, parati, água, suco.

Conforme assinalado anteriormente, Lima Barreto tinha ao menos três possibilidades para iniciar sua carreira como romancista, um romance menos explosivo, o *Gonzaga de Sá*, que só seria publicado em 1919, Uma versão de *Clara dos Anjos*, e aquele que começara a publicar na sua *Floreal*. O objetivo, como ele mesmo esperava e admite em uma carta a seu amigo Gonzaga Duque era "escandalizar e desagradar" inclusive seus amigos mais chegados, mas, ao mesmo tempo, esperava que, com o tempo, "esse primeiro movimento, muito natural, seja

¹⁶¹ Coracy. In: BROCA. **A Vida Literária no Brasil - 1900**: 189

seguido de outro de reflexão em que vocês considerem bem que não foi só o escândalo o egotismo e a charque que pus ali”¹⁶² Lima Barreto estava certo, seu livro causou choque, surpresa, desagrado e pavimentou o caminho do escritor para sempre. Equivocava-se ao pensar que o tempo faria seus contemporâneos identificarem a qualidade de seu texto. Nas palavras de Marcos Vinicius Scheffel:

Lima Barreto não fugia à tendência de outros escritores do período: escrever um livro maldito, mas que agradasse pelo menos os círculos literários por ele freqüentados. Tomada a decisão de publicar primeiramente esse livro [Isaias Caminha], propositalmente mal feito e brutal, nas suas palavras, ele enfrentou um cenário altamente adverso para viabilizar a publicação.¹⁶³

Mas é bom que fique claro que os livros que escandalizavam a “boa sociedade” da época o faziam sem escandalizar e ofender o círculo ao qual freqüentava o autor. Era possível ao escritor escolher alguns desafetos e ir destilando contra eles suas ironias ao longo do tempo. Exemplos podem ser vistos nas quadrinhas de Emílio de Menezes, até mesmo no comportamento de João do Rio que criticava pessoas famosas à época no afã de alcançar notoriedade. Foi isso que não fez Lima Barreto com seu romance *Isaias Caminha*.

Com o passar do tempo, alguma crítica acabou associando o caminho do jovem escrivão com o do próprio Lima Barreto, um romance autobiográfico. Porém, o romance vai além da exposição de dados biográficos particulares de Lima Barreto. Romances que narravam acontecimentos, o cotidiano de um grupo, eram relativamente comuns na época. Faziam parte da prática literária, e o *Isaias*

¹⁶² BARRETO, Lima. **Correspondências [T. 1]**: 169

¹⁶³ SCHEFFEL, Marcos Vinicius. **Do registro diário à criação**. Joinville: Letra d’água, 2007: 31

Caminha, de Lima Barreto, não era diferente, ou antes, tinha as suas particularidades, nas palavras de Alfredo Bosi:

As recordações são uma fonte rica de dados para a história social e cultural do Rio de Janeiro no começo do século XX. A condição do mestiço humilde, interiorano, depois suburbano, e os seus percalços para integrar-se na vida da capital que se modernizava a passos largos; a rotina do jornal onde achou emprego, com toda a sua galeria de tipos beirando a caricatura; enfim, o clima de fatuidade e subserviência que se respirava na imprensa e nos círculos literários da belle époque carioca.¹⁶⁴

Essa verdade exposta assim, na cara das pessoas que viviam daquela forma não deve ter sido das mais agradáveis de se ver e de se ler. Entretanto, antes de qualquer discussão sobre as reações aos textos de Lima Barreto, é necessário ter-se em mente que Lima Barreto divergia de seus pares em muitos aspectos, mas essa divergência não o impede de querer a aprovação de seus pares, e, apesar disso, o estilo literário e a aprovação de outros escritores não são pontos conflitantes. Podemos perceber isso por suas constantes candidaturas à Academia Brasileira de Letras, três ao total. Nos anos de 1917, candidato à vaga de Sousa Bandeira, em que sua candidatura nem sequer foi considerada. Tornou a candidatar-se em 1919 para a vaga de Emílio de Menezes e não consegue muitos votos, dois apenas nas duas primeiras apurações, e um voto nas terceira e quarta apurações. Por fim, com a morte de João do Rio, coloca-se novamente como candidato, mas retira a candidatura alguns meses depois alegando motivos particulares. Nas relações que mantém e mesmo que não se aproxime dos nomes que ocupam as luzes da ribalta

¹⁶⁴ BOSI, Alfredo. *Figurações do Eu...*: 187

da época, participa de uma animada tertúlia literária e troca correspondência com outros tantos Brasil afora à medida em que seus livros vão sendo editados. Mesmo sem ser exaltado, é reconhecido como grande escritor. O não sucesso que o perseguiu durante toda sua vida o incomodava e muito, conforme escreve no registro do dia 20 de abril de 1914:

Hoje, pus-me a ler velhos números do *Mercure de France*. Lembro-me bem que os lia antes de escrever o meu primeiro livro. Publiquei-o em 1909. Até hoje nada adiantei. Tenho sinistros pensamentos. Ponho-me a beber; paro. Voltam eles e também um tédio de minha vida doméstica, do meu viver quotidiano, e bebo. Uma bebedeira puxa outra e lá vem a melancolia. Que círculo vicioso! Despeço-me de um por um dos meus sonhos. Já prescindo da glória, mas não queria morrer sem uma viagem à Europa, bem sentimental e intelectual, bem vagabunda e saborosa, como a última refeição de um condenado à morte.¹⁶⁵

Walter Benjamin escrevendo sobre Baudelaire denomina as suas contradições, especialmente sua rebeldia contra tudo e todos como a “metafísica do provocador”. Lendo o diário e crônicas, em que impera um sentimento de desalento, o que Lima Barreto transparece é uma metafísica da melancolia. Uma angústia sem tamanho em que a família, o trabalho, o ‘não sucesso’ tudo se mistura tudo pesa, tudo o impede de realizar seus sonhos, por mais simples que possam ser.

Entretanto, aos poucos Lima Barreto, mesmo com o fardo pesado da família, vai se caracterizando como escritor, forjando para si uma visão muito particular de literatura, oposta aos cânones da época. Machado de Assis em um artigo sobre a

¹⁶⁵ Barreto, Lima. *Diário Íntimo*: 1305.

maneira de fazer literatura, chamado de “Sentimento de Nacionalidade” afirma ser necessário ao escritor mergulhar no íntimo do ser humano em problemas universais para chegar a ter uma relevância histórica, para se inscrever como obra literária definitiva. Já Lima Barreto acreditava que a literatura deveria ser o mais simples possível, engajada em uma causa, destacando os problemas sociais tendo como objetivo a libertação do homem dos problemas que lhe martirizam o espírito, “sempre achei a condição para a obra superior a mais cega e absoluta sinceridade”¹⁶⁶. Essa atitude o transformou em um corpo estranho ao modo de fazer literatura no Brasil. Nas palavras de Luiz Scottó:

Entendemos que a obra de Lima Barreto ganha um horizonte quase inexplorado, tanto no sentido estético como no plano temático, quando projetada, não para a vida do autor, mas para o contexto social, político e cultural do Brasil.¹⁶⁷

O sentido estético da obra de Lima Barreto vem sendo analisado há anos, muitas vezes sendo misturado com a vida do escritor sem muito discernimento, conforme já frisado em outro momento. Entretanto, o escritor Lima Barreto não pode ser encontrado apenas em suas obras de ficção, como se elas fossem um espelho de sua alma e desconfio muito que se encontre a figura de Lima Barreto no que escreve sob a designação de ficção, mas há muito dele nos seus escritos como jornalista e em uma solitária conferência literária, que preparou e não apresentou em 1921, sobre o “Destino da Literatura”. Nela Lima certamente surpreenderia a platéia com um trecho em que justificava o fato de não escrever as, tão em moda,

¹⁶⁶ BARRETO, Lima. Diário Íntimo: 1306

¹⁶⁷ ALMEIDA, Luiz Alberto Scottó de. **Lima Barreto – O cânone e o bêbado**: 3

“conferências literárias”, por ser muito tímido, por não se dar bem à vida em sociedade Lima Barreto escreve que:

Tem sido para mim desvantajoso esse proceder [fazer conferências literárias], pois, conforme me hão dito confrades autorizados, é a palestra aliterada o mais proveitoso gênero de literatura que se pensa cultivar no Brasil. É, como já vos disse, a primeira que faço e talvez seja a última, porque estou encerrando o que prontamente se chama carreira literária.¹⁶⁸

Causa impacto ler essas palavras escritas de maneira tão direta no papel. É possível imaginar o drama do escritor, não ao escrevê-las, mas ao ver pouco a pouco seu sonho de literato ir se esvaindo, murchando como um balão que perde o gás. Mais adiante, nesta mesma conferência, Lima Barreto, escreve que:

Mais do que qualquer outra atividade espiritual da nossa espécie, a Arte, especialmente a Literatura, a que me dediquei e com que me casei; mais do que ela nenhum outro meio de comunicação entre os homens, em virtude mesmo do seu poder de contágio, teve, tem e terá um grande destino na nossa triste Humanidade.¹⁶⁹

Em ambos os trechos há uma identificação com a literatura até o âmago da alma, uma escolha tão pessoal e íntima que não se entende a primeira citação da conferência. A compreensão do conteúdo da conferência não aparece na produção literária, nas crônicas, nos contos, o que explica o desencanto com o casamento com a literatura está exposto, nu e cru, em seu diário. Em seu diário, Lima Barreto expõe seus sonhos, tristezas, alegrias, medos, esperanças com poucos obstáculos para sua compreensão e é neste diário que devemos procurar a explicação para uma decisão tão dolorosa ao escritor, abandonar a literatura.

¹⁶⁸ Barreto, Lima. **Impressões de Leitura**: 55

¹⁶⁹ Barreto, Lima. **Impressões de Leitura**: 66

Quando começa a escrever seu diário, segundo consta no dia 2 de julho de 1900, Lima Barreto coloca como epígrafe, um trecho do evangelho de São Mateus, “Bem aventurados os que têm fome e sede de justiça; porque serão satisfeitos”, um trecho em espanhol de Cervantes, ‘El Licenciado Vidriera’ que diz: “ – Pues de que surte los piensas honrar? – preguntó el caballero. Con mis estudios – respondió el muchacho –, siendo famoso por ellos; porque yo he oído decir que de los hombres se hacen los obispos.” Abaixo dessas duas citações, as primeiras palavras de Lima Barreto, em seu diário, são, “Quando comecei a escrever este, uma ‘esperança’ pousou.”¹⁷⁰ A esperança, conforme já apontado em outro momento é a da glória literária, de ser reconhecido como grande escritor. O tipo de livro é que ainda não parece estar muito claro a Lima Barreto, pois em apontamento de 12 de junho de 1903, ele escreve:

Eu sou Afonso Henriques de Lima Barreto. Tenho vinte e dois anos. Sou filho legítimo de João Henriques de Lima Barreto. Fui aluno da Escola Politécnica. No futuro, escreverei a História da Escravidão Negra no Brasil e sua influência na nossa nacionalidade.

Nasci em segunda-feira, 13-2-81.

O meu decálogo:

1 – Não ser mais aluno da Escola Politécnica

2 – Não beber excesso de coisa alguma

3 E...¹⁷¹

Independente do tipo de livro que quer escrever, uma característica já aparece e que Francisco de Assis Barbosa vai descrevê-lo como “jovem estudante,

¹⁷⁰ Ambos os trechos citados e as palavras de Lima Barreto em: Barreto, Lima. Diário Íntimo: 1208

¹⁷¹ BARRETO, Lima. Diário Íntimo: 1213

sequioso de método, com capacidade didática, mas impaciente”¹⁷², um estudante com pacholices de escritor, mas que não completa o seu decálogo, não indo além dos dois primeiros pontos, característica que vai acompanhá-lo ao longo de sua vida. Um comportamento errático, instável, em função das necessidades da vida, das angústias do espírito, mas de qualquer maneira, uma de suas características é sua inconstância.

A falta de dinheiro também afetava seu cotidiano, principalmente após a loucura de seu pai. No mesmo dia 12 de junho escreve ele, em outro momento: “Ainda e sempre sem dinheiro”¹⁷³, em janeiro de 1904, desabafa:

Dolorosa vida a minha! Empreguei-me há 6 meses e vou exercendo as minhas funções. Minha casa ainda é aquela dolorosa geena para minh’alma. É um mosaico tétrico de dor e de tolice.

Meu pai, ambulante, leva a vida imerso na sua insânia. Meu irmão C..., furta livros e pequenos objetos para vender. Oh! Meu Deus! Que fatal inclinação desse menino!¹⁷⁴

Como querer ter as condições básicas para poder criar no meio de um caos existencial e material, como o escritor deixa transparecer em seu diário? É possível, notar uma transformação nos temas do diário, após essa nota, a literatura toma quase todo o espaço, há pequenas observações a respeito da situação social do Rio de Janeiro à época da Revolta da Vacina bem como observações sobre pessoas e o cotidiano do autor. Mas as decepções com o vil metal praticamente desaparecem, o que não significa que as preocupações causadas pela ausência do mesmo tenham

¹⁷² BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**: 96

¹⁷³ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*: 1214

¹⁷⁴ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*: Janeiro de 1904: 1217

perdido a importância, mas já começam a ser superadas pelas ambições literárias de maneira mais palpável. Em 1904, Lima Barreto esboça trechos de *Clara dos Anjos* bem como anotações sobre a chegada da família real portuguesa ao Brasil. Material para um possível romance? Não há qualquer indicação, nem de sim nem de não.

Entretanto, as anotações a respeito do cotidiano trazem consigo a marca do preconceito sentido, como nessa anotação do dia 6 de novembro em que Lima Barreto descreve uma sensação desagradável ligada à bebida e a um encontro que considerou desagradável:

Hoje (6 de novembro) fui à ilha pagar dívidas de papai (490); paguei-as uma a uma; entretanto, na volta, estava triste; na estação de São Francisco (vim pela Penha), ao embarcar, me invadiu tão grande melancolia; que resolvi descer à cidade. Que seria? Foi o vinho? Sim, por que tenho observado que o vinho em pequenas doses causa-me melancolia; mas não era o sentimento; era outro, um vazio n'alma, um travo amargo na boca, um escárnio interior. Que seria? Entretanto, eu o quero atribuir ao seguinte:

Na estação, passeava como que me desafiando o X.J. (puto, ladrão e burro) com a esposa ao lado. O idiota tocou-me na tecla sensível, não há negá-lo. Ele dizia com certeza:

- Vê, "seu" negro, você me pode vencer nos concursos, mas nas mulheres, não. Poderás arranjar uma, mesmo branca como a minha, mas não desse talhe aristocrático.

Suportei o desafio e mirei-lhe a mulher de alto a baixo e, dentro de alguns anos, espero encontrar-me com ela em alguma casa de alugar cômodos por hora.¹⁷⁵

Já é possível vislumbrar que Lima Barreto carregava consigo a melancolia que iria arrastá-lo futuramente para o hospício por duas vezes. Além disso, lê-se a sua relação com o julgamento alheio, que sempre esteve a lhe preocupar. É

¹⁷⁵ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*: Janeiro de 1904: 1221

possível perceber uma tensão entre a tentação do álcool que o arrasta a uma sensação de melancolia e a sensação de que em breve a sorte viraria. Um eterno conflito, no caso de Lima Barreto, entre a utopia de ascender ao mundo das letras e a vida comezinha que levava com sua família da qual se liberava com um pouco de vinho, por hora e mais adiante com muito álcool. A família também era motivo de inquietação para Lima Barreto, segundo ele mesmo escreve, no dia 3 de janeiro de 1905, “há em minha gente toda uma tendência baixa, vulgar, sórdida.”¹⁷⁶ Essa preocupação justifica-se, segundo Lima Barreto pela condição de serem negros, por isso os namoros de sua irmã lhe incomodam tanto. Escreve ele: “se a minha irmã não fosse de cor, eu não me importaria, mas o sendo dá-me cuidados, pois que, de mim para mim, que conheço essa nossa sociedade, foge-me o pensamento ao atinar por que eles as requestam.”¹⁷⁷ Nem mesmo seu pai é perdoado por essa reflexão acerca das qualidades e defeitos das pessoas,

E a meu pai, nunca lhe perdoarei essa sua ligação com essa boa negra Prisciliana, que grandes desgraças trouxe à nossa vida.

A uma família que se junta uma outra, de educação, instrução, inteligência inferior, dá-se o que se dá com um corpo quente que se põe em contato com um meio mais frio; o corpo perde uma parte do seu calor em favor do ambiente frio, e o ambiente ganhando calor, esfria o corpo.

Foi o que se deu conosco.

Eu, entretanto, penso me ter salvo.

Eu tenho muita simpatia pela gente pobre do Brasil, especialmente pelos de cor, mas não me é possível transformar essa simpatia literária, artística por assim dizer em vida comum com eles, pelo menos com os que vivo, que, sem reconhecerem a minha superioridade, absolutamente não têm por mim nenhum respeito e nenhum amor que lhes fizesse obedecer cegamente.

¹⁷⁶ BARRETO, Lima. Diário Íntimo: 1241

¹⁷⁷ BARRETO, Lima. Diário Íntimo: 1241

[...]

Se essas notas forem algum dia lidas, o que eu não espero, há de ser difícil explicar esse sentimento doloroso que eu tenho de minha casa, do desacordo profundo entre mim e ela; é de tal forma nuançoso a razão de ser disso, que para bem ser compreendido exigiria uma autobiografia, que nunca farei.¹⁷⁸

A citação, demasiado longa serve para demonstrar o desconforto que envolvia o espírito de Lima Barreto. Alguns trechos chamam a atenção, mas necessitam do contexto para serem mais bem entendidas. Há, em Lima Barreto, de acordo com suas palavras, uma dubiedade com relação aos mais pobres, uma idealização de classe, que não se coaduna com os mesmos pobres que ele encontra pelo caminho. A começar por sua própria família, talvez sejam simplórios demais, sem se darem conta do mundo que os envolve e até certo ponto assumindo o ponto de vista de seus exploradores contra quem deveriam lutar. Entretanto, como o próprio Lima Barreto admitiu, um dia após, é difícil de resistir ao canto da sereia que vem das classes dominantes.

Tudo começa com um comentário sobre um vizinho seu que ficara dias e dias a lhe apoquentar para que desse entrada em uns papéis que lhe concediam as honras de alferes. Conseguido tal intento, ele torna a encontrar o sujeito e eis que:

O simplório do homem, mal pagou a patente no Tesouro, meteu-se numa farda de linho branco e, agalado, transita de sua residência para o lugar que trabalha. Vai mais garboso, mais inflamado. E às vezes olha em redor disfarçadamente. Há nessa inspeção desconfiança e orgulho. Desconfiança que os outros militares não o debochem, e orgulho, porque se distingue do

¹⁷⁸ BARRETO, Lima. Diário Íntimo: 1241-1242

restante dos civis. O pobre homem sentia o que todos nós sentimos a necessidade do lustre.

Na nossa vida complicada, o lustre é tudo, e uma atmosfera de lustre é como um ambiente de carícias, e carícias que tanto mais precisamos, quanto a nossa vida é falta de outras satisfações.¹⁷⁹

Esses trechos acima citados demonstram uma relação com a literatura, se o homem simplório tem seu linho branco, seus galões do que se orgulhar, Lima Barreto quer que seus galões, seu linho, seu orgulho provenham de sua literatura. É a literatura que irá trazer o lustre e acariciar sua vida da qual, segundo ele, não há muito de que se orgulhar. Antonio Candido escreveu sobre a relação de Lima Barreto com a literatura:

A literatura, encarada como vida na qual a pessoa se realiza, parece então substituto de sentimentos ou experiências, e este lado subjetivo não se destaca do outro, que é o seu efeito e o seu papel fundamental: estabelecer comunicação entre os homens.¹⁸⁰

Lima Barreto, no dia 12 de janeiro de 1905, na busca por estabelecer uma comunicação com a sociedade, uma vez que tem como desejo ser reconhecido como escritor, anota em seu diário algumas impressões a respeito de um romance que deseja fazer, à moda de *Germinal*, “será uma espécie de *Germinal* negro, com mais psicologia especial e maior sopro de epopéia.”¹⁸¹ Entretanto, Lima Barreto carrega consigo alguns medos a respeito desse projeto, não sabe se a obra será bem aceita, segundo escreve:

Temo muito por em papel impresso a minha literatura. Essas idéias que me perseguem de pintar e fazer a vida escrava com

¹⁷⁹ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*: 1242-1243

¹⁸⁰ CANDIDO, Antonio. *Os olhos, a barca e o espelho...*: 40

¹⁸¹ Barreto, Lima. *Diário Íntimo*: 12/01/1906: 1247

os processos modernos do romance, e o grande amor que me inspira – pudera! – a gente negra, virá, eu prevejo, trazer-me amargos dissabores, descomposturas, que não sei se poderei me por acima delas.[...]

Ah! Se eu alcanço realizar essas idéias, que glória também! Enorme, extraordinária e – quem sabe? Uma fama européia.

Dirão que é negrismo, que é um novo indianismo e a proximidade simplesmente aparente das coisas turbará todos os espíritos em meu desfavor; e eu, pobre, sem fortes auxílios, com fracas amizades, como poderei viver perseguido, amargurado, debicado?

Mas... e a glória e o imenso serviço que prestarei a minha gente e a parte da raça a que pertença. Tentarei e seguirei avante. “Alea jacta est.”¹⁸²

Interessante é notar as reticências de Lima Barreto ao pensar em escrever tal livro, posto ser o ano de 1905 em que, ao menos, o *Gonzaga de Sá* e *Clara dos Anjos* já estivessem minimamente adiantados. Também é curioso notar que esse mesmo sujeito receoso das críticas a um possível livro sobre a história dos negros lança, dois anos depois, os primeiros capítulos de um livro, esse sim, considerado ofensivo às pessoas da época, uma vez que atacava as convenções sociais e o comportamento de pessoas conhecidas. Mais adiante, no mesmo ano, em um registro sem data, perto, porém do dia 17 de julho, escreveu ele, “depois de três meses de interrupção, deu-me vontade de escrever, ou continuar a escrever meu livro. Publicá-lo-ei? Terá mérito?”¹⁸³ As dúvidas atormentam o espírito do jovem escritor, acerca de suas qualidades literárias apesar de sua ambição à glória literária.

¹⁸² BARRETO, Lima. Diário Íntimo: 1247

¹⁸³ BARRETO, Lima. Diário Íntimo: 1264

No dia 30 de janeiro, desse mesmo ano, Lima Barreto deixa entrever suas ambições mais prosaicas, escreve ele que, após conseguir saldar todas as dívidas de seu pai, deseja poder oferecer tudo o que ele necessita e, para ele, Lima Barreto, pede “três coisas: um amor, um belo livro e uma viagem pela Europa e pela Ásia.”¹⁸⁴ Há, por força, que se notar que um dos traços da história pessoal de Lima Barreto é sua vida celibatária, a qual é rebatida em vários momentos de seu diário íntimo, nesse trecho ele se refere a um desejo prosaico de encontrar “um amor”, presume-se que o deseje para a vida toda.

Essa relação com as mulheres não se dá apenas em nível afetivo, mas também engloba o lado físico da relação. Em outro momento, sem uma data específica, ele escreve, “amanheci mal, tive até um sonho erótico”. Mais adiante, na mesma nota escreve: “esquecia-me de dizer que na sexta fui com minha irmã à casa do Artur, dancei e bocejei”.¹⁸⁵ Nesse trecho, Lima Barreto deixa entrever duas facetas suas, o interesse pelo sexo oposto, afinal ninguém dança por fastio, e outro, é, como ele mesmo escreveu em outros momentos, a sua pouca relação com as pessoas mais pobres, que acabam por entediá-lo a ponto de fazê-lo bocejar. Em uma das poucas anotações do ano de 1907, Lima Barreto escreve a respeito das mulheres, “mulher bonita é que não falta nesta vida; o que falta é mulher de que a gente goste.”¹⁸⁶ É importante notar que referências à mulheres pululam em várias partes do diário, portanto, pode-se inferir que elas estavam presentes na vida de

¹⁸⁴ BARRETO, Lima. Diário Íntimo: 1256

¹⁸⁵ BARRETO, Lima. Diário Íntimo: 1260.

¹⁸⁶ BARRETO, Lima. Diário Íntimo: 1275

Lima Barreto e não apenas como seres assexuados, mas também como objetos de interesse, indo além do mérito literário.

Nesse mesmo ano de 1907, Lima Barreto tem duas experiências marcantes, participa da redação da revista *Fon-Fon* durante nove meses. Esse período não lhe foi muito agradável, pois em um trecho selecionado por Francisco de Assis Barbosa, de uma carta que não se sabe se foi enviada ou não, para Mário Pederneiras, justificando seu desligamento da revista, pois seus artigos raramente eram editados, escreveu que:

Entretanto, tenho feito esforços, neste e naquele gênero, para os agradar [os donos da revista]. Fantasio, imagino, faço química, escrevo pilhérias... Não há meio!

Demais vejo que as coisas minhas não agradam, ficam à espera enquanto as de vocês nem sequer são lidas, vão logo para a composição. Não há ciúme, nem despeito, mesmo que os houvesse era justo que perdoasses em mim esse assomo d'alma, pois que de há muito venho me resignando; [...]

Induzi também que é a tua bondade que me mantém lá – o que agradeço de coração – mas o meu orgulho não aceita.¹⁸⁷

Após malfadada empresa na revista *Fon-Fon*, Lima Barreto inicia as tratativas para lançar sua revista, *Floreal*, com amigos, entre eles Antonio Noronha dos Santos. Quanto a duração da revista, sabiam que seria efêmera, a julgar pelas palavras iniciais do próprio Lima Barreto, “Não sem temor que me vejo à frente desta publicação. [...] sei, graças a um tirocínio prolongado em revistas efêmeras e obscuras, que imenso esforço demanda a sua manutenção e que futuro lhe está reservado.”¹⁸⁸ Entretanto, o objetivo é o de publicarem as suas próprias obras, pois

¹⁸⁷ Carta a Mário Pederneiras, 20/06/1907. In: BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**: 175

¹⁸⁸ BARRETO, Lima. Apresentação da Revista *Floreal*. In: **Impressões de Leitura**: 181

segundo Lima Barreto, não havia outra maneira de publicarem seus inéditos já que “nenhum de nós teve a rara felicidade de nascer de pai livreiro, e pouca gente sabe que, não sendo assim, só há um meio de se chegar ao editor - é o jornal.”¹⁸⁹ Outro objetivo é lançar uma revista que não se preocupe em reutilizar idéias de revistas estrangeiras, como, a julgar pelo editorial, era praxe na época, por fim, têm sua revista em grande conta pois ela destoa das revistas da época e, por considerarem-se diferentes imaginam que o público não os distinga da maneira como esperam,

Se o favor do público nos ajudar, o que não esperamos, ampliaremos uma e outra parte, buscando capacidades maiores que as nossas outros talentos mais fortes, mas sempre evitando trazê-los dentre essas grandes celebridades, jovens ou anciãs, que tudo absorvem, que tudo empolgam, procurando-os nos pensamentos novos que não andem à cata de empregos proveitosos.¹⁹⁰

As palavras iniciais da revista, bastante sóbrias fazem uma leitura coerente, porém pouco usual, da sociedade, a começar pelas palavras alvissareiras de José Veríssimo referidas no início deste trabalho. Apesar da qualidade da revista, ela não passou do quarto número, o que era previsto, dado o vaticínio do número de apresentação, mas serviu para introduzir, no caso de Lima Barreto, seu romance escolhido para a estréia, *Isaías Caminha*.

Mas, se Lima Barreto tinha grandes dificuldades para estrear na vida literária da capital federal no início do século XX, o mesmo já não se podia dizer de Paulo Barreto, dito João do Rio. Enquanto Lima Barreto padecia os males da falta

¹⁸⁹ BARRETO, Lima. Apresentação da Revista Floreal. In: **Impressões de Leitura**: 182

¹⁹⁰ BARRETO, Lima. Apresentação da Revista Floreal. In: **Impressões de Leitura**: 184

de dinheiro, aquele circulava, todo pimpão pelas ruas do Rio de Janeiro como se não houvesse amanhã.

Conforme já foi apontado, a iniciação jornalística de João do Rio não foi muito problemática, inseriu-se, sem grandes dificuldades, no jornal de José do Patrocínio. E a partir daí vai ganhando mais espaço entre os literatos da época, sem angariar amigos, mas, de certa maneira sem ter grandes inimigos que lhe tolhessem espaço como ocorrera com Lima Barreto. Mas tal como este, sua carreira literária teve um momento de inflexão. É possível situar essa virada, grosso modo, a partir da eleição de João do Rio para a Academia Brasileira de Letras, em 1910.

Antes da eleição à ABL, a carreira de João do Rio pode ser descrita como a de um jornalista especializado em trazer descrições do sórdido mundo dos pobres para as páginas dos jornais que a elite nacional lia no conforto de seu lar. A partir de sua eleição João do Rio volta-se ao mundo da elite e as descrições que faz das recepções, bailes, passeios ao teatro, idas à ópera, figuras exóticas, tudo com muito bom gosto, muito glamour e, evidentemente, adjetivos mil!

Se para Lima Barreto o início não foi dos mais auspiciosos, o mesmo não se pode dizer de João do Rio. Sua estréia foi no jornal Cidade do Rio, de propriedade de José do Patrocínio, no qual escrevera um artigo, segundo o próprio autor “algo idiota e cheio de gralhas” segundo seu biógrafo, Raimundo Magalhães Júnior, o autor tinha razão quanto à qualidade de seu artigo. João do Rio afirmou ainda que fora pago regiamente, um pagamento muito maior do que valia seu artigo.

Segundo o biógrafo, o pagamento feito devia-se menos à qualidade do artigo e sim pela biografia de João do Rio. Escreve Raimundo Magalhães que:

José do Patrocínio tinha motivos especiais para remunerar regiamente aquele bisonho estreante e para publicar com tanto destaque seu primeiro artigo. Se ainda maiores tolices contivesse, viria do mesmo modo a lume. Paulo não se deu conta disso, mas o que Patrocínio via nele era o neto do médico da Santa Casa de Misericórdia, Dr. Joaquim Cristóvão dos Santos, o mesmo que generosamente lhe dera o primeiro emprego no Rio de Janeiro, ao chegar de Campos como um negrinho anônimo: o de praticamente de farmácia... Agora fazia do neto dele um praticante de jornalismo! Além disso, Coelho Barreto, pai de Paulo [Barreto], era cunhado do jornalista Ernesto Sena, tio de D. Bibi, esposa do diretor da Cidade do Rio, que se casara na família Sena.¹⁹¹

Vê-se que o começo, para alguns, tão árduo, para João do Rio foi razoavelmente fácil. Cabia a ele, portanto, apenas ir lapidando seu possível – à época – talento para ver até aonde poderia ir. Aos poucos João do Rio foi ganhando corpo no jornalismo, escrevendo sobre os mais variados assuntos, teatro, literatura, concertos, tudo era passível de ser analisado, elogiado e sofrer “violentas restrições até mesmo a artistas famosos, como os irmãos Rodolfo e Henrique Bernardelli”¹⁹² aos poucos vai se especializando em temas do cotidiano.

Entre os planos de reportagens que abordassem outro Rio de Janeiro e as reportagens em si, João do Rio tem um revés em suas ambições. Seu desejo de ser diplomata foi barrado pelo Barão do Rio Branco, que preferia para diplomata moços brancos, bem feitos de corpo e namoradeiros. João do Rio correspondia pouco a esse estereótipo. A julgar pelas narrativas de como se deu o evento, João

¹⁹¹ MAGALHÃES Jr, Raimundo. **A Vida Vertiginosa de João do Rio**: 20-21

¹⁹² MAGALHÃES Jr, Raimundo. **A Vida Vertiginosa de João do Rio**: 25

do Rio acusou o golpe, saiu transtornado da sala do Barão do Rio Branco. Porém, ao mesmo tempo já demonstra um traço de seu caráter, a rápida recuperação dos golpes da vida, e a mudança de estratégia, “eu que vira o mundo se abrir tão claramente, resolvi não pedir. Era continuar no caminho para onde os deuses me tinham conduzido, e trabalhar, trabalhar, trabalhar.”¹⁹³

Trabalhou e planejou com Patrocínio Filho e Vivaldo Coaraci de, após fazerem reportagens sobre a cidade do Rio de Janeiro, transformá-las em livros. Todavia os planos não vingaram no que tange a José do Patrocínio Filho e a Vivaldo Coaraci, que não chegaram a escrever suas partes, e, mesmo João do Rio acabou trocando de jornal, em função de suas desavenças com José do Patrocínio Filho. Essa troca foi que acabou fixando Paulo Barreto em sua primeira fase do jornalismo:

Trabalhando em matutinos, depois de desligar-se do vespertino de Patrocínio, Paulo Barreto iria se tornar um notívago, descrevendo muitas vezes, o modo do pelo qual perambulava alta madrugada pelas ruas e becos cariocas, ainda iluminados por bicos de gás.¹⁹⁴

As trocas de jornais, as idas e vindas às redações acabam por colocar João do Rio de encontro com os temas que iriam dar-lhe maior reputação por que apresentava à elite carioca um mundo totalmente desconhecido. Segundo Luis Martins, João do Rio foi acima de tudo, “um admirável repórter. Criador de um gênero novo, que se poderia chamar de crônica-reportagem, ele observou e tentou

¹⁹³ MAGALHÃES Jr, Raimundo. **A Vida Vertiginosa de João do Rio**: 32

¹⁹⁴ MAGALHÃES Jr, Raimundo. **A Vida Vertiginosa de João do Rio**: 29

analisar o meio e o momento em que viveu.”¹⁹⁵ Esse gênero que João do Rio cria tem muita relação com o mundo burguês que está sendo edificado na capital federal no início do século, um mundo que quer apenas ter notícia do que acontece com os mais pobres pelas páginas, relativamente, asseadas de um jornal. O maior símbolo desse novo mundo é a Avenida Central, que varreu os pobres para a periferia e ofereceu a burguesia local um espaço de socialização público muito mais adequado à nova vida que levavam que a, agora, acanhada Rua do Ouvidor:

Depois da abertura da avenida, todo um padrão de vida se fazia necessário. A cidade vivia agora sob a ditadura do dinheiro, sendo instituídos, com vigor crescente, novos hábitos que rompiam com a antiga tradição da cidade colonial, resultando numa desenfreada busca pelo poder monetário, em detrimento dos limites éticos.¹⁹⁶

Essa ditadura do dinheiro vai abrir inúmeras possibilidades. Dentre elas para um novo jornalismo, do qual, como já se afirmou João do Rio vai ser um representante bastante rútilo. O jornalista, sequioso de fama vai à busca daquilo que os leitores de jornais querem, mais até, o jornalista vai à busca daquilo que ele sabe que pode prender a curiosidade do leitor do jornal por algumas edições porque é algo muito distinto da realidade em que vive, é um mundo novo que o jornalista descortina ao seu leitor, e, por ser novo, esse mundo é vibrante, cheio de exotismo, e se permanecer à distância, sendo descrito apenas pelas páginas dos jornais, será bom. Em suas crônicas João do Rio já dá conta de que entendeu o papel do jornalismo na nova cidade que está se fazendo, segundo ele:

¹⁹⁵ MARTINS, Luis. In: RIO, João do. **As Religiões do Rio**: 8

¹⁹⁶ MAROCHI, Eliete. **A Experiência Jornalística de Paulo Barreto**: 18

O jornal é humano; é um ser humano de milhares de seres [...] como é humano não basta ao jornal possuir a admiração dos que o lêem; necessita ter a confiança daqueles que o procuram, porque o jornal é mais dos seus leitores do que de seus redatores ou proprietários. O seu público não é o governo que caiu ou se levantou, não é o partido que dissolve ou se desagrega; não é o limitado grupo de amigos que o adulam e o cercam; o seu público é a multidão desconhecida, que raras vezes ou nunca teve o ensejo de ver qualquer deles que por meio do jornal todos os dias lhe transmitem impressões lhe sugestionam idéias, lhe fortalecem o animo, lhe proporcionam conforto, lhe alimentam a esperança e lhe incutem coragem.¹⁹⁷

Temos, portanto, uma nova forma de enxergar o jornalismo, não há mais espaço apenas para as notícias, há que ter espaço para o espetáculo, é obrigação saciar a vontade do público, o verdadeiro dono do jornal, uma vez que é ele quem o mantém. E é a partir de 1904, com uma série de reportagens na Gazeta de Notícias que João do Rio vai recolher material para publicar seu primeiro livro, *As Religiões do Rio*, lançado em 1904, cujos “intuitos eram sensacionalistas”¹⁹⁸ o que pode ser visto não só nas reportagens em si, com muitos adjetivos, a escolha, em nada arbitrária das religiões que sabidamente iriam atrair a atenção da burguesia, sequiosa de saber sobre a vida dos pobres, uma burguesia que não sabia o que se passava além dos seus limites geográficos: o centro da cidade.

As reportagens sensacionalistas, feitas para atrair a atenção dos leitores eram regra no jornalismo, tanto que João do Rio faz a seguinte reflexão sobre a prática das notícias, “o público quer sempre curiosidades. As multidões

¹⁹⁷ RIO, João do. Crônica de Aniversário. Gazeta de Notícias, 02/08/1902. In: MAROCHI, Eliete. **A Experiência Jornalística de Paulo Barreto**: 24

¹⁹⁸ MAGALHÃES Jr. Raimundo. **A Vida Vertiginosa de João do Rio**: 33

meridionais são mais ou menos nervosas. A curiosidade, o apetite de saber, de estar informado, de ser conhecedor são os primeiros sintomas da agitação e da nevrose.”¹⁹⁹ Essa sede de curiosidade não podia ser ignorada, e, João do Rio apercebeu-se disso muito cedo, e tratou de saciar essa fome, tudo seria apenas uma questão de saber escolher o tema e saber começar um assunto, criar um fato e dele extrair o máximo que puder instigando no público leitor uma necessidade de conhecer mais sobre o assunto que ele trazia às páginas dos jornais.

Começar pelas religiões afro não era uma má idéia, tendo em mente que a elite econômica palpitava para conhecer os hábitos dos mais pobres sem sujar seus sapatos e nem correr nenhum risco. A escolha pelas religiões africanas, portanto se justifica atrair atenção dos leitores do jornal para regiões obscuras e misteriosas da cidade e uma vez que a religião é:

Um misterioso sentimento, misto de terror e de esperança, a simbolização lúgubre ou alegre de um poder que não temos e almejamos ter, o desconhecido avassalador, o equivoco, o medo, a perversidade.

O Rio, como todas as cidades nestes tempos de irreverência, tem em cada rua um templo e em cada homem uma crença diversa.²⁰⁰

Outro ponto a ser destacado do comportamento de João do Rio é o fato de que ele percebe as oportunidades e apegar-se a elas ferrenhamente. Em uma conversa com Medeiros e Albuquerque este falou a João do Rio de uma prática européia que consiste em jornalistas fazendo questionando escritores sobre suas influências literárias

¹⁹⁹ RIO, João do. A futilidade de informação e os seis ministros. In: **Cinematógrafo**: 75

²⁰⁰ RIO, João do. **As Religiões do Rio**: 17

O jovem repórter entusiasmou-se com a idéia e lançou-se à tarefa que Medeiros e Albuquerque, como deputado federal e membro da academia Brasileira de Letras, considerava, decerto, abaixo de seu talento e da posição que conquistara.²⁰¹

Conseguida a idéia João do Rio partiu em busca dos escritores mais relevantes do período para deles arrancar respostas às perguntas sobre suas influências literárias. Mais do que entender as influências literárias de cada escritor, o que o público quer, e João do Rio entendeu isso, é ver além do escrito, vasculhar a vida do literato, matar sua curiosidade a respeito de tudo trazer a público uma personagem pública, mas que não se mostrava muito, segundo João do Rio

O público quer uma nova curiosidade. As multidões meridionais são mais ou menos nervosas. A curiosidade, o apetite de saber, de estar informado, de ser conhecedor são os primeiros sintomas da agitação e da nevrose. Há da parte do público uma curiosidade malsã, quase excessiva. Não se quer conhecer as obras, prefere-se indagar a vida dos autores. Precisamos saber? Remontamos logo às origens, desventramos os ídolos, vivemos com eles. A curiosidade é hoje uma ânsia... Ora, o jornalismo é o pai dessa nevrose, porque transformou a crítica e fez a reportagem. Uma e outra fundiram-se: há neste momento a terrível reportagem experimental. Foram-se os tempos das variações eruditas sobre livros alheios e já vão caindo no silêncio das bibliotecas as teorias estéticas que às suas leis subordinavam obras alheias, esquecendo completamente os autores. Sainte-Beuve só é conhecido das gerações novas porque escreveu alguns versos e foi amante de Mme. Vítor Hugo. Talvez apenas dele se recordem por ter essa senhora esquecido o gigante para amar o zoilo.²⁰²

Apesar das entrevistas terem saído, no jornal e em livro, nem todos os escritores viram com bons olhos essa argüição íntima feita por João do Rio;

²⁰¹ MAGALHÃES Jr. Raimundo. **A Vida Vertiginosa de João do Rio**: 42

²⁰² RIO, João do. **O Momento Literário**. Rio de Janeiro: Garnier, 1905: 2

Machado de Assis recusou-se, gentilmente, a responder o questionário, e foi esguio o suficiente para fugir de João do Rio mesmo quando este se aproximou e começou a argüi-lo informalmente a respeito dos seus interesses literários. O mesmo ocorreu com José Veríssimo que chegou até mesmo a, em uma roda de amigos, insinuar “que era esse um processo de fazer livros à custa dos outros.”²⁰³ Sendo verdade ou não essa afirmação de José Veríssimo o que se percebe é que João do Rio sabe captar as curiosidades das ruas, dos leitores dos jornais e transformá-las em reportagens, e, mesmo quando não o público não é tão curioso assim, o jornalista acaba por inocular no leitor a curiosidade. Criando um papel para si e para os seus pares jornalistas a condição de educadores de um novo Brasil. Para ele

O jornalismo inconscientemente faz a grande obra de transformação, ensinando a ler, ensinando a escrever, fazendo compreender e fazendo ver; que o individualismo e o arrivismo criam a seleção, o maior esforço, a atividade prodigiosa, e um homem de letras novo, absolutamente novo, capaz de sair dessa forja de lutas, de cóleras, de vontade, muito mais habilitado, muito mais útil e muito mais fecundo que os contemporâneos.²⁰⁴

Em João do Rio temos presente a sensibilidade para ler o leitor e identificar seus gostos e também o domínio da linguagem que atraía esse leitor às suas reportagens. Chirley Domingues escreve, sobre João do Rio:

Em João do Rio convivem harmoniosamente duas personalidades: a de espectador e a de personagem. Como personagem desfila pelas ruas do Rio das duas primeiras décadas do século XX sua imagem de homem de sucesso, provocando olhares curiosos e comentários maledicentes, principalmente dos companheiros literatos. Como espectador

²⁰³ MAGALHÃES Jr. Raimundo. **A Vida Vertiginosa de João do Rio**: 46

²⁰⁴ RIO, João do. **O Momento Literário**: 101

registra “literário-jornalisticamente” o grande espetáculo que a sociedade carioca representa cotidianamente nas ruas da nova metrópole.²⁰⁵

E, desfilando pela cena carioca, escrevendo sobre a vida dos pobres, comentando, uma vez por semana, sobre literatura, teatro, música, João do Rio não poderia ficar fora dos palcos cariocas. Em 1906 começa a escrever peças de teatro, “sua obra teatral, por exemplo, hoje pouco comentada, foi um rosário de sucessos de público. Abrangeu desde o gênero revista burlesca (Chic-Chic – 1906, Dinheiro haja! – 1908) à comédia sofisticada (a última noite – 1907, A bela madame Vargas – 1912, Eva – 1915).”²⁰⁶

João do Rio sempre agiu como um personagem de teatro e a cidade como seu palco e, portanto, um dos seus palcos preferidos era a rua, “a rua define a abertura, não só simbólica, mas física, em perspectiva, de corredores flanqueados por edifícios laterais, cujas fachadas, a rigor, não mais delimitam volumes fechados e particulares, mas superfícies que, aos poucos, circunscrevem espaços vazios e abertos.”²⁰⁷

A relação de João do Rio com a rua é íntima, entretanto, há sempre nessa relação um pouco de desdém em que o escritor olha para ela e seus passantes com um esgar de desaprovação à boca. E, por mais que declare amar a rua, João do Rio sempre a olhou como um mostruário das maiores bizarrices humanas. Em uma

²⁰⁵ DOMINGUES, Chirley. **João do Rio: A Femme Fatale dos Palcos da Belle Epoque**: 44-5

²⁰⁶ RODRIGUES, João Carlos. A flor e o espinho. In: RIO, João do. **Histórias da Gente Alegre**: X

²⁰⁷ ANTELO, Raul. Introdução. In: RIO, João do. **A Alma Encantadora das Ruas**: 9

conferência, que depois será o texto de abertura de *A Alma Encantadora das Ruas*, o autor declara:

Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos, com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agremia o amor da rua.²⁰⁸

E em toda a descrição que faz da rua, João do Rio traz à frente o aspecto singular da rua como lar e palco de acontecimentos incomuns e até condenáveis pela boa sociedade, segundo ele, “os desgraçados não se sentem de todo sem o auxílio dos deuses enquanto diante dos seus olhos uma rua abre para outra rua. A rua é o aplauso dos medíocres, dos infelizes, dos miseráveis da arte.”²⁰⁹ Entretanto, ao contrário do que se espera, a rua compactua com isso tudo, pois ela é “generosa. O crime, o delírio, a miséria não os denuncia ela.”²¹⁰ Por mais que tente dar uma visão positiva das ruas é sempre seu lado marginal que encanta João do Rio e seus ouvintes/leitores. A rua que os fascina e os encanta por carregar tão sórdidas passagens, generosa com o crime, a miséria e outras aberrações certamente que não é a Rua do Ouvidor na qual desfilavam no tempo do Império a boa gente fluminense, nem tampouco a recém inaugurada Avenida Central centro nervoso da nova capital erigida no início do século; a rua a que se refere João do Rio é a suburbana, aquela pisada por gente sofrida, sem luz, sem calçamento, sem história,

²⁰⁸ RIO, João do. *A Rua*, 29/10/1905 In: RIO, João do. *A Alma Encantadora das Ruas*: 45

²⁰⁹ RIO, João do. *A Rua*, 29/10/1905 In: RIO, João do. *A Alma Encantadora das Ruas*: 47

²¹⁰ RIO, João do. *A Rua*, 29/10/1905 In: RIO, João do. *A Alma Encantadora das Ruas*: 47

mas com muitas histórias sórdidas, prontas a serem narradas por um observador arguto a um público sequioso de novidades. Segundo João do Rio a função do jornalista é refletir a humanidade:

O favorável é ser apenas um espelho onde a humanidade se mira tal qual pensa ser.

Não há ninguém que tenha o topete de dizer que um espelho perde o brilho e a individualidade por mostrar a quem se mira a sua cara exatamente. Ora, a cara é uma ilusão, como a beleza, a fealdade, e o próprio espelho. Que mal em ser um delicado espelho bisauté de almas como elas se julgam?²¹¹

Os tipos descritos por João do Rio nas ruas da capital federal deixam entrever a maneira como ele enxerga a sociedade brasileira. Os tipos cômicos que flanam pelas ruas chics do Rio de Janeiro não lhe servem, afinal nada há de curioso neles, posto serem eles que compravam os jornais e, certamente não ficariam felizes em serem ridicularizados nos jornais que eles mesmo liam, mas os comedores de ópio, tatuadores, mercadores de livros, músicos ambulantes, mariposas de luxo, mulheres mendigas, entre tantos tipos; serviam para expor uma face da cidade ao mesmo tempo assustadora e emocionante, pois esses seres estranhos estavam além da Avenida Central, atrás da barricada higiênica que foi sendo construída aos poucos desde meados do século XIX.

Esse comportamento altaneiro de João do Rio, de quem decide o que mostrar o que narrar e como fazê-lo demonstra bem a autoconfiança que tinha em si, nem mesmo as críticas pareciam abalá-lo, para ele, as críticas, quando havia, eram uma forma de despeito, nada mais do que isso.

²¹¹ RIO, João do. Paz e Amor. 25/07/1909. In: MAROCHI, Eliete. **A Experiência Jornalística de Paulo Barreto.** (anexo: 50)

A vida ensinou-me a inutilidade de ler agressões. Eu era menino, escrevera no “Paiz” o meu segundo artigo quando recebi a primeira carta anônima. Devorei-a. as cartas, esses interessantes desabafos, continuavam. A princípio ainda há. Hoje abro, leio a primeira linha e não vou adiante integralmente fatigado. Apenas guardo para futuro livro de reflexos essa produção anônima. É uma questão de “self-control”. Se em torno de um sujeito, há preocupação, sinal é que esse sujeito atrapalha, irrita, incomoda, é um valor. Para que zangar?²¹²

Se age de maneira altaneira quando recebe uma crítica, desqualificando a pessoa que o critica, seu comportamento com seus pares ou mesmo quando tem um objetivo em vistas é o de seguir a linha da lisonja, da compreensão, da humildade. O maior exemplo desse comportamento calculado é a sua eleição para a Academia Brasileira de Letras, para ser aceito precisou de três tentativas, e em nenhuma das suas duas derrotas revoltou-se publicamente. Pode ter guardado rancores dentro de si, ter se roído de raiva, mas como sabia que necessitava dos votos dos 40 imortais, em vez de ofender-se com sua inexpressiva votação, preferiu seguir o caminho inverso, agradecendo a possibilidade de candidatar-se, os votos recebidos, mesmo o desejo de melhor sorte é motivo para agradecer, afinal, terá outras chances.

Em sua primeira tentativa em meados de 1906, tentando substituir Pedro Rabelo que morrera no dia 27 de dezembro de 1905. João do Rio querendo aproveitar as entrevistas que fizera com os acadêmicos para seu livro “Momento Literário” tentou eleger-se como Imortal, posto estar próximo de alguns dos membros da Academia e, portanto, poderia, quem sabe, alcançar a posição de

²¹² RIO, João do. Quarta. 13/06/1909. In: MAROCHI, Eliete. **A Experiência Jornalística de Paulo Barreto**: (anexo: 45)

imortalidade literária. Escrevendo para Machado de Assis, em correspondência privada, João do Rio afirma:

Meu ilustre Mestre. – Na carta dirigira ao Presidente da Academia Brasileira de Letras, dei parte do meu ousado desejo de pertencer a tão ilustre corporação. É um desejo excessivo, é uma pretensão exagerada. E, por isso, talvez, sinto um invencível acanhamento em solicitar o seu voto. Há votos que são consagrações e que orgulham por toda a vida... Não chego a pedir, mostro apenas a quanto se atreve a ambição teimosa... Que o Mestre venerando perdoe ao mais humilde de seus admiradores – Paulo Barreto.²¹³

É bem verdade que qualidade literária pura e simples o concorrente de João do Rio, Heráclito Graça, não dispunha muito. Segundo Raimundo Magalhães o candidato à vaga as grandes qualidades do candidato era o fato de “estudioso da língua e, além do mais, tio de Graça Aranha”²¹⁴ e o parentesco acabou valendo a vaga a Heráclito. A João do Rio couberam oito votos o que em vez de o desanimar acabou por animá-lo e esperançoso para o futuro.

É interessante notar o comportamento de Machado de Assis, tanto nesta eleição, quanto na que ocorrera anteriormente, Machado de Assis, politicamente, acaba por apoiar, primeiro o senhor Heráclito Graça, que, segundo Magalhães Júnior “nunca deu um pio nas sessões acadêmicas, até morrer, em 1914, aos setenta e sete anos. Sua única contribuição foi um silêncio de oito anos.”²¹⁵.

Já o preferido de Machado de Assis, na segunda vez que João do Rio postulara uma vaga na Academia, era o Barão de Jaceguai “herói naval da guerra

²¹³ Carta a Machado de Assis. In: MAGALHÃES Jr, Raimundo. **A Vida Vertiginosa de João do Rio**: 53

²¹⁴ MAGALHÃES Jr, Raimundo. **A Vida Vertiginosa de João do Rio**: 54

²¹⁵ MAGALHÃES Jr, Raimundo. **A Vida Vertiginosa de João do Rio**: 54

contra o Paraguai e autor de narrativas sobre sua vida militar”, e, acrescenta que o grande valor que carregava consigo era o fato de “ser da mesma geração de Machado de Assis”²¹⁶, além de João do Rio o outro postulante à vaga era Virgílio Várzea; como se vê Machado de Assis fizera a opção correta, um “herói de guerra” era mais indicado para a Academia Brasileira de Letras do que os outros dois, supostamente, escritores. A opinião de Machado de Assis era de que João do Rio era muito jovem, e teria outras oportunidades. Ciente desse fato João do Rio mandou uma carta a Afonso Celso em que deixa entrever seu desgosto em saber que fora preterido por uma razão tão insólita, disse ele na carta:

Com grande dificuldade e dois dias de atraso a que me forçaram os meus tristes males, agradeço ao meu generoso amigo a sua carta sobre a eleição da Academia. Eu já adivinhara, entretanto que comprometera o seu voto, e isso de forma nenhuma alterou a alta consideração em que o tenho. Fica para outra vez?
As minhas admirações literárias são limitadas. Afonso Celso é uma delas. Não há maior prazer do que ter a gente prova de um pouco de simpatia de quem admiramos... Fica para depois, quando eu for mais velho, e se não morrer desta.
Seu sempre d’alma – Paulo Barreto.²¹⁷

A lisonja exagerada na carta não esconde o incômodo por ter sido posto de lado por ser novo em relação a um militar que nada de relevante fizera para as letras nacionais. Entretanto, algo há que ser destacado, apesar de sofrer com a segunda recusa ao posto de imortalidade, João do Rio não desiste e continua em sua busca pelo posto cada vez mais obstinada. Nem mesmo essa segunda recusa arranca dele uma palavra mais áspera, uma acusação contra os que não lhe

²¹⁶ MAGALHÃES Jr, Raimundo. **A Vida Vertiginosa de João do Rio**: 71

²¹⁷ Carta a Afonso Celso. In: MAGALHÃES Jr, Raimundo. **A Vida Vertiginosa de João do Rio**: 71

ofereceram a chance de ser laureado como membro da Academia. Nada. Ao contrário, como sabia o pleito perdido, ele e depois Virgílio Várzea acabaram por retirar suas candidaturas, mesmo sendo candidato único, o Marechal acabou ganhando apenas 23 votos no dia 28 de setembro de 1907.

Dois anos depois, em 1909, com a morte de Guimarães Passos, em Paris, João do Rio sente que chegara sua hora. Entretanto, Coelho Neto, a quem João do Rio considerava um dos seus mais próximos na Academia, decidira encampar a candidatura de outro militar, o General Emídio Dantas Barreto, “autor de um drama medíocre e de alguns livros de narrativas militares, um deles sobre a campanha de Canudos”²¹⁸. O apoio de Coelho Neto ao General obviamente não vinha do valor literário da obra deste. Na verdade, era sabido que o General prometera a Coelho Neto que obteria do governo federal – governo que seria comandado em 1910 por Hermes da Fonseca, isso era quase certo – a doação do Palácio Monroe para a ABL.

Não querendo correr o risco de outra derrota João do Rio escreve uma carta angustiada a Coelho Neto em que expõe todo o sofrimento de seu espírito diante de uma iminente derrota para outro militar, disse ele na carta para Coelho Neto:

Meu caro Neto.

Soube agora uma coisa assustadora: que te interessavas, que fazias questão que cabalavas, que exigias de todos os teus amigos eleição de Dantas Barreto na vaga do Guimarães. Apesar das tremendas profecias do repelente Múcio²¹⁹, tinha nessa

²¹⁸ MAGALHÃES Jr, Raimundo. **A Vida Vertiginosa de João do Rio**: 120

²¹⁹ Múcio Teixeira, sob o pseudônimo de Barão Ergonte, como pretense astrólogo, na imprensa carioca profetizava tudo, inclusive o resultado das eleições acadêmicas. In: MAGALHÃES Jr, Raimundo. **A Vida Vertiginosa de João do Rio**: 121

eleição, pelo caso de ficar entre dois amadores (um político paisano, que não tem fazendo versos grande convicção; outro general, que não se parece com César, pelo menos no estilo) a grande esperança.

A grande esperança só podia ser alimentada pela certeza do voto de amigos bondosos. Saber que Coelho Neto não vota em mim é irremediável desastre perante o público, que me conhece diante do C. Neto em êxtase, tendo do santo de vez em quando um milagre de provas de simpatia. Imagina agora Coelho Neto só não votando, mas cabalando necessariamente contra mim, pois é a favor de um concorrente! É de desvairar. Perdi inteiramente a cabeça. Foi como uma pranchada na nuca. Estou *assome*.

E dizem que o general tem onze votos. Mas eu teria remorsos... Enfim, preciso de uma decisão. Manda-me dizer se realmente é verdade que eu não posso contar com o meu grande Neto senão contra mim. Preciso ter certeza, a certeza mesmo dura que os homens mais artistas da Academia, querem fazer daquilo uma coleção de Jaceguais. E recuar a tempo, antes do desastre, para irrevogavelmente não pensar mais nisso, continuando a trabalhar sem a ilusão de um aplauso referendado pelos que sabem ler.

Espero um bilhete, um simples *mot*. E angustiadamente. Caramba. Fez-me mal. E só agora vejo, pelo mal que me fez, o quanto da carinhosa admiração tenho pelo Neto. A hostilidade de um indiferente deixa-me frio. Essa *precipitou-me* como a um reativo num composto químico.

D'alma aflita, - Paulo.²²⁰

É evidente nessa carta que João do Rio sabe jogar com as palavras, e, mais do que isso, vinha já preparando sua eleição à Academia há tempos cobrindo de elogios a todos os imortais. A José Veríssimo que ele sabia não ser um grande fã seu escreveu lhe informando de sua candidatura, mas, não ousando lhe pedir voto, informava apenas desejando que o assunto não fosse completamente indiferente ao crítico. Além dessa há várias cartas endereçadas a outros imortais, como Mário de

²²⁰ Carta a Coelho Neto. In: MAGALHÃES Jr, Raimundo. **A Vida Vertiginosa de João do Rio**: 121

Alencar, que estava no interior, em que se desculpa pela impertinência e admitia que estava temeroso pela sua eleição:

É aborrecido sei, mas decerto há de perdoar. Concorri às outras eleições sem fé, por esporte. Esta põe-me nervoso, polarizado, doente. Eu sou um pobre diabo sensível. No excesso de sensibilidade vive o meu mal e talvez a minha única qualidade menos má. A idéia de que o general Dantas ou o Pereira²²¹, dois amadores literários, venham a cerrar-me as portas da instituição que resume o melhor das letras pátrias, desorganiza-me. Falo-lhe com toda a franqueza, como se sentisse a sua simpatia.²²²

E João do Rio angariou a simpatia de Mário de Alencar mesmo, uma vez que conseguiu o voto deste e mais os de José Veríssimo, e em uma carta enviada a Mário de Alencar para agradecer seu apoio elencou uma lista de outros apoios que conseguira angariar “Oliveira Lima, Sousa Bandeira, Olavo Bilac, Alcindo, Graça Aranha, Garcia Redondo, Domício da Gama”²²³ Ao cabo dos dois oponentes, João do Rio acabou competindo contra João Pereira Barreto, este teve apenas cinco votos e João do Rio 23.

Interessante é notar que João do Rio soube conduzir-se em busca do lugar que ambicionava, soube analisar a situação, recuar quando necessário, ser mais agressivo no momento que julgou adequado. De toda sorte, João do Rio guiou-se muito bem entre o mundo das vaidades literárias, jogou com as palavras em busca de seu objetivo final: envergar o fardão de imortal da ABL.

²²¹ João Pereira Barreto, o outro candidato além dos dois já citados e que tinha como seu principal padrinho Sílvio Romero.

²²² Carta a Mário de Alencar. In: MAGALHÃES Jr, Raimundo. **A Vida Vertiginosa de João do Rio**: 123-4

²²³ MAGALHÃES Jr. Raimundo. **A Vida Vertiginosa de João do Rio**: 124

Curioso é ver como ao contrário de João do Rio, Lima Barreto não teve a mesma sorte, sua candidatura à ABL ocorreu após o momento de clivagem de sua carreira. Enquanto João do Rio tinha contra si algumas desconfianças a começar por Machado de Assis e mesmo assim soube agir de acordo com os padrões da época para que conseguisse vencer essa barreira. Lima Barreto não teve a mesma sorte, ou não quis agir de modo consoante com as práticas estabelecidas como regras para o acesso ao alto escalão do mundo literário.

Candidato também três vezes a uma vaga entre os imortais, Lima Barreto em momento algum se deixou levar para uma posição que considerava humilhante, fazer elogios, falsos ou verdadeiros, tendo como objetivo alcançar um lugar entre os maiores literatos do Brasil.

Lima Barreto mesmo desejando entrar para a ABL tem um posicionamento bastante crítico sobre o comportamento de literatos e pretensos literatos diante da possibilidade de entrar em uma academia, qualquer que seja. Escreveu Lima Barreto que

Não há dúvida alguma que o Brasil, além de essencialmente agrícola, é evidentemente literário.

Não há um ano, não há dia, em que não se funde nestes brasis uma academia de letras. No começo, foram nas capitais dos Estados; depois, nos municípios; e, por fim, nos lugarejos mais obscuros. Isto demonstra a nossa cultura e nega a tal história de analfabetismo que anda sendo por aí apregoada. Um país que tem tantas "academias" não pode ser um país de analfabetos. Há de ser um país de gente que saiba ler e escrever, pelo menos por cima, porque não se pode admitir literatos que não tenham pelo menos esses dotes elementares.

[...]

Há anos, fundou-se aqui uma “Academia dos Novos”, que não sabemos que fim levou. Nos termos dos seus estatutos, só podiam fazer parte dela, poetas, romancistas e mais beletristas profundos, cuja idade devia medear entre dezoito e vinte e cinco anos. Não há dúvida alguma que nessa idade um sujeito deve ser uma competência digna de uma academia; mas, como o Brasil é um país de espantos e fecundo em cousas surpreendentes, a cousa não fica aí. Foi além. Acaba de se fundar nesta cidade uma outra agremiação sabichona, digna por todos os títulos da máxima consideração. Trata-se da “Academia de Moços ou dos Moços”. Ora, como já havia uma “Academia de Novos”, cuja idade mínima para se fazer parte dela, era de dezoito anos, é de crer que essa outra abaixe mais esse limite e admita pequenotes de doze anos que mal saíram da escola primária e recitem timidamente o ‘Baile das Múmias”. Nesse andar, em breve teremos academias de bebes, cujos únicos títulos literários consistirão em usar bem da chupeta e chorar com grande estrondo. Este Brasil é espantoso! E tem cada invenção...²²⁴

As críticas de Lima Barreto iam, como se vê, à sede que os literatos e pretensos literatos tinham da nomeada. Sem muito que apresentar, mas, querendo fazer parte de alguma associação os aspirantes a escritores se lançam em grupo – ou em bando – a formação de academias, agremiações, ajuntamentos que os colocassem em destaque. E, a julgar pela crônica, conseguiram o que queriam, ao menos por alguns instantes, chamar a atenção; se foram levados a sério, não se sabe, como não se sabe também se queriam ser levados a sério. Em 1917 em outra crônica, cujo título é bem representativo, “mais uma” Lima Barreto escreve:

Temos agora, neste nosso extraordinário Brasil, mais uma academia de letras: a da Bahia.

²²⁴ Barreto, Lima. Academia dos Moços. 29/10/1921. In: **Marginália.**: 135-6

A primeira cousa que logo chama a atenção de quem lê a lista dos seus membros e respectivos patronos, é o ar de família que apresenta a novel instituição sábia.

[...]

A Academia Brasileira começou com escritores, tendo estes, por patronos, também escritores; e vai morrendo suavemente em cenáculo de diplomatas chics, de potentatos do “silêncio é ouro”, de médicos afreguesados e juízes *tout à fait*.

A da Bahia, vindo depois, não quis percorrer as etapas da sua antecessora. Começou logo com um sarapatel de todos os diabos e... Esqueceu-se de Caetano Lopes de Moura, o primeiro editor do *Cancioneiro* do Vaticano ou ‘d’El Rey Dom Denis”, como ele batizou o códice da biblioteca papalina.²²⁵

Nesta crônica, Lima Barreto deixa entrever que seu problema com as academias é menos com suas fundações e mais com a maneira como essas academias funcionavam. Se a idéia de uma academia literária podia ser bem vinda, quando essa academia servia menos para agrupar escritores e tinha a função de oferecer um brilho a mais para a carreira de algumas sumidades políticas ou militares que em nada contribuíram para o mundo das letras nacional. Sua crítica ao modo de agir da Academia fica evidente na crônica do dia 17 de janeiro de 1918, escreveu ele que:

Em matéria de eleições, parece que há quem queira emparelhar a nossa Academia de Letras com os politiqueiros de Campo Grande ou Santa Cruz.

Foi ontem que morreu o Barão Homem de Melo e, ao que parece, a academia ainda não declarou oficialmente que há uma vaga aberta em seu seio.

Entretanto, já apareceu um candidato – o que é extraordinário. Torna-o, porém, esquisito o fato de ser anunciado com tais e quais votos.

²²⁵ BARRETO, Lima. Mais Uma. In: **Vida Urbana**: 117-8

Não sabemos se tal coisa é verdade. Mas, lemos a notícia em um jornal de São Paulo, A Capital, de 12 do corrente mês. Ei-la:

“Academia Brasileira de Letras – Rio. 12 – Afirma-se aqui, que, para a vaga do saudoso Barão do Homem de Melo na Academia Brasileira de Letras, será eleito o Senhor Veiga Miranda, redator-chefe da edição paulista do Jornal do Comércio e festejado autor de Pássaros que fogem, Redenção e Mau Olhado.”

[...]

Não pomos em dúvida os méritos do prematuro candidato. Contudo tomamos a liberdade de lembrar que o Brasil é bem grande, possui muitos escritores, talvez demais para os leitores efetivos.

Sendo assim, pode aparecer, até que se dê a eleição, um candidato com tantos méritos ou mais do que os do Senhor Veiga Miranda.

É de crer que os imortais da Praia da Lapa, ao serem chamados para escolher um novo colega, levem em conta os títulos intrinsecamente literários dos postulantes e não quaisquer outras razões sentimentais, sociais ou políticas.²²⁶

É importante deixar claro que Lima Barreto respeitava a Academia, também ele queria ser um imortal da praia da Lapa, e nada mais justo, afinal de contas aquela é a casa dos grandes escritores nacionais, e Lima Barreto se considerava e era mesmo considerado por alguns de seus contemporâneos. Alguns lhe guardavam mágoas, seus escritos foram todos ao longo da segunda década do século XX bastante contundentes em seus pontos de vista. Em sua última candidatura à Academia Brasileira de Letras, pleiteando a vaga de João do Rio que morrera em junho de 1921. A julgar pelo artigo de defesa que escreve, foi bastante atacado por algumas pessoas, o artigo, que reproduzo abaixo na íntegra, deixa evidente que lutava contra muitos inimigos, escreve que:

²²⁶ BARRETO, Lima. A vaga da Academia. In: **Vida Urbana**: 123-4

Vou escrever um artigo perfeitamente pessoal; e é preciso. Sou candidato à Academia de Letras, na vaga do Senhor Paulo Barreto. Não há nada mais justo e justificável. Além de produções avulsas em jornais e revistas, sou autor de cinco volumes, muito bem recebidos pelos maiores homens de inteligência de meu país. Nunca lhes solicitei semelhantes favores; nunca mendiguei elogios. Portanto, creio que a minha candidatura é perfeitamente legítima, não tem nada de indecente. Mas... chegam certos sujeitos absolutamente desleais, que não confiam nos seus próprios méritos, que têm títulos literários equívocos e vão para os jornais e abrem uma subscrição em favor de suas pretensões acadêmicas.

Que eles sejam candidatos, é muito justo; mas que procurem desmerecer os seus concorrentes, é coisa contra a qual eu protesto.

Se não disponho do Correio da Manhã ou do Jornal, para me estamparem o nome e o retrato, sou alguma coisa nas letras brasileiras e ocultarem o meu nome ou o desmerecerem, é uma injustiça contra a qual eu me levanto com todas as armas ao meu alcance.

Eu sou escritor e, seja grande ou pequeno, tenho direito a pleitear as recompensas que o Brasil dá aos que se distinguem na sua literatura.

Apesar de não ser menino, não estou disposto a sofrer injúrias nem a me deixar aniquilar pelas gritarias de jornais.

Eu não temo abaixo-assinados em matéria de letras.²²⁷

Logo em seguida, em setembro de 1921, enviou uma carta à Academia comunicando que “por motivos inteiramente particulares e íntimos, retiro a minha candidatura à cadeira dessa Academia, patrocinada por Laurindo Rabelo, atualmente vaga com a morte de Paulo Barreto.”²²⁸, esses motivos inteiramente particulares certamente se relacionam com sua falta de relações com os imortais da praia da Lapa.

²²⁷ BARRETO, Lima. A Minha Candidatura. In: **Marginália**: 44

²²⁸ BARRETO, Lima. Carta à Academia. 28/09/1921. In: **Correspondência Ativa e Passiva**. (Vol. 2): 217

Retomando uma citação feita no primeiro capítulo desta dissertação, em que Mônica Pimenta Velloso afirma serem os intelectuais atores que têm seus papéis definidos por suas ações na cena intelectual. Para Mônica Velloso

Podemos pensar nos intelectuais boêmios como aqueles atores sociais que mais se identificam com a dramatização encenada pelo *malandro*. [...] Não enfrentam diretamente o poder, mas também não compactuam com ele. Têm uma posição extremamente ambígua, no sentido de que estão “*dentro e fora da ordem*”. Posicionam-se com *outsiders*, mas reclamam por estarem ocupando esse lugar na ordem social.

Esse me parece ser o papel ocupado por Lima Barreto, na segunda década do século, assume o papel de outsider e, ao mesmo tempo reclama por ter que desempenhar esse papel. Uma das facetas desse desconforto por fazer parte do mundo dos outsiders é justamente a necessidade que tem da chancela da ABL; que ele sabia desde sua primeira candidatura, que jamais teria um assento na instituição, mesmo assim tentou.

Já João do Rio soube dirigir sua vida para realizar seus desejos, é bem verdade que não foi diplomata, mas alcançou a fama entre seus contemporâneos não sendo uma figura indiferente a ninguém na capital federal, certamente.

Considerações Finais

Refletir historicamente sobre uma obra artística implica não aceitar um dos clichês mais batidos de que a obra de arte é uma manifestação de um espírito superior ao da maioria dos mortais; não é. Entender que a obra de arte faz parte de um contexto maior obriga o historiador a procurar entender a dinâmica da criação da mesma analisando tanto a obra em si como o escritor e sua vida.

Lima Barreto e João do Rio foram duas figuras ímpares em um momento literário ímpar. No período em que viveram, aqueles que eram chamados de literatos viviam mais a literatura do que escreviam literatura, era o tempo das reuniões em cafés, das tertúlias literárias, de uma vida dedicada mais à arte de viver como personagens do que a arte de descrever personagens.

No que se refere a Lima Barreto a literatura e a vida foram misturadas, não por ele, mas pela maioria dos que o seguiram. Para o bem e para o mal a produção de Lima Barreto, em uma parcela considerável de leituras feitas, não foi dissociada de sua vida pessoal. Sua produção, toda ela, quase sempre foi vista como extensão direta de sua vida. Sendo uma leitura a favor ou contra sempre carregou consigo a pecha de uma literatura pessoal. Até mesmo a biografia elaborada por Francisco de Assis Barbosa carrega consigo o traço marcante dos estudos sobre Lima Barreto: a inserção obrigatória da vida do escritor na obra, como se a obra só pudesse ser feita depois de vivida. Entretanto ao contrário da maioria dos literatos da época, Lima Barreto escrevia e dava vida a personagens interessantes e que se em alguns

momentos careciam de mais cores para serem verossimilhantes ao menos carregavam consigo algumas características das pessoas comuns que circulavam pelas ruas da Capital Federal naquela época. Se não podemos acreditar que existissem mocinhas tão ingênuas como Clara dos Anjos, é certo que muitas das meninas pobres eram assediadas por jovens com uma condição econômica superior à delas. Quem nunca ouviu falar de alguém que, se não falava fluentemente o javanês como o Castro, amigo do narrador do conto, “O homem que sabia javanês”, ao menos sabia ‘virar-se’ muito bem na vida.

O que esta pesquisa procurou fazer foi não partir da literatura para explicar a vida, mas antes, entender na vida do autor as razões que o levaram a assumir posições no mundo das letras tão incomuns em sua época. Utilizar, especialmente, o diário de Lima Barreto para entender suas motivações e desejos, aonde queria chegar, como pretendia chegar. Nas páginas do diário, que presumia jamais seria lido, Lima Barreto expõe-se de maneira clara, escreve sobre seus desejos, frustrações, as relações com os familiares e amigos. Em seu diário, Lima Barreto elabora projetos de livros, cria alguns contos, faz contas, estica o dinheiro, reclama e sonha muito. Ao longo deste trabalho o que foi feito foi uma leitura da produção de Lima Barreto como cronista e uma leitura de seu diário. Antes de ser conhecido como escritor, Lima Barreto,

Freqüentava os cafés e despendia uma parte do seu tempo à vida literária, ou seja, ficar em volta de uma mesa falando de projetos de livros, de leituras realizadas ou ironizando os desafetos literários. Note-se que a falta de uma obra literária e de um espaço no jornal garante certa invisibilidade ao jovem

escrivão, permitindo que faça amizades com os nomes em ascensão sem que seja visto por esses como uma ameaça, um concorrente.²²⁹

Essa indiferença o irritava sobremaneira. No que se referem às suas crônicas, elas identificam uma pessoa preocupada com as mudanças que estavam ocorrendo no Rio de Janeiro do início do século XX. Ao mesmo tempo seu diário dá mostras que o comportamento agressivo adotado por Lima Barreto era uma forma de escape, uma vez que deixa claro em vários momentos que tem o desejo de ser aceito pelo mesmo mundo que rejeita e critica. Obviamente não se buscou aqui colocar como um sentimento de rancor a defesa que Lima Barreto assumiu pelos pobres, pelo contrário, a preocupação com os menos favorecidos sempre esteve presente nele. Mas é bem verdade que Lima Barreto não foi o super-herói que algumas pessoas têm tentado fazer crer nos últimos vinte anos, mais ou menos. A leitura de seu diário deixa essa posição evidente, há o desejo, o sonho de tornar-se um escritor reconhecido, aclamado pelos seus pares, aliado a um desejo de defender os mais pobres. Porém, por uma série de escolhas equivocadas, aos olhos de seus contemporâneos, Lima Barreto acaba queimando seus navios – para usar uma expressão do próprio autor – dificulta as chances que porventura tenha de se associar ao grupo dos ungidos pela opinião dos especialistas. Esse afastamento vai ser um dos motivos que vão impedir a crítica da época considerar

²²⁹ SCHEFFEL, Marcos Vinicius. **Do Registro Diário à Criação**: 27

sua obra além de uma escrita pessoal em que o escritor se coloca nos personagens descritos por eles. Uma reavaliação da qualidade de sua obra

Coincide com um momento de forte tensão política no país: a ditadura militar. A literatura militante, a postura de rebeldia contra as instituições, a percepção do ruir do sonho republicano, aliados a uma linguagem direta e de forte poder de comunicação parece-me que foram os motivadores dessa retomada.²³⁰

João do Rio, por outro lado, mesmo não sendo totalmente aceito pelos outros literatos, lembremos de várias passagens citadas ao longo deste trabalho, tinha deles respeito e era reconhecido como um dos seus, o que não implica em que gostassem dele, tanto que seu biógrafo, Raimundo Magalhães Júnior escrevendo sobre sua morte afirma;

Morto João do Rio, a Academia de Letras não encontrou, na sessão realizada após sua morte, um único orador que dissesse sequer uma palavra de saudade a seu respeito. Tudo o que se fez foi ler um breve cartão de Félix Pacheco, que justificava a sua ausência e se solidarizava com as manifestações da Academia em homenagem ao companheiro morto.²³¹

Mesmo sem ter uma boa relação com os imortais da praia da Lapa, nem sendo bem querido por seus pares, João do Rio realizou seus desejos e soube ler, na cidade em que morava, as transformações sociais que nela estavam acontecendo. Se num primeiro momento soube interpretar os desejos da burguesia comercial urbana que ansiava por saber notícias do que acontecia no mundo além da Avenida Central, o cotidiano, o comportamento, as religiões, absolutamente tudo

²³⁰ SCHEFFEL, Marcos Vinicius. **Do Registro Diário à Criação**: 114

²³¹ MAGALHÃES Jr. Raimundo. **A Vida Vertiginosa de João do Rio**: 380

interessava, e tudo era descrito nas páginas de Paulo Barreto, tudo era lido pela burguesia, primeiro como reportagem de jornal, depois como livros avidamente comprados.

Aos poucos vai mudando o foco de suas reportagens; saem os pobres e os ricos, os 'encantadores' ganham as luzes da ribalta. Festas, convescotes, 'gente bonita', tudo é descrito pelo cronista do mundo mundano, João do Rio. Entre esses dois tipos de reportagens há uma produção de obras como romances, contos, peças de teatro em que o cotidiano da nova cidade do Rio de Janeiro é contado aos leitores. Ribeiro Couto, jornalista, colega de João do Rio escreve que,

O Rio de Janeiro, o de ontem como o de agora, vive na obra de Paulo Barreto. A cidade foi variando de alma e de fisionomia, mas o escritor acompanhou-a, a todos os instantes. Sua obra é o reflexo da vida carioca em vinte anos de civilização em marcha. Nos seus livros está essa vida vertiginosa, com as suas vaidades, as suas virtudes, os seus vícios, a sua loucura, o seu lirismo, os seus ridículos, os seus tédios, os seus entusiasmos, a sua dor, a sua beleza.²³²

João do Rio também tinha interesse em se fazer notar e para isso não se importava se era bem quisto por seus colegas ou não, e, como já foi frisado, não era bem quisto, como escreveu João Ribeiro, "toda a imprensa vibrou unânime com a morte do brilhante jornalista"²³³

Por mais problemas que tenham tido ambos os escritores cravaram seus nomes como importantes cronistas da vida moderna brasileira especialmente a vida moderna da Capital Federal do início do século XX. Ambos fugiram da figura

²³² COUTO, Ribeiro. In: MAGALHÃES Jr. Raimundo. **A Vida Vertiginosa de João do Rio**: 384

²³³ RIBEIRO, João. In: MAGALHÃES Jr. Raimundo. **A Vida Vertiginosa de João do Rio**: 383

do intelectual entronizado na torre de marfim e caíram na vida, viveram o que escreviam, e, obviamente, faziam as suas leituras dessas experiências. De toda sorte, cada um deles se posicionou criticamente diante da sociedade em que viviam Lima Barreto de maneira mais contundente, João do Rio com um comportamento mais dúbio.

Fontes

Obras de Lima Barreto & João do Rio

BARRETO, Lima. **Prosa Seleta**. São Paulo: Nova Aguilar, 2001. [Fortuna Crítica; Recordações do Escrivão Isaías Caminha; Triste Fim de Policarpo Quaresma; Nuna e a Ninfa; Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá; Clara dos Anjos; Os Bruzundangas; Coisas do Reino de Jambom; Histórias e Sonhos; Outros Contos; Diário Íntimo; Cemitério dos Vivos]

_____. **Correspondência. Ativa e Passiva**. (2 volumes) São Paulo: Brasiliense, 1956.

_____. **Impressões de Leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1961.

_____. **Bagatelas**. São Paulo: Brasiliense, 1961.

_____. **Feiras e Mafuás**. São Paulo: Brasiliense, 1961.

_____. **Vida Urbana**. São Paulo: Brasiliense, 1961.

RIO, João do. **A Alma Encantadora das Ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. **Cinematógrafo**. Porto: Livraria Chardron, 1909.

_____. **As Religiões no Rio**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976.

_____. **Histórias de Gente Alegre** (seleção João Carlos Rodrigues). Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

_____. **O Momento Literário**. Rio de Janeiro: Garnier, 1905

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Luiz Alberto Scotto de. **Lima Barreto: O cânone e o bêbado**. Florianópolis: UFSC, 1997. (Dissertação de Mestrado em Letras).
- BALABAN, Marcelo. Memórias de um demônio aposentado. In: CHALHOUB, Sidney et all (orgs). **História em Causas Miúdas**. Campinas: UNICAMP, 2005.
- BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. 8 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- BAUDELAIRE, Charles. **Escritos sobre Arte**. São Paulo: Imaginário, 1998.
- BEIGUELMANN, Paula. **Por que Lima Barreto?** São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BENCHIMOL, Jaime Larry. **Pereira Passos: Um Hausmann tropical: A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte, 1990.
- BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas III**. Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BILAC, Olavo. **Vossa Insolência**. Crônicas (org. Antônio Dimas) São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BOTELHO, Denílson. Sob o Signo de Floreal: Uma perspectiva histórica da iniciação literária de Lima Barreto. In: **Itinerários**. Revista de Literatura. Araraquara, 23, 2005.
- BOSI, Alfredo. **A Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. Figuras do Eu nas Recordações de Isaias Caminha. IN: **Literatura e Resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil – 1900**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.
- BURKE, Peter (org). **A escrita da História**. Novas Perspectivas. São Paulo: EDUSP, 1994.

CANDIDO, Antônio. Radicais de Ocasão. _____. **Teresina e etc.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CANDIDO, Antônio et alli (orgs). **A crônica:** O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: UNICAMP, 1992

CAMILOTTI, Virgínia Célia - **João do Rio Idéias sem lugar.** Campinas: UNICAMP, 2004. (Tese de Doutorado em História)

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados.** O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo. Companhia das Letras, 1989.

_____. **A formação das almas.** O Imaginário da República no Brasil: Companhia das Letras, 1995.

CERQUEIRA, Roberta Carvalho. **Lima Barreto e os Caminhos da Loucura.** Alienação, alcoolismo e raça na virada do século XX. Rio de Janeiro: PUC/RJ, 2002. (Dissertação de Mestrado em História)

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim.** O cotidiano dos trabalhadores na Belle Époque. Campinas: UNICAMP, 2001.

_____. **Cidade febril:** cortiços e epidemias na Corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs). **A História Contada:** Capítulos de História Social da Literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

_____. MARQUES, Vera Regina Beltrão. SAMPAIO, Gabriela dos Reis. GALVÃO Sobrinho, Carlos Roberto. **Artes e Ofícios de Curar no Brasil:** Capítulos de História Social. Campinas, SP: Unicamp, 2003.

CHALHOUB, Sidney. PEREIRA, Leonardo Affonso de M. NEVES, Margarida de Souza. (orgs) **História em Cousas Miúdas.** Capítulos de História Social da Crônica no Brasil. Campinas: UNICAMP, 2005

DARNTON, Robert. **Boemia Literária e Revolução.** O Submundo das Letras no Antigo Regime. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

DOMINGUES, Chirley. **João do Rio: A Femme Fatale dos Palcos da Belle Époque**. Florianópolis: UFSC, 1998 (Dissertação de Mestrado em Letras).

EAGLETON, Terry. **Marxismo e Crítica Literária**. Porto, _____ **Ideologia da Estética**. Rio de Janeiro; Jorge Zahar, 1993.

EDMUNDO, Luiz. **O Rio de Janeiro do meu tempo**. Rio de Janeiro: Editora Xenon, 1987.

ELIAS, Norbert. **Mozart: Sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1995.

_____. **Estabelecidos e Outsiders**. Sociologia das relações de Poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2000.

ENGEL, Magali Gouveia. **Povo Política e Cultura. Um diálogo entre intelectuais da Primeira República**. XII Encontro Regional de História. ANPUNH- RJ, 2006.

ENGEL, Magali Gouveia. Modernidade, dominação e resistência: as relações entre capital e trabalho sob a ótica de João do Rio. In: **TEMPO**. Rio de Janeiro, n 17.

FANTINATI, Carlos Erivany. **O Profeta e o Escrivão: Estudo sobre Lima Barreto..** São Paulo: ILPHA-HUCITEC, 1978.

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. **Lima Barreto e o Fim do Sonho Republicano**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

_____. **Trincheiras de Sonho**. Ficção e cultura em Lima Barreto. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

FREITAS, Celi Silva Gomes de. **Entre a Vila Quilombo e a Avenida Central: A dupla exterioridade em Lima Barreto**. Rio de Janeiro: UERJ, 2002. (Dissertação de Mestrado em História).

GOMES, Ângela de Castro. **Essa gente do Rio...** Modernismo e Nacionalismo. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

HOBBSBAWN, Eric J. **Sobre a História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Em torno de Lima Barreto. In: **Cobra de Vidro**. São Paulo: Perspectiva; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia de São Paulo, 1978.

- _____. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- MACHADO, Maria Cristina Teixeira. **Lima Barreto: um pensador social na primeira república**. Goiânia: UFG; São Paulo: EDUSP, 2002.
- MAGALHÃES Jr. Raimundo. **A vida vertiginosa de João do Rio**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/Brasília: INL, 1978.
- MAROCHI, Eliete. **A experiência Jornalística de Paulo Barreto**. Florianópolis: UFSC, 2000. (Dissertação de Mestrado em Literatura).
- MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **Sobre Literatura e Arte**. São Paulo: Global, 1979.
- MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. **Prosa de Ficção: 1870-190**. Rio de Janeiro: José Olympio. Brasília: INL, 1973.
- MORAIS, Régis de. **Lima Barreto: Elogio da Subversão**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **O Carnaval das Letras: Literatura e Folia no Rio de Janeiro do século XIX**. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Departam, 1994.
- PEREIRA, Carlos A. M. **A Invenção do Brasil Moderno: Medicina, educação e engenharia nos anos 20-30**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- _____. **Footballmania**. Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro: 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- PESAVENTO, Sandra J. **O imaginário da cidade**. Visões Literárias do Urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- PRADO, Antônio Arnoni. **Lima Barreto: O Crítico e a Crise**. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1976.
- SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do Riso**. A Representação Humorística na História Brasileira: Da Belle Époque aos Primeiros Tempos do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SCHEFFEL, Marcos Vinicius. **Do registro diário à criação**. Joinville: Letra d'água, 2007.

- SCHWARCZ, Lília Moritz. **O Espetáculo das Raças**. Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil. 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SCHARWZ, Roberto (org.) **Os Pobres na Literatura Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão**. Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- _____ & QUEIROZ, Renato da Silva (orgs.). **Raça e Diversidade**. São Paulo: EDUSP, 1996.
- SILVA, Eduardo. **Dom Obá II d'África**, o príncipe do povo: vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SILVA, Elizabet Clemoni Nunes da - **Lima Barreto Rupturas**. Florianópolis: UFSC, 2002. (Dissertação de Mestrado em Letras).
- SILVA, Luiz **A consciência do impacto nas obras de Cruz e Sousa e Lima Barreto**. Campinas: UNICAMP, 2005. (Tese de Doutorado em Teoria e História Literária)
- SUSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo das Letras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. **Modernismo no Rio de Janeiro: Turunas e Quixotes**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- VERANI, Ana Carolina. **O Triste Fim de Lima Barreto**. Literatura, loucura e sociedade na Belle Epoque. Rio de Janeiro: PUC/RJ, 2003. (Dissertação de Mestrado em História).
- WEBER, João Hernesto. **A Nação e o Paraíso: A Construção da Nacionalidade na Historiografia Literária Brasileira**. Florianópolis: UFSC, 1997.